

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Faculdade de Comunicação Social

Pós Graduação em Comunicação Social

Polianne Merie Espindola

O ESTEREÓTIPO NA COMUNICAÇÃO

Uma Análise em Documentários Sobre Terrorismo Islâmico

Porto Alegre

2013

Polianne Merie Espindola

O ESTEREÓTIPO NA COMUNICAÇÃO

Uma Análise em Documentários Sobre Terrorismo Islâmico

Tese apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutora pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Comunicação Social da Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Orientadora:

Prof.^a Dr.^a Cristiane Finger Costa

Porto Alegre

2013

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

E77e ESPINDOLA, Polianne Merie

Os estereótipos na comunicação: uma análise em documentários sobre terrorismo islâmico / Polianne Merie Espindola, 2013.

211p.: il.

Tese (Doutorado) – Fac. de Comunicação Social, PUCRS.

Orientadora: Cristiane Finger.

1. Comunicação. 2. Comunicação Social.
3. Documentário. 4. Terrorismo. 5. Estereótipo.
I. Cristiane Finger. II. Título.

CDU 316.77

Ficha Catalográfica elaborada por
Maristela Eckhardt – CRB-10/737

Polianne Merie Espindola

O ESTEREÓTIPO NA COMUNICAÇÃO:

Uma Análise em Documentários Sobre Terrorismo Islâmico.

Tese apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutora pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Comunicação Social da Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Aprovada em: _____ de _____ de 201____.

BANCA EXAMINADORA:

Prof.^a Dr.^a Cristiane Finger Costa (orientadora - PUCRS)

Prof. Dr. Juremir Machado da Silva (FAMECOS – PUCRS)

Prof. Dr. Draiton Gonzaga de Souza (FFCH - PUCRS)

Prof.^a Dr.^a Christa Liselote Berger Ramos Kuschick (Unisinos)

Prof.^a Dr.^a Cárlida Emerim (UFSC)

Porto Alegre

2013

Dedico esta tese aos casulos que virarão borboletas, e que, em breve, estarão livres para voar e deixar seu pensamento levá-los em qualquer lugar de forma livre, assim como o conhecimento e as ideias fazem com a alma dos indivíduos.

Agradecimentos

A professora doutora Cristiane Finger, minha orientadora, pela confiança, pela paciência e pela orientação.

Aos meus pais, por acreditar em mim e abrir mão da convivência pelo meu sonho. Pelo amor incondicional e apoio dado a mim de todas as maneiras possíveis.

As minhas irmãs pela abnegação de todas nós por anos de convivências perdidos, pelo incentivo e pelo carinho.

Aos meus sobrinhos Pietro e Beatriz que me inspiraram com sua graça e inocência a ser uma pessoa melhor e que despertaram o desejo de um dia ser mãe (e que os meus sejam tão bonitos quanto vocês!).

Ao Leandro S. Heck, pelo companheirismo, pela dedicação e compreensão. Sua amizade e amor foram muito importantes para minha construção pessoal e profissional.

Aos meus mestres da PUCRS, que, desde a graduação, contribuíram para a formação da profissional que sou hoje. Em especial agradeço aos professores Ana Carolina Escosteguy, Ana Claudia Nascimento, Ana Luisa Baseggio, Antônio Carlos Hohfeldt, Beatriz Rhade, Claudia Peixoto de Moura, Cleusa Scroferneker, Cristiane Freitas Gutfreind, Eduardo Campos Pellanda, Francisco Rudiger, Glafira Furtado, Jacques Wainberg, Juremir Machado da Silva, Neka Machado, Roberto Tietzmann e Susana Gib Azevedo.

Aos meus colegas de trabalho, orientandos e alunos da UNISINOS, universidade que me acolheu, confiou em mim e me deu oportunidade. Lugar onde me sinto feliz e realizada fazendo o que de melhor gosto de fazer na vida: lecionar.

Aos professores da UFRGS com os quais fiz disciplinas durante o mestrado e doutorado e aos professores de outras PPGs da PUCRS, em especial os professores Ernildo Stein, Ricardo Timm de Souza e Urbano Zilles da filosofia; Airton Luiz Jungblut, Hermílio Pereira dos Santos Filho e Maria Izabel Mallmann das ciências sociais e Claus Dieter Stobäus da educação.

A cidade de Porto Alegre que, apesar de ter sido muito ingrata comigo em muitos momentos, por questões de adaptação e diferenças culturais, testemunhou minha trajetória acadêmica desde o começo e viu a minha transformação de escoteira para adulta (como diria meu orientador de mestrado). Sem esta cidade não teria percebido toda admiração que sinto pela minha cidade natal que formou uma cidadã de força e garra, que não tem medo de enfrentar os medos e adversidades da vida, justamente por ser o berço de gente guerreira e alegre. Tenho orgulho de ser pernambucana e é justamente por isto que sou como sou, pois as minhas raízes determinaram muito do que sou hoje, pois carrego em meu peito a simplicidade do recifense com aquele brilho no olhar de saudade.

As minhas amigas do peito, Carla Sofia, Mariana e Michelly, que tiveram sua formação junto comigo no Colégio Salesiano Sagrado Coração e até hoje permanecem comigo.

Aos colegas e amigos da PUCRS, que fiz durante toda minha trajetória em Porto Alegre e que, de alguma maneira, estiveram comigo. Além dos amigos advindos do meu relacionamento e que tanto tem ajudaram.

"Uma coisa sobre a qual os peixes desconhecem tudo é a água, pois que não possuem antiambientais que lhes permitam perceber o elemento em que vivem (...). O que os peixes conseguem ver tem uma analogia muito próxima com o grau de consciência que todo mundo tem com relação a um novo ambiente criado por uma tecnologia nova - isto é, quase igual a zero"

(Marshall McLuhan).

Resumo

Esta pesquisa tem por objetivo analisar se os objetos escolhidos abordam visões estereotipadas sobre questões ligadas ao terrorismo islâmico sob a perspectiva oriental e ocidental. Dois documentários foram escolhidos como objetos, são eles: *'Control Room'* e *'Obsession: Radical Islam's War Against The West'*. Para tanto será utilizada a fenomenologia, uma pesquisa voltada para a reconstrução da perspectiva do indivíduo sobre a realidade social em que vive e que também é constituída e modificada por este indivíduo. Nesta abordagem os fenômenos podem ser refletidos a partir de um enquadramento, de um olhar, da apropriação pessoal de ambientes, objetos e práticas. Os principais autores, porém não única matriz teórica, que fundamentam esta pesquisa são: Alfred Schutz, da sociologia fenomenológica; João Carlos Correia, autor contemporâneo que se utiliza dos conceitos de Alfred Schutz para aporte teórico na comunicação e Walter Lippman. Os resultados esperados são verificar se, conforme categorias utilizadas para analisar os documentários, estes reforçam estereótipos sobre temáticas ligadas ao terrorismo islâmico, mesmo com a possibilidade dos indivíduos acessarem informações sobre os mais diversos conteúdos na internet atualmente.

Palavras-chave: Comunicação; Estereótipo; Documentário; Terrorismo.

Abstract

This research aims to analyze whether objects chosen address stereotypical visions on issues related to Islamic terrorism in the eastern and western perspective. Two documentaries were chosen as objects, they are: "Control Room" and "Obsession: Radical Islam's War Against The West". For that will be used to phenomenology, a research aimed at reconstructing the perspective of the individual to the social reality in which they live and that is also composed and modified by this individual. In this approach the phenomena can be reflected from a frameworks to, a look, the personal appropriation of environments, objects and practices. The principal authors, however not unique theoretical matrix that underlie this research are: Alfred Schutz's phenomenological sociology; Joao Carlos Correia, contemporary author who uses the concepts of Alfred Schutz theoretical contribution to communication and Walter Lippman. The expected results are check, according to the categories used to analyze the documentaries, they reinforce stereotypes about thematic linked to Islamic terrorism, even with the possibility of individuals to access information about the various contents on the internet today.

Keywords: Communication; Stereotype; Documentary; Terrorism.

Lista de Figuras

Figura 1: Arte da capa do DVD do documentário ‘Control Room’.....	98
Figura 2: Entrevistados do documentário ‘Control Room’.....	101
Figura 3: Visão do entrevistado Samir Khader.....	104
Figura 4: Discurso do ex-presidente George W. Bush.....	105
Figura 5: Entrevistados secundários de ‘Control Room’.....	106
Figura 6: Enquadramento – Josh Rushing.....	107
Figura 7: Enquadramento – Abdallah Scheifer.....	108
Figura 8: Imagens de soldados norte-americanos (1).....	108
Figura 9: Imagens de soldados norte-americanos (2).....	109
Figura 10: Imagens de soldados norte-americanos (3).....	110
Figura 11: Visão de Abdallah Scheifer.....	110
Figura 12: Visão de Josh Rushing.....	110
Figura 13: Enquadramento – Dima Kahtib.....	112
Figura 14: Estátua de Saddam Hussein.....	113
Figura 15: Enquadramento – Mídia ocidental (1).....	113
Figura 16: Enquadramento – Mídia ocidental (2).....	114
Figura 17: Imagens de iraquianos.....	115
Figura 18: Contraponto de Khader à imagem de iraquianos.....	115
Figura 19: Queda da estátua de Saddam Hussein (1).....	115
Figura 20: Queda da estátua de Saddam Hussein (2).....	116
Figura 21: Visão de Dima Kahtib.....	117
Figura 22: Soldados <i>versus</i> população iraquiana.....	117
Figura 23: Queda da estátua de Saddam Hussein (3).....	117
Figura 24: Kahder sobre a imprensa ocidental.....	118

Figura 25: Discurso de Bush no porta-aviões (1).....	118
Figura 26: Discurso de Bush no porta-aviões (2).....	119
Figura 27: Enquadramento – Reação do tradutor.....	119
Figura 28: Imagem de soldados norte-americanos (1).....	120
Figura 29: Imagem de soldados norte-americanos (2).....	121
Figura 30: Imagens mentais – Josh Rushing (1).....	121
Figura 31: População árabe (1).....	122
Figura 32: População árabe (2).....	122
Figura 33: Imagens mentais – Josh Rushing (2).....	123
Figura 34: Ex-secretário de defesa dos EUA.....	125
Figura 35: Relevância volitiva – Samir Kahder (1).....	126
Figura 36: Imagem de TV oriental.....	126
Figura 37: Relevância volitiva – Samir Kahder (2).....	127
Figura 38: Relevância interpretativa – Hassan Ibrahim.....	128
Figura 39: Imagem de guerra – Mídia oriental (Al Jazeera).....	128
Figura 40: Entrevistada secundária – Joanne Tucker.....	129
Figura 41: Entrevistado secundário – Abdul Jabbar Al-Kubeisi.....	130
Figura 42: Tenente norte-americano Vicent Brooks (1).....	131
Figura 43: Tenente norte-americano Vicent Brooks (2).....	131
Figura 44: Porta-voz norte-americana.....	132
Figura 45: Jornalistas <i>versus</i> militares norte-americanos.....	132
Figura 46: Relevância motivacional – Samir Kahder.....	134
Figura 47: Relevância motivacional – Soldados norte-americanos.....	135
Figura 48: Arte da capa do DVD do documentário ‘ <i>Obsession</i> ’.....	144
Figura 49: Entrevistados do documentário ‘ <i>Obsession</i> ’.....	146
Figura 50: Homens-bomba no Líbano (1).....	154

Figura 51: Homens-bomba no Líbano (2).....	154
Figura 52: Divisão do documentário (1).....	155
Figura 53: Escola no oriente médio.....	156
Figura 54: Divisão do documentário (2).....	157
Figura 55: Mufti Sabri (1).....	158
Figura 56: Mufti Sabri (2).....	158
Figura 57: Mufti Sabri (3).....	159
Figura 58: Mufti Sabri (4).....	159
Figura 59: Divisão do documentário (3).....	161
Figura 60: Yassir Arafat (1).....	161
Figura 61: Yassir Arafat (2).....	162
Figura 62: Anjem Choudary (1).....	162
Figura 63: Anjem Choudary (2).....	163
Figura 64: Anjem Choudary (3).....	163
Figura 65: Anjem Choudary (4).....	164
Figura 66: Integrantes da equipe dos 9.....	165
Figura 67: Anjem Choudary (5).....	165
Figura 68: Divisão do documentário (4).....	166
Figura 69: Sheir Al-Munajid (1).....	167
Figura 70: Sheir Al-Munajid (2).....	167
Figura 71: Sheir Al-Munajid (3).....	168
Figura 72: Sheir Al-Munajid (4).....	168
Figura 73: Propaganda da TV iraquiana (1).....	169
Figura 74: Propaganda da TV iraquiana (2).....	169
Figura 75: Propaganda da TV iraquiana (3).....	170
Figura 76: Propaganda demonizando Ariel Sharon (1).....	171

Figura 77: Propaganda da TV iraniana (4).....	171
Figura 78: Propaganda demonizando Bush (1).	172
Figura 79: Propaganda demonizando Ariel Sharon (2).....	172
Figura 80: Propaganda demonizando Sharon e Bush.....	173
Figura 81: Propaganda demonizando Bush (2).	173
Figura 82: Propaganda iraniana com viés infantil (1).....	175
Figura 83: Propaganda iraniana com viés infantil (2).....	175
Figura 84: Propaganda alemã com viés infantil (1).....	176
Figura 85: Propaganda alemã com viés infantil (2).....	176
Figura 86: Propaganda da TV palestina (1).	177
Figura 87: Propaganda da TV palestina (2).	178
Figura 88: Divisão do documentário (5).	179
Figura 89: Discurso de Adolf Hitler (1).....	180
Figura 90: Discurso de Adolf Hitler (2).....	180
Figura 91: Imagem de Adolf Hitler.....	181
Figura 92: Heil Hitler (1).....	183
Figura 93: Heil Hitler (2).....	183
Figura 94: Alusão ao cumprimento Heil Hitler (1).	184
Figura 95: Alusão ao cumprimento Heil Hitler (2).	184
Figura 96: Alusão ao cumprimento Heil Hitler (3).	185
Figura 97: Alusão ao cumprimento Heil Hitler (4).	185
Figura 98: Propaganda da TV egípcia.....	187

Lista de Tabelas

Tabela 1: Análise do documentário ' <i>Control Room</i> '.....	99
Tabela 2: Resumo da categorização dos comentários.....	141
Tabela 3: Análise do documentário ' <i>Obsession</i> '.....	153
Tabela 4: Resumo da categorização dos comentários.....	193

Sumário

1. Introdução	18
2. Indivíduo e Sociedade: Uma Perspectiva Contemporânea.....	30
2.1. A Sociedade Contemporânea, o Cotidiano e a Cultura: Vivências e Valoração.....	33
2.2. <i>Self</i> Contemporâneo e Tecnologia da Informação e Comunicação: A influência Direta no Indivíduo	37
2.3. A Nova Lógica <i>Espacio-Temporal</i> e Mídia: Suas Atuações Perante o Interagente.	42
3. Da Pré-Fenomenologia à Pós-Fenomenologia: Terrorismo na Ambiência Midiática Massiva e Pós-Massiva	48
3.1. Pré-Fenomenologia e a Fenomenologia de Alfred Schutz: uma contribuição histórica.	50
3.2. John Locke e a Influência no <i>a priori</i> da Fenomenologia.....	50
3.3. David Hume: Colaboração à Fenomenologia	51
3.4. A fenomenologia de Alfred Schutz	57
3.5. Gustave Le Bon – Crenças e Opiniões como Geradores de Conhecimento: Conceitos Contributivos à Fenomenologia	70
4. Documentário.....	74
5. Estratégias Metodológicas.....	85
6. Descrição e Análise dos Objetos	98
6.1. Control Room: A guerra do Iraque na visão da Al-Jazeera	98
6.1.1. <i>Control Room: Análise</i>	103
6.1.1.1. Categorias de análise.....	103
6.1.1.1.1. Construção do real	103
6.1.1.1.2. Enquadramento.....	106
6.1.1.1.3. Imagens mentais	119
6.1.1.1.4. Relevância temática imposta.....	123
6.1.1.1.5. Relevância temática volitiva ou motivada	124
6.1.1.1.6. Relevância interpretativa.....	127
6.1.1.1.7. Relevância motivacional.....	133
6.1.1.2. Comentários do Documentário no YouTube.....	136
6.1.1.2.1. Categoria ‘Confirmação dos estereótipos’	139
6.1.1.2.2. Categoria ‘Desconstrução dos estereótipos’	140

6.1.1.2.3. Categoria ‘Comentários neutros ou com conteúdos de divulgação’	140
6.1.1.2.4. Comparação das categorias.....	141
6.1.2. <i>Considerações da Análise: Control Room</i>	142
6.2. Obsession: Radical Islam’s War Against the West	144
6.2.1. <i>Obsession: Exploração do objeto</i>	151
6.2.1.1. Categorias de análise:	153
6.2.1.1.1. Construção do real	153
6.2.1.1.2. Enquadramento.....	160
6.2.1.1.3. Imagens Mentais	166
6.2.1.1.4. Relevância temática Imposta.....	174
6.2.1.1.5. Relevância temática Volitiva ou Motivada.....	174
6.2.1.1.6. Relevância Interpretativa.....	182
6.2.1.1.7. Relevância Motivacional.....	186
6.2.1.2. Comentários do Documentário no YouTube.....	188
6.2.1.2.1. Categoria ‘Confirmação dos estereótipos’	191
6.2.1.2.2. Categoria ‘Desconstrução dos estereótipos’	192
6.2.1.2.3. Categoria ‘Comentários neutros ou com conteúdos de divulgação’	192
6.2.1.2.4. Comparação das categorias.....	192
6.2.2. <i>Considerações da Análise: Obsession</i>	194
6.3. Discussão e Contribuições: Análise Entre os Documentários	195
7. Considerações	200
Referências Bibliográficas	206

1. Introdução

Os detalhes de um objeto o tornam único. Cada fenômeno analisado é fruto de uma percepção específica. Assim, as diferenças dos objetos podem ser observadas sob perspectivas diferentes e compreendidas de forma distinta pelo indivíduo, não existindo uma visão mais ou menos verdadeira. Neste sentido, o que diferencia esta pesquisa é a possibilidade de identificar os vários elementos que constituem a situação ou o problema de pesquisa, permitindo que se tirem diferentes conclusões.

Para expressar uma dada informação e justificar seu enfoque, a comunicação articula numerosas palavras e frases. A linguagem da guerra, por exemplo, é destinada a suavizar ou não as realidades trágicas por meio de técnicas de manipulação altamente sofisticadas que envolvem as palavras de criação do sistema operacional, frases, eufemismos e imagens e, no processo, dessensibilizar os sentimentos humanos ou manipulá-los.

A fim de atingir seus objetivos, líderes governamentais e militares, auxiliados pelos profissionais de mídia de massa, deslocam a realidade com ficção, com o simbolismo e com propaganda. Tudo isso cada vez mais distantes da experiência pessoal e mais dependente das representações da realidade que chegam aos indivíduos através da televisão e da mídia em geral, seja ela massiva ou pós-massiva.

Esta situação é intensificada durante os conflitos e guerras em que os termos altamente carregados de representações diferenciadas, tais como o fundamentalismo, o terrorismo ou *jihad* são usados para influenciar a opinião pública em favor de uma agenda. Através da comunicação, não apenas da ordem midiática e com dimensão tecnológica, mas as interrelações entre a mídia e a comunicação interpessoal. É uma relação sistêmica entre as redes, os materiais e os conteúdos.

Têm-se vários discursos sociais difundidos na sociedade de forma estereotipada. Estes fazem parte do próprio cotidiano que os indivíduos estão inseridos nas práticas culturais.

É através do compartilhamento dos fenômenos que a notícia circulante nas mídias torna-se espelho da realidade, definindo e dando forma a um acontecimento Hic ET

nunc¹. As mídias não dizem aos indivíduos sobre o que pensar, mas incidem sobre a atenção individual dos consumidores da informação contida ali. Não é possível deixar de associar esta ideia ao conceito *schutziano* de relevância, entendida como a importância atribuída pelo interagente² a diversas zonas do conhecimento social, em função dos seus projetos e planos de vida. O que as mídias fazem ao produzirem um efeito de enquadramento é alterar sistemas de relevância, ou seja, dar conhecimento público do que se entende ser importante discutir. Esse interesse é despertado num contexto de economia da atenção no qual os veículos de comunicação que os indivíduos utilizam desempenham um papel fundamental, na medida em que introduzem, amplificam e tornam generalizáveis as tipificações em que se fundam os interesses relativos comuns dos indivíduos que agem no mundo da vida³.

Neste cenário, a pesquisa fenomenológica que será utilizada nesta pesquisa deixa aberto o caminho para um conjunto de possibilidades no seio da análise dos processos dos documentários, que serão os objetos a serem analisados. A teoria da comunicação na vida cotidiana prolonga-se na análise da importância dos veículos de comunicação na formação da atitude natural e do conhecimento intersubjetivamente partilhado, levantando questões que são de interesse comum a todos. Os meios informativos esboçam muitas destas imagens geradoras do 'socialmente compartilhado' em nossas mentes.

Para entender este processo é preciso invocar o esquema *ready-made*⁴ de interpretação que permite aos indivíduos localizar, perceber, identificar e categorizar as informações ao seu redor.

A relevância social do estudo se dá pelo crescimento de interação cultural e trocas simbólicas entre indivíduos de diferentes perfis e constituições sociais, comunicacionais e espaciais. Na forma de investigação escolhida para esta pesquisa, a análise de estereótipos sociais, culturais, religiosas, étnicas e nacionais é necessária e por isso mui-

¹ Aqui e agora.

² Nesta pesquisa, considera-se interagente como sinônimo de indivíduo, telespectador, usuário e demais nomenclaturas de cidadãos que consomem informações através da mídia.

³ A definição de mundo da vida será realizada ao longo da revisão bibliográfica desta pesquisa.

⁴ Feito sob medida.

to comum. O conceito de estereótipo provém das palavras gregas *stereòs* (rígido) e *túpos* (impressão).

Os estereótipos formam parte da cultura de um grupo e, como tais, são adquiridos pelos indivíduos e utilizados para uma eficaz compreensão da realidade. Ademais, a conscientização dos estereótipos cumpre para o indivíduo uma função de tipo defensivo: ao contribuir com o mantimento de uma cultura e de determinadas formas de organização social, garantem o resguardo das posições alcançadas (MAZZARA, 1999, p. 14).

Bruno Mazzara (1999) aponta como perfil da estereotipia a simplificação das características que um povo cultiva diferentemente do outro, resultando com alguma frequência na cristalização de preconceitos. Ambos acabam predispondo o comportamento dos indivíduos frente ao desconhecido. Fica claro que um estereótipo cultural não é neutro, é uma projeção que se faz sobre o outro. Em boa medida, é um juízo de valor.

“... quando um sistema de estereótipos é bem fixado, nossa atenção é chamada para aqueles fatos que o apoiam, nos afastando daqueles que o contradizem. (...) o que é estranho será rejeitado, o que é diferente cairá em olhos cegos. Não vemos o que nossos olhos não estão acostumados a levar em conta” (LIPPMANN, 2008, p. 60).

O estereótipo está carregado de sentidos, de tradição. É um rótulo que condiciona o olhar antes mesmo que possamos ver algo. Walter Lippmann (2008) expõe que só se tira o rótulo, só se desvencilha dos estereótipos quando se reconhece as opiniões como experiências parciais, guiadas por estereótipos, para assim os indivíduos tornarem-se realmente tolerantes.

Na cultura ocidental, o termo estereótipo tem um significado muito negativo. A forma de pensar e fazer juízo sobre a realidade se apresenta menos flexível e livre de estereótipos do que o esperado. No dia a dia o indivíduo quase não discerne que o estereótipo nem sempre deve ter conotação negativa e que auxilia na compreensão comunicacional.

O homem não contempla simplesmente os objetos ou lhes registra passivamente os indícios. Ao discriminar e reunir os indícios essenciais, ele sempre *designa* pela palavra os objetos *perceptíveis*, nomeando-os, e deste modo apreende-lhes mais a fundo as propriedades e as atribui a determinadas categorias (LURIA, 1979, p. 41) (grifo do autor).

Podia-se pensar que, atualmente, numa sociedade caracterizada pelo predomínio da racionalidade tecnológica e pela aceitação cada vez maior dos valores de igualdade, complacência e convivência democrática, os estereótipos estavam adaptados a conviver com os novos valores de racionalismo e tolerância. Porém, cada um atua e pensa em função de sua própria relação de valores culturais e ideológicos, e que pode ser mais ou menos maleáveis, mas nunca se liberta totalmente de raízes arraigadas.

O **tema da pesquisa** situa-se na análise de comportamento estereotipado sobre terrorismo islâmico, que gera a construção de preconceito, racismo e xenofobia em plataformas de comunicação on-line. Os documentários que são **objetos** desta pesquisa, distribuídos em suporte pós-massivo de comunicação⁵, são destaque entre o segmento de mídias informativas devido a seu poder de circulação através de uma ferramenta de publicação de vídeos disponível no ciberespaço com acesso irrestrito, descentralizado e interativo. A opção desta pesquisa é pelos documentários que possivelmente possam retratar o comportamento preconceituoso, estereotipado ou xenófobo sobre terrorismo islâmico e suas ambiências como, por exemplo, religião, *jihad* ou política.

“... as sociedades contemporâneas assistem a um fortalecimento de referenciais que remetem ao passado, de uma necessidade de continuidade entre passado e presente, da preocupação de dotar-se de raízes e memória. Embora a globalização técnica e comercial instaure uma temporalidade homogênea, o fato é que ela é concomitante a um processo de fragmentação cultural e religiosa que mobiliza mitos e relatos fundadores, patrimônios simbólicos, valores históricos e tradicionais” (LIPOVETSKY, 2004, p. 92).

Na comunicação, bem como em seus veículos, é natural a tipificação de seu conteúdo, e depende da cultura o grau com o qual os indivíduos realizam as estereotipias. Pode-se pensar sobre a influência da cultura na vida cotidiana a partir da posição que assumem os valores individualistas, que sugerem a transformação dos modos de vida, dos gostos e dos comportamentos.

⁵ Posto que estão disponíveis na internet em sites como *YouTube*, além de possuírem site próprio, terem sido encartados em revistas e jornais, estarem disponíveis nas redes sociais e serem transmitidos em canais de TV fechada.

O sofrimento nos ameaça a partir de três direções: de nosso próprio corpo, condenado à decadência e à dissolução, e que nem mesmo pode dispensar o sofrimento e a ansiedade como sinais de advertência; do mundo externo, que pode voltar-se contra nós com forças de destruição esmagadoras e impiedosas; e, finalmente, de nossos relacionamentos com os outros homens. O sofrimento que provém dessa última fonte talvez nos seja mais penoso do que qualquer outro (FREUD, 1997, p. 25).

Em face desta ambiência, o **objetivo geral** desta pesquisa é verificar como a face negativa do estereótipo (o preconceito, a xenofobia) é representada nos documentários escolhidos para análise.

O documentário é, sem dúvida, um meio de comunicação heterogêneo, distribuído das mais diferentes formas e consumido nos mais diferentes formatos, atingindo classes sociais e faixas etárias conforme conteúdo e interesses pessoais. Sendo utilizado como fonte de informação, e não apenas entretenimento. Pois é uma mídia preditiva, propagando informações e, no caso da cultura, reforçando generalizações.

Em pesquisa no site da Capes, CNPQ, bibliotecas de universidades nacionais, BOCC e em mecanismos de busca on-line, podem ser encontrados trabalhos sobre a temática proposta, mas que não apresentam enfoque semelhante ao sugerido neste projeto, nem em relação a tese proposta, bem como sua aplicabilidade na metodologia escolhida para esta pesquisa. Desta forma, se sugere que pode ser contributivo à área, tanto no que se refere ao enfoque quanto a tese. Por outro lado, através desta pesquisa será possível como **objetivos específicos**:

- Investigar como são as considerações a cerca do terrorismo islâmico e suas temáticas conectivas, como, por exemplo, a política e a religião, e como são abordadas nos documentários escolhidos;
- A partir do mapeamento dos documentários, identificar em quais momentos deles há indícios de ideias estereotipadas sobre temáticas ligadas ao terrorismo islâmico;
- Verificar se valores culturais estereotipados são destacados nos documentários de forma a incentivar o interagente a efetivamente seguir determinados comportamentos ou reforçar estereótipos, destacando-os.

A mídia passa por grande mudança em razão da tecnologia da comunicação e informação, o que certamente vai ter impacto direto e indireto na sua lógica. Neste cená-

rio, observam-se **hipóteses** de investigação possível a partir desta pesquisa: Não há alteração no consumo sobre temáticas ligadas ao terrorismo islâmico neste contexto atual independentemente da plataforma midiática de consumo. Assim como não há alteração nas práticas das mídias sobre terrorismo islâmico proporcionadas pela lógica midiática contemporânea.

Neste cenário, o **problema de pesquisa** proposto está em analisar os conteúdos estereotipados de documentários com perfis orientais e ocidentais sobre o terrorismo islâmico e suas ambiências, que legitimam discursos e construção da realidade.

Para a fenomenologia, o papel da mídia tem fator de vínculo social. E, neste sentido, as notícias tem valor importante no cotidiano. Por outro lado, o objetivo do terrorismo, temática comum aos documentários que serão analisados e que faz parte do imaginário dos indivíduos através da mídia, é semear o pânico e levar ao desequilíbrio político mundial através da comunicação. Na medida em que a mídia desempenha um papel importante nas sociedades democráticas e que a informação, atualmente, funciona em escala mundial, os terroristas jogam também com a mídia, fazendo dela um amplificador. Prova de que a mídia tradicional (TV, rádio e jornais) e a Internet podem fazer o melhor e o pior. Isso reclama uma visão política, no sentido amplo da comunicação. Ou seja, é preciso uma orientação, um projeto para as mídias tradicionais e pós-massiva.

Neste sentido, Wainberg (2005) sugere em sua obra 'Mídia e Terror – Comunicação e violência política' a hipótese de que sem a imprensa provavelmente não haveria terror. Ligados simbolicamente nesta relação de dependência, os terroristas veem a mídia como uma fonte encorajadora de suas ações, especialmente por que confere legitimidade às suas reivindicações políticas e ideológicas. Esta propagação de ideias por meio da violência tem como objetivo a persuasão. Na verdade, o terrorismo controla a liberdade de imprensa por meio do seu ideal de pressão e violência. Em outras palavras, o terror age com violência para fazer propaganda de sua causa. Se a intenção é induzir o medo, então o terrorismo segue seus alvos (os espectadores), utilizando estratégias psicológicas indiretas, como as ameaças. Pouco preocupados com os efeitos físicos, os terroristas desejam, por meio dos efeitos cognitivos e da ameaça, uma mudança de atitudes do governo e da opinião pública. Para Wainberg (2005), a relação do terrorismo com a propaganda se reforçou principalmente após os atentados de 11 de setembro de 2001

contra os Estados Unidos. Mas, desde a II Guerra Mundial, já havia laços entre o terror e a propaganda durante o uso do rádio como meio de difundir as ideias nazistas.

“... há uma fala (a atrocidade cometida), há um emissor (os grupos terroristas), há um canal (a mídia em geral, mas em especial a televisão) e há uma simbologia envolvida (os alvos são escolhidos por seu valor emocional e afetivo). E há certamente um público destinatário para o horror produzido e que é disseminado pelos meios massivos de comunicação” (WAINBERG, 2005, p.10).

Por outro lado, pode ser pontuada outra visão entre a relação da mídia com o terrorismo. Afinal de contas, para a fenomenologia, os fenômenos não são vistos apenas sob uma ótica, mas sob um prisma de possibilidades. Tais reivindicações do terrorismo podem também atuar com a intenção de pautar na discussão pública os interesses dos grupos terroristas. Tentando direcionar o pensamento das pessoas para suas ideologias, os terroristas veem na relação com o público a possibilidade de terem suas causas repensadas e, até mesmo, aceitas (em nome da paz, da ordem social ou da justiça, da *jihad*, por exemplo). Pode-se afirmar que, em questões de terrorismo, a mídia recebe um campo de tensão – por meio do governo e dos próprios terroristas. Ao mesmo tempo em que sugere sua liberdade de expressão, a imprensa pode se mostrar suscetível a pressões devido aos seus interesses com o governo e com os próprios resultados que a espetacularização do terrorismo provoca. Mais significativa do que a propaganda terrorista é a receptividade da mídia com os objetivos pautados pelo terrorismo – seus manifestos, e atos grandiosos de destruição conferem audiência, visibilidade para os terroristas e pressão para o público.

Dessa forma, a mídia é vista como uma construção da imagem do mundo e não como um retrato parcial de eventos. Além disso, são oferecidos estímulos à imprensa – estes, contudo, são os que alimentam o imaginário e, até mesmo, a opinião do público. O poder da mídia, contudo, se expressa no seu *status* social e político, seu nível de recursos, sua audiência. Neste caso, sua vulnerabilidade aparece na dependência dos antagonistas e na dependência de um conflito específico. Na verdade, os antagonistas surgem porque querem abalar a imagem e o significado do senso comum. A relação entre os antagonistas e a mídia é também definida por um círculo de transações culturais no qual cada lado apresenta sua própria interpretação ideológica da realidade. A relação entre atores políticos e imprensa é muito mais que um negócio sincero: é uma forma de inte-

ração social no qual os comportamentos de cada lado são regulados por elaborados e independentes círculos de ideologias as quais vão além da relação de custo e benefício. Nesta relação de competitividade pelo poder, a fenomenologia aborda, em outros termos, parte da dependência que caracteriza a relação de controle à liberdade de imprensa evocada pelo terrorismo. Um destes aspectos está centrado na troca de informações e notícias de uma cobertura jornalística.

Os antagonistas, por exemplo, colocam a mídia em uma posição cômoda, oferecendo-lhe entrevistas exclusivas, imagens perfeitas, informações e notícias. A cobertura jornalística poderá legitimar ou não o poder que os antagonistas têm sobre a imprensa. Mas, quanto mais ameaçador e mais imagens e boas histórias produzir, mais a mídia estará interessada nesta ambígua relação. O produto disso poderá ser refletido na violência contra a imprensa, com mortes e sequestros, e em mudanças na opinião pública e na condução da política, objetivos principais dos grupos terroristas.

Os jornalistas e a mídia se transformam em alvos para a divulgação da ideia política e ideológica do terrorismo, o que produz uma dependência constante com os profissionais da imprensa. Nessa perspectiva, os terroristas, as redes de televisão e a imprensa em geral são capazes de conduzir o noticiário midiático, sugerindo alguns enquadramentos de acordo com seus interesses. Na verdade, eles apontam o assunto a ser discutido, seus ângulos. Na maioria dos casos, para obter mais credibilidade e segurança, a mídia encontra um esteio nas informações oficiais – que muitas vezes vem incutida com interesses e propagandas ideológicas do governo.

Capaz de oferecer uma porção da realidade, parte das coberturas jornalísticas de terrorismo tem em seu produto um reflexo do controle, da manipulação e da autocensura provenientes do jogo de poder entre autoridades e terroristas. A relação entre os meios de comunicação e o terror é representada por sentimentos paradoxais.

Para Wainberg (2005), o terror é público por natureza. Pode ser considerado uma fala compreensível e de fácil absorção, ou uma essência do processo comunicacional. Ou seja, existe uma importante discussão se a mídia encoraja os terroristas ou não. Além disso, especialistas pontuam que um dos mais importantes reflexos do jornalismo é o fato de aumentar o número de atividades terroristas – devido aos efeitos de repetição provocados. Ou seja, o conteúdo informativo divulgado pela imprensa é capaz de

fornecer conhecimentos sobre o assunto, além de ajudar a espalhar o terror no imaginário das pessoas.

Como o controle pela mídia surgiu em paralelo à propagação do terrorismo, diante de novas lógicas da perspectiva de controle, até mesmo os veículos de comunicação passaram a aplicar regras próprias de autocensura para tais coberturas jornalísticas. Com o poder de agir nas cognições, encantar com palavras e imagens, a mídia se vê suscetível ao jogo de pressões de todos os lados, pois parece ainda viver uma crise de identidade em que se debatem questões de ética, liberdade e direito à livre informação. Seu controle pelo terrorismo é, muitas vezes, invisível, mas real.

Esta pesquisa não é sobre discurso ou recepção, nem tampouco de uma mídia específica, mas de um fenômeno e suas articulações com os meios de comunicação, representado pelos documentários e o cotidiano. Está centrado nas práticas narrativas dos mesmos e os modos de apropriação do fenômeno. Propõe identificar as transformações na cultura cotidiana em relação às comunicações de tal objeto.

Conforme problemas, objetivos e hipóteses formuladas, a **tese que se busca nesta pesquisa** é: Apesar da possibilidade de acesso às informações cada vez maior, proporcionadas pelas tecnologias da informação e seus dispositivos, não há modificação dos estereótipos sobre questões culturais ligadas ao terrorismo islâmico.

No primeiro capítulo será abordada a importância do indivíduo dentro de uma sociedade, assim será possível identificar que a análise dos documentários, na perspectiva desta pesquisa, parte do pressuposto que tanto o produtor quanto o receptor de conteúdos veiculados em mídias possuem subjetividades de leitura daquele determinado conteúdo conforme sua cultura e suas experiências no âmbito público e privado. Assim, a análise realizada nos documentários será apenas de cunho demonstrativo, de acordo com embasamento teórico e metodológico, não tendo aqui a pretensão de realizar uma análise de discurso ou de conteúdo de maneira direta, mas uma apresentação do cenário, conforme enquadramento realizado nos documentários, bem como uma categorização das subjetividades conforme método de análise proposto, que será explicitado adiante.

Em seguida, ainda no primeiro capítulo, a reconfiguração da cultura face à nova lógica da comunicação, pautada por dispositivos tecnológicos da informação e comunicação

é abordada como um dos fatores que altera a perspectiva do indivíduo na forma de apreensão dos conteúdos veiculados nas mídias, sem, no entanto, se deter na produção ou recepção destes conteúdos, apenas apontando alterações que este ambiente proporciona. Tanto no que diz respeito a este indivíduo, apresentando a ambiguidade do individualismo deste sujeito, quanto aos novos estímulos proporcionados pelos veículos de comunicação massivos e pós-massivos face às modificações ocorridas na sociedade, nos indivíduos e na comunicação.

No segundo capítulo, a fenomenologia é abordada para contribuir no entendimento da dialógica entre indivíduo e veículos de comunicação e como acontece a construção social da realidade neste contexto. Posto que o indivíduo constrói sua própria realidade, pautada na sua cultura e experiências, mas também recebe uma construção da realidade através dos veículos de comunicação. Sabendo-se que, *a priori*, a identificação dos conteúdos disponíveis em veículos de comunicação é realizada através de estereótipos.

Ninguém contesta o fato de controlar os preconceitos do nosso próprio presente a ponto de não interpretarmos mal os testemunhos do passado, é um objetivo válido, mas obviamente que este controle não realiza plenamente a tarefa de compreender o passado e suas transmissões. Os preconceitos não são forçosamente injustificados e errados, a fim de distorcerem inevitavelmente a verdade. Na realidade, a historicidade da nossa existência implica que os preconceitos, na acepção literal do termo, constituam a orientação inicial de toda a nossa capacidade de sentir. Os preconceitos são orientações da nossa abertura em relação ao mundo. A natureza da experiência (...) não reside no fato de algo ser exterior e pretender a admissão, pelo contrário, somos dominados por algo e precisamente através dele despertamos para o novo, o diferente (BLEICHER, 1980, p. 185-188).

Sabe-se que o estereótipo é uma questão cognitiva e não apenas cultural. A cultura perpassa sobre a temática, sobre a forma como o indivíduo enxerga o mundo e o próximo (ou o diferente). Walter Lippmann, em seu livro 'Opinião Pública' (2008), explicita que estereótipos são as fortalezas de nossa tradição. "Os fatos que vemos dependem de onde estamos posicionados, e dos hábitos de nossos olhos. (...), nós não vemos em primeiro lugar, para então definir, nós definimos primeiro e então vemos" (LIPPMANN, 2008, p. 66). Complementando o sentido exposto, tem-se que:

O processo de interpretação da comunicação recebida em hipótese alguma pode ser considerado um simples processo de assimilação do significado das palavras (...). O processo de decodificação ou interpretação da comunicação é sempre um meio de decifrar o sentido *geral*, implícito na comunicação recebida ou, em outras palavras, um complexo processo de discriminação dos elementos mais importantes do enunciado, a transformação de um sistema desenvolvido de comunicação no pensamento nela latente (LURIA, 1979, p. 76) (grifo do autor).

Desta forma, o estereótipo é um produto da interação social – *habitus*. A experiência social vai determinar como os indivíduos selecionam a informação; são resíduos de memória ancestral preservada no inconsciente coletivo. Os indivíduos têm categorias socialmente salientes, nas quais organizam o mundo: a redução de incertezas gera conhecimento.

Todo o conhecimento opera por seleção de dados significativos e rejeição de dados não significativos: separa (distingue ou desune) e une (associa, identifica); hierarquiza (o principal, o secundário) e centraliza (em função de um núcleo de noções mestras). Estas operações, que utilizam a lógica, são de fato, comandadas por princípios ‘supralógicos’ de organização do pensamento ou paradigmas, princípios ocultos que governam a nossa visão das coisas e do mundo sem que disso tenhamos consciência (MORIN, 1991, p. 13).

Caso a informação seja insuficiente, acontecem as generalizações. O homem recebe um imenso número de estímulos, mas entre eles elege os mais importantes e ignora o restante. Potencialmente ele pode fazer um elevado número de prováveis escolhas, mas enfatiza poucos movimentos lógicos que integram as suas habilidades e inibem outras. Surge-lhe grande número de associações, mas ele mantém apenas algumas imprescindíveis para a sua atividade e abstrai outras que dificultam o seu processo racional de pensamento. “A seleção da informação necessária, o asseguramento dos programas seletivos de ação e a manutenção de um controle permanente sobre elas são convencionalmente chamados de atenção” (LURIA, 1979, p. 01).

Em seguida, no próximo capítulo, serão abordadas descrições e contextos sobre documentário, pois este sempre se beneficiou com a utilização de novas tecnologias, seja em relação a sua difusão ou produção. Aqui se entende que no documentário não é observada apenas contemplação da construção do real através de sua narrativa, mas uma difusão de imagens que dá profundidade e complexidade ao seu discurso. E, como no ambiente digital, plataforma de exposição dos vídeos analisados nesta pesquisa, se pres-

supõe alteração na maneira com que o entretenimento, o lazer, o trabalho, o gerenciamento político, o consumo, a comunicação e a educação são alterados por sua lógica, o usuário é capaz de encontrar conteúdos que, através do processo de interação, possam produzir conhecimento (TURKLE, 2011). Assim, neste ambiente digital, o vídeo tornou-se um elemento decisivo para um novo contexto no qual o espectador escolhe, seleciona, apropria-se e, algumas vezes, interfere nos produtos midiáticos disponibilizados para consumo, é uma das potencialidades das tecnologias digitais, além dos hiperlinks disponíveis em vídeos do *YouTube*, por exemplo, rede social aonde os documentários '*Control Room*' e '*Obsession*' estão disponibilizados e serão analisados.

Já no capítulo metodológico, é descrita a estratégia metodológica aplicada a esta pesquisa, com ênfase nas categorias utilizadas para analisar os dados obtidos nos filmes de não ficção.

Após esta etapa os objetos são descritos, explorando '*Control Room*' e '*Obsession*', colocando-os em categorias onde se identifica estereótipos na narrativa. Depois há uma discussão e contribuição decorrente do cruzamento entre os objetos de análise para, então, vir as considerações desta pesquisa.

2. Indivíduo e Sociedade: Uma Perspectiva Contemporânea

"Cada pessoa (...) possui sua própria caverna particular, que interpreta e distorce a luz da natureza. (...) Assim, alguns espíritos têm condições para assinalar as diferenças, outros, as semelhanças, e ambos tendem ao erro, embora de maneiras opostas; por outro lado, o dedicar-se a uma ciência ou a uma especulação particular pode conformar de tal modo o pensamento do homem, que este tudo interpreta à luz daquela" (BACON, 1999, p. 13).

A episteme da palavra indivíduo já sugere alteridade desde o início do termo. Fica intrínseca a qualidade de individualidade, distinção, peculiaridade e singularidade concreta do ser humano, cuja totalidade jamais se torna a mesma em nenhum outro indivíduo, o princípio da individuação⁶ faz com que seja humano. O princípio de individuação ou de multiplicidade numérica é o corpo, a porção determinada de matéria com tais ou quais disposições qualitativas, provenientes da hereditariedade genética e de outros fatores que influem na índole do ser humano (BLANCO, 2002). A diferença entre os indivíduos aflora a singularidade e a particularidade que habita em cada pessoa. Por sua vez, o fenômeno da diversidade, da pluralidade, da singularidade e das diferentes culturas cultiva o encontro dos distintos saberes na originalidade advinda da diferença, que é o verdadeiro sentido e a riqueza de ser humano. Sendo assim, os indivíduos, por serem diferentes uns dos outros, são seres incompletos e inacabados e em constante construção.

Mas para que o indivíduo seja completo, necessita da sociedade, posto que esta proporciona interação e possui uma linguagem específica e, é através dela, que é gerada

⁶ Para a filosofia, é o princípio que explica por que algo é um indivíduo, um ente singular, que confere a um ser cuja forma é conhecida uma existência individual; princípio em virtude do qual um tipo se singulariza numa realidade única ou singular. O indivíduo é este porque ocupa este sítio no espaço e no tempo (AUDI, 2006).

a expressão entre as pessoas, advinda da necessidade de convívio com os semelhantes. E esta interação somente tem sentido se há reciprocidade de resposta. Porém, este indivíduo, dotado de linguagem comunicativa, que se relaciona com o outro, têm limites intransponíveis de sua indefinibilidade. A realização do homem tem início no encontro com os outros 'tus' ou outros 'eus'. Sua plenificação dar-se-á no encontro definitivo com o outro, tendo inteira convicção da sua natureza (VAZ, 1992).

Identificou-se que o indivíduo tem uma característica individual, desta forma, agora, uma perspectiva coletiva do ser humano será pontuada. Em sua obra 'A Condição Humana' (1997), a autora Hannah Arendt faz uma diferença entre natureza humana e condição humana. Se aceita como plausível nesta narrativa as formas que tendem suprir a existência do homem, as condições que variam de acordo com o lugar e o momento histórico do qual o homem é parte. Para Arendt (1997), os indivíduos são condicionados de duas maneiras; pelas ações individuais, sentimentos e pensamentos, e pelo contexto histórico, cultural e todos os elementos externos vividos. O indivíduo, condicionado a si próprio e ao ambiente, possui, na visão da autora, aspectos sistemáticos da condição humana ao qual se tem pulsão e vida:

Com a expressão *vita activa*, pretendo designar três atividades humanas fundamentais: labor, trabalho e ação. (...) O labor é a atividade que corresponde ao processo biológico do corpo humano, cujos crescimentos espontâneos, metabolismo e eventual declínio têm a ver com as necessidades vitais produzidas e introduzidas pelo labor no processo da vida. A condição humana do labor é a própria vida. O trabalho é a atividade correspondente ao artificialismo da existência humana. (...). A condição humana do trabalho é a mundanidade. A ação, única atividade que se exerce diretamente entre os homens sem a mediação das coisas ou da matéria, corresponde à condição humana da pluralidade (ARENDR, 1997, p. 15) (grifo da autora).

De maneira argumentativa, toda atividade humana é condicionada pela interação entre os indivíduos, pelo fato dos indivíduos viverem juntos. Porém, a ação, sob a perspectiva de 'A Condição Humana' (1997) é a única pulsão do sujeito que não pode sequer ser imaginada fora da sociedade dos indivíduos, depende inteiramente da constante presença de outros seres humanos.

A priori, a esfera da sociabilidade humana consiste na teia das relações humanas que há onde quer que se viva. É em virtude da teia preexistente, com suas inúmeras vontades e interações conflitantes, que a ação quase sempre deixa de atingir seu objetivo;

mas é também graças a esse meio, onde somente a ação é real, que ela produz histórias, intencionalmente ou não, com a mesma naturalidade com que a fabricação produz coisas tangíveis. “Estar isolado é estar privado da capacidade de agir. A ação e o discurso necessitam (...) da circunvizinhança de outros” (ARENDDT, 1997, p. 201). A ação e o discurso são cercados pela teia de atos e palavras de outros indivíduos, e estão em constante relação com ela.

Pelo fato de que se movimenta sempre entre e em relação a outros seres atuantes, o ator nunca é simples agente, mas também, e ao mesmo tempo, paciente. Agir e padecer são como as faces opostas da mesma moeda, e a história iniciada por uma ação compõe-se de seus feitos e dos sofrimentos deles decorrentes. Estas consequências são ilimitadas porque a ação, embora possa provir do nada, por assim dizer, atua sobre um meio no qual toda reação se converte em reação em cadeia, e todo processo é causa de novos processos. Como a ação atua sobre seres que também são capazes de agir, a reação, além de ser uma resposta, é sempre uma nova ação com poder próprio de atingir e afetar os outros. Assim, a ação e a reação jamais se restringem, entre os homens, a um círculo fechado, e jamais podemos, com segurança, limitá-la a dois parceiros (ARENDDT, 1997, p. 203).

Para Hannah Arendt, o que conserva a ligação entre as pessoas depois que passa o momento fugaz da ação é o poder. Para a autora, o poder atrelado a uma ação é sem fim. Ao contrário da força, não encontra entrave físico na natureza humana. Sua única restrição é a existência de outras pessoas.

Somos fruto do nosso próprio labor, logo, é necessário refletir sobre esse labor de construção de representações para compreender a própria identidade. Há, portanto, uma relação circular, se produz técnicas que produzem os indivíduos. Os meios de comunicação usam e recriam as linguagens, as relações entre os indivíduos, o imaginário, a racionalidade, a identidade, entre outros. A rede intersubjetiva gera mapas sociocognitivos que estão na base do desenho de identidades e estilos de vida que são o quadro interpretativo e vinculações materiais e simbólicas dos indivíduos. Os diferentes enraizamentos geram disparidades entre atores sociais, no que diz respeito à apropriação das novas formas de comunicar em ambientes digitais e respectiva lógica dos fluxos culturais associados. Há necessidade de refletir sobre o papel que as mídias pós-massiva desempenham na construção social da realidade.

2.1. A SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA, O COTIDIANO E A CULTURA: VIVÊNCIAS E VALORAÇÃO.

Verificou-se que o indivíduo é um ser uno, mas que depende da interação com outros. Esta interação, porém, só é possível dentro de um contexto. Esta ambiência é o que se tem como sociedade, que, por sua vez, está condicionada a uma cultura específica.

A despeito das inúmeras definições de cultura, tem-se como cultura nesta pesquisa uma grande construção de esferas do conhecimento e das representações do vivido. O processo de produção de acontecimentos no sistema social (CUCHE, 1999). Não objetiva-se entrar no mérito das questões de interpretação do que seria cultura, apesar de pontuar várias posições, o objetivo é entender como os sentidos são produzidos pelos indivíduos em diferentes espaços, tomando como referência a cultura como uma das forças onde acontecem a circulação midiática e seus distintos processos e práticas. As relações entre cotidiano, identidade, comunicação, diversidade e coabitação serão abordadas como forma de compreender como o sujeito contemporâneo se relaciona, no seu cotidiano, com aparatos midiáticos e como as ideias e os sentimentos mudam conforme as alterações na cultura e na mídia.

As diferenças na cultura influenciam o indivíduo a entender as particularidades do outro, tornando-o habilidoso com a vivência e com o contato diário com a realidade, com o contexto do outro, como saber se comportar e pensar como o outro. As interações acontecem entre pessoas e grupos que partilham coisas em comum, instâncias similares. Mas também entre indivíduos que partilham pouco ou quase nada em comum (HALL, 1986). O indivíduo encontra-se influenciado diretamente pela cultura de modo intensamente redundante.

“... toda realidade é ao mesmo tempo intuída e imaginada, pois é praticamente impossível o preenchimento total da intenção significativa, quer do ponto de vista sensível (...), quer do ponto de vista categorial, em que concorrem fatores metempíricos” (MCLUHAN, 1971, p. 88).

Os cérebros numa cultura estão planejados de determinadas maneiras específicas enquanto em outra pode se desenvolver de forma diferente, pois os padrões são fundamentalmente diferentes. Grande parte do que não é dito é implicitamente admitido, por

exemplo. Mas a forma da mensagem subentendida varia conforme a cultura (HALL, 1986).

Na cultura há uma diversidade de pontos de vista, é a chamada dialógica cultural. Cada indivíduo tem um *imprinting* cultural⁷ compartilhado, mas que funciona de maneira individual e que pode ser alterado conforme a experiência e debate de ideias.

A cultura, que caracteriza as sociedades humanas, é organizada/organizadora via o veículo cognitivo da linguagem, a partir do capital cognitivo coletivo dos conhecimentos adquiridos, das competências aprendidas, das experiências vividas, da memória histórica, das crenças míticas de uma sociedade. Assim se manifestam 'representações coletivas', 'consciência coletiva', 'imaginário coletivo' (MORIN, 2005, p. 19).

Atualmente há uma potencialização destas representações coletivas, numa ambiência de espetáculos, simulacros e representações; como instrumento de unificação. É um conjunto de imagens, uma relação social entre pessoas mediada por imagens. O espetáculo, e sua linguagem, constituem o modelo atual da vida dominante na sociedade. Hoje se vendem conceitos e estilos de vida (DEBORD, 1997).

Toda a vida das sociedades nas quais reinam as modernas condições de produção se apresenta como uma imensa acumulação de espetáculos. Tudo o que era vivido diretamente tornou-se uma representação. Considerado em sua totalidade, o espetáculo é, ao mesmo tempo, o resultado e o projeto do modo de produção existente. É o âmago do irrealismo da sociedade real. Sob todas as suas formas particulares, o espetáculo constitui o modelo atual da vida dominante na sociedade (RUDIGER, 2007).

O espetáculo que inverte o real é efetivamente um produto. Ao mesmo tempo, a realidade vivida é materialmente invadida pela contemplação do espetáculo e retoma em si a ordem espetacular à qual adere de forma positiva. A realidade surge no espetáculo, e o espetáculo é real. Essa alienação recíproca é a essência e a base da sociedade existente. O caráter fundamentalmente tautológico do espetáculo decorre do simples fato de seus meios serem, ao mesmo tempo, seu fim (HOHLFELDT, 2007). O espetáculo não deseja chegar a nada que não seja ele mesmo. O espetáculo é a principal produção

⁷ O termo *imprinting* cultural é utilizado por Edgar Morin em 'Método 4' (2005) para denominar as marcas que a cultura faz no indivíduo desde quando nasce.

da sociedade atual. Nesta pesquisa, espetáculo é uma construção da realidade através de enquadramentos e relevâncias específicas.

O espetáculo é o contrário do diálogo. A única forma reativa existente nasce das mídias ditas pós-massivas que possibilitam uma real interação, uma reatividade à lógica atual social. Contrapondo o conceito de atente e paciente da Arendt em 'Condição Humana' (1997), atualmente se vive a sociedade do interagente⁸, que é um sujeito emissor e receptor de conteúdos ao mesmo tempo, possibilitado pela mediação e interação com o computador (PRIMO, 2007).

Com a expansão da presença das tecnologias de comunicação no cotidiano consolida-se a presença de novas tecnologias do espírito (LÉVY, 1994). Deste modo, introduz-se uma alteração no ecossistema cognitivo, que como qualquer alteração em qualquer ecossistema terá consequências sobre os membros dessa comunidade. Será, portanto, interessante refletir e analisar quais as consequências que esses novos meios terão no modo como os indivíduos concebem a realidade através de mídias pós-massivas e se há alteração de estereótipos mentais sobre a temática do terrorismo islâmico, no caso desta pesquisa. Posto que, a globalização das comunicações, sustentadas pelas redes telemáticas, é responsável pelo surgimento de novas rotinas cognitivas, novos laços sociais, novas relações que de outro modo jamais existiriam. Há uma alteração do sistema socio-cognitivo individual, alterando o coletivo, mas será que isso é suficiente para quebrar paradigmas existentes, fortemente influenciados pela cultura?

O sujeito escolhe e decide que informação quer consumir, que interações estabelece, o que quer partilhar. A interação e a colaboração dialógica promove e incrementa este processo. Logo, está em causa o carácter operatório da partilha que subjaz à interatividade.

O espetacular concentrado pertence essencialmente ao capitalismo burocrático, embora possa ser importado como técnica de poder estatal em economias mistas mais atrasadas, como no caso do espetáculo representativo do terrorismo islâmico oriental-

⁸ Esse termo foi desenvolvido por Alex Primo ao explicitar que, ao efetuar uma ação, o indivíduo está executando uma interação, sendo, portanto, chamado de interagente, posto que ele recebe, executa, altera e é alterado por sua ação. Ao mesmo tempo, esse indivíduo é transmissor, receptor e mediador (PRIMO, 2007).

africano ou em certos momentos de crise do capitalismo avançado. O espetáculo não exalta os homens e suas armas, mas as mercadorias e suas paixões (SODRÉ, 2007).

Os pseudo-acontecimentos que se sucedem na dramatização espetacular não foram vividos por aqueles que lhes assistem; além disso, perdem-se na inflação de sua substituição precipitada, a cada pulsão do mecanismo espetacular. Por outro lado, o que foi realmente vivido não tem relação com o tempo irreversível oficial da sociedade e está em oposição direta ao ritmo pseudo-cíclico do subproduto consumível desse tempo. Esse vivido individual da vida cotidiana separada fica sem linguagem, sem conceito, sem acesso crítico ao seu próprio passado, não registrado em lugar algum. Ele não se comunica. É incompreendido e esquecido em proveito da falsa memória espetacular do não-memorável (RUDIGER, 2007).

A cultura do espetáculo é a esfera geral do conhecimento e das representações do vivido, na sociedade histórica dividida em classes; o que equivale a dizer que ela é o poder de generalização que existe à parte. A cultura é o lugar da busca da unidade perdida. Nessa busca da unidade, a cultura como esfera separada é obrigada a negar a si própria.

A luta entre a tradição e a inovação, que é o princípio de desenvolvimento interno da cultura das sociedades históricas, só pode prosseguir através da vitória permanente da inovação. A cultura tornada integralmente mercadoria deve também se tornar a mercadoria vedete da sociedade espetacular. É grande a atração dos homens de nossa época pelo pseudo-sensacional (RUDIGER, 2007).

Os indivíduos não ambicionam tanto compreender e bem pensar o mundo, mas antes viver um pouco mais felizes no imediato. O indivíduo contemporâneo quer soluções eficazes e técnicas para os diversos problemas e questões da vida. Não é a paixão pelo pensamento que está ganhando, mas a exigência de saberes e de informações imediatamente operacionais. Há uma preocupação em saber um pouco sobre tudo, sem aprofundar-se e refletir sobre nada.

Cada um se impõe como um ator livre das antigas atribuições coletivas. Tende-se para o relativismo dos valores. Por um lado, existe um declive, inegavelmente perigoso, que leva ao individualismo do cada um por si, ao culto do sucesso pessoal. O aumento da busca dos limites legítimos a fixar à liberdade de cada um; por outro lado, aumento do esquecimento ou da negação do direito dos outros. Produzindo assim mais individua-

lismo responsável, mas também mais individualismo irresponsável, mais autonomia razoável, mas também mais autonomia descontrolada e sem regras (LIPOVETSKY, 2004).

A mídia não reflete e não pontua, neste sentido, o conteúdo gerado em sua programação. Não há uma preocupação eminente com o que será gerado de seu conteúdo. Não há passividade por parte do interagente, posto que há liberdade de trocas simbólicas, há como o indivíduo expor sua opinião sobre um fato relatado na mídia, mas, mesmo assim, conforme a fenomenologia⁹, não há como prever como o fenômeno será apreendido e como ele será perpetuado. A temática dos documentários, no caso desta pesquisa, está diretamente ligado à cultura.

Há questões de ordem individual e coletiva nesta interpretação, de caráter cognitivo, interacional e cultural. O *habitus*¹⁰ retorna com força neste contexto, pois sua lógica apreende este sentido de interpretação. Já que *habitus*, para a fenomenologia, é o que está posto no cotidiano de uma sociedade antes dos indivíduos, e vai existir depois de uma geração deixar de existir. Assim, este *habitus* é passado de geração para geração e há um reforço constante dele, é difícil modificá-lo, assim como é complexo alterar práticas sociais.

2.2. SELF CONTEMPORÂNEO E TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO: A INFLUÊNCIA DIRETA NO INDIVÍDUO

Na contemporaneidade, não há, de forma alguma, esgotamento do individualismo, mas disseminação em espiral da sua dinâmica. O neo-individualismo não se reduz ao hedonismo, mas implica, cada vez mais, um trabalho de construção de si, de tomada de posse do seu corpo e da sua vida. É o *self* contemporâneo. Num cenário pautado pela cibercultura e por toda a visualidade e virtualidade envolvida, é necessário identificar

⁹ Fenomenologia é a ciência dos fenômenos que será utilizada como aporte metodológico nesta pesquisa, bem como autores desta linha de pensamento (a autora).

¹⁰ *Habitus* está no sentido de costume, hábito (SCHUTZ, 1979).

diferenças significativas que constroem e são construídas por fronteiras e identidades simbólicas no cotidiano. As possibilidades e as formas de se vivenciar a cultura agora são variadas, mais do que nunca. Estas possibilidades proporcionadas pela nova lógica midiática referem-se a uma apropriação reflexivista, por meio da qual, ao indivíduo, se abre espaço para profundas reconsiderações sobre sua identidade, seus papéis e seu projeto de vida e mundo (LIPOVETSKY, 2004).

É uma nova configuração da cultura, que se refere a uma forma contemporânea de significar recursos simbólico-práticos tradicionalmente off-line, com finalidades individualistas e ao mesmo tempo, coletivizadas, num movimento paradoxal e flexibilizado da contemporaneidade. A cibercultura, neste sentido, é um espaço de manifestação de reflexividade do *self* por excelência (LEMOS, 2004). O ponto central é verificar como esses estilos de cultura se transformam ou são absorvidos por esta dinâmica (SANTOS, 2007).

Atualmente, a diversidade de experiências culturais, proporcionadas inclusive pela virtualidade na rede, implica a busca por existências individuais novas. E este segmento engendra experiências inovadoras e oxigenadoras na cultura. Assim, o entendimento de processos culturais emergentes e de sua difusão em termos práticos, globais e locais, individuais e coletivos, deve considerar a posição estratégica ocupada pelos interagentes¹¹ dinâmicos e heterogêneos (LEMOS, 2009).

Esta ambiência promove rupturas e contribui para a constituição de identidades abertas e referenciais flexíveis e provisórias, contingentes e mutáveis. Propiciadas e propiciantes do *self* individual, dos elementos de cultura que compõem o interagente, suas identidades e seu capital social na rede. A pluralidade crescente de perspectivas afeta os sistemas de referência dos interagentes, interferindo na constituição de identificações, práticas e nos ambientes da rede. Proporcionando uma liberdade posta e imposta. Há uma mudança de percepção; da cultura objetiva e subjetiva (BAUMAN, 2005).

¹¹ Interagente está presente nesta pesquisa como significação de indivíduo na contemporaneidade (PRIMO, Alex Fernando Teixeira. Enfoques e desfoques no estudo da interação mediada por computador. Disponível em: http://www6.ufrgs.br/limc/PDFs/enfoques_desfoques.pdf. Acessado em: 10 set 2011).

Um dos efeitos deste *self*, no plano da subjetividade, é a percepção cada vez maior da construção das referências, levando o interagente a ter de decidir autonomamente sobre suas posturas e orientações em uma sociedade que apresenta sistemas simbólicos altamente diferenciados, onde existe a necessidade constante de tomada de decisões e estabelecimento de vínculos.

O fenômeno atual da cultura apresenta possibilidades simultaneamente antagônicas marcada por tensões e contradições. Cria um cenário de necessidades da ordem coletiva e liberdade individual. É um estilo de vida centrado na autonomia do sujeito. A recusa prometéica do destino e a invenção de si mesmo sem via social traçada por antecipação caracterizam esse neo-individualismo. A condição social contemporânea é comandada por esse ideal de controle soberano de si e por essa luta sem fim contra o preexistente e o herdado *habitus*. É nesta lógica fenomenológica que se encontra o sujeito atualmente. O indivíduo é excessivamente caricaturado como uma mônada fechada sobre si mesma. Vive-se a época da mobilidade subjetiva (LIPOVETSKY, 1983).

De qualquer maneira, essa mobilidade e essa autonomia têm seu custo, com frequência, elevado, pois são acompanhadas por um crescimento inquietante da ansiedade, da depressão, de perturbações psicopatológicas comportamentais diversas (LEMOS, 2009). Narciso não é o indivíduo triunfante, mas o indivíduo fragilizado e desestabilizado por ter de carregar-se e de construir-se sozinho, sem os apoios que, outrora, eram constituídos pelas normas sociais e referências coletivas introjetadas. A figura dominante do individualismo democrático foi, durante algum tempo, a euforia de liberação; agora, cada vez mais, é a dificuldade de viver, a insegurança, o medo ligado não somente ao terrorismo, mas a qualquer coisa: alimentação, relações, idade, trabalho, aposentadoria (LIPOVETSKY, 2004).

Faz mais de meio século que os intelectuais não param de ter um discurso hiper-crítico a respeito dos meios de comunicação de massa. Muito cedo, estes foram acusados de serem instrumentos de manipulação e de alienação de essência totalitária. A Escola de Frankfurt estigmatizou as indústrias culturais, que transformam obras de arte em produtos de consumo. Observou-se na mídia uma fábrica de estereótipos a serviço da consolidação do conformismo, da justificação da ordem estabelecida, do desenvolvimento da falsa consciência e da asfixia do espaço público da discussão. Os situacionistas denunciaram a comunicação unilateral que destrói a comunidade, isolando os indivíduos.

O perfil dominante da mídia veicula a ideia de um poder total: controle e manipulação da opinião, uniformização dos pensamentos e dos gostos, desagregação do espaço público, atomização do social (BOURDIEU, 2003).

Em 'A miséria do Mundo' (2003) organizado por Pierre Bourdieu, autores explicitam que, atualmente, temos um novo demônio responsável por todos os nossos males: a mídia. A mídia busca alcançar indivíduos diferentes, mas isso não ocorre sem um processo de padronização, de massificação dos modos de vida, dos gostos e das práticas. Por outro lado, a mídia tem uma influência na sociedade que seria ilógico minimizar, mas ela não pode tudo, não tem todos os poderes. Os meios de comunicação de massa favorecem globalmente um uso mais intenso da razão individual. Na escala da longa duração, os indivíduos têm mais possibilidades de questionar e de mudar suas próprias posições, de avaliar e de julgar livremente, de tomar distância em relação às posições das autoridades institucionais. Porém, analisando a mídia como um fenômeno, há um entorpecimento por parte do interagente e uma não-reflexão dos conteúdos da mídia.

O consumo de televisão apresenta-se mais como um hábito do que como a expressão de uma escolha individual deliberada. Assim, o telespectador contemporâneo não se identifica nem com o homem padronizado das multidões nem com o indivíduo soberano. Ele é o indivíduo zapeador, de audiência flutuante (WOLTON, 2008). Em consequência, as ameaças que espreitam não decorrem mais da manipulação, da massificação, da doutrinação, mas se encarnam, antes, no triunfo das práticas aditivas, nas cibercompulsões e em outras utilizações imoderadas ou incontroláveis (WOLTON, 2006). A mídia favoreceu o desenvolvimento da autonomia dos indivíduos; eis eles, agora, prisioneiros de novas dependências (WOLTON, 2003).

Se a mídia funciona como instrumento de estimulação e de legitimação hedonistas, contribui, paralelamente, para destilar uma situação de insegurança, amplificando os temores cotidianos: medo alimentar, medo de vírus, da pedofilia, da obesidade, da violência urbana, da poluição, quase tudo, hoje, tende a cair no regime de fobia. O indivíduo liberado da sujeição ao coletivo acha-se cada vez mais submetido aos poderes do medo e da inquietude (DEBORD, 1997).

Por um lado, a mídia mergulha no lúdico e nas distrações superficiais; por outro lado, não para de intensificar as imagens de um mundo repleto de catástrofes e de peri-

gos. Se não há dúvida de que a mídia acelerou a dissolução de algumas formas de sociabilidade tradicional, não é verdade que tenha eliminado todos os laços sociais, destruído o gosto pela sociabilidade e pelas relações humanas nem consumismo sem intersubjetividade (BOURDIEU, 1997).

Paralelamente à multidão solitária, surgem as novas multidões emocionais, que cabem mal na grade da sociedade do espetáculo, ou seja, da fabricação da passividade e da separação generalizadas (DEBORD, 1997).

Atualmente, a mídia funciona, ao menos episodicamente, como catalisadora de reuniões efervescentes, de afetos comuns, de participações emocionais em amplas manifestações. As novas exteriorizações coletivas dos sentimentos estão ligadas, de perto ou de longe, ao impacto da mídia: inexistente emoção coletiva sem hipermidiatização dos acontecimentos. Não são mais os ritos, os costumes, as normas herdadas do passado que organizam os estados de efervescência coletiva; estes, agora, vinculam-se aos acontecimentos do presente e à sua cobertura midiática (DEBORD, 1997).

Assim como a cultura midiática é uma cultura de mosaico, descontínua, sem memória, os grupos sociais atuais são caracterizados pela fluidez e pela instantaneidade, pela instabilidade e pelo efêmero (LIPOVETSKY, 2004). Ao mesmo tempo, para tentar obter referências, os indivíduos resgatam o passado, criam memórias e as perpetuam, num movimento dual e paradoxal. A mídia não consegue controlar e fabricar, peça por peça, os gostos e as reações do público. Estimula-os, mas não os comanda (DEBORD, 1997). A televisão não é um poder sem limites capaz de destruir todo sentido crítico ou de disseminar o gosto pelo crime (BOURDIEU, 1997). É um balizador. Nenhuma mídia é total, mas há perpetuação de estereótipos e conceitos através da ideia de construção da realidade realizada através dos veículos de comunicação.

A Internet, atualmente, é simultaneamente real e virtual, gerando informação e contexto de interação, espaço e tempo, mas que altera as próprias coordenadas espaço-temporais a que os indivíduos estão habituados, compactando-as. Ou seja, o espaço e o tempo na rede existem na medida em que são construção social partilhada. Esta construção é estruturada pelos laços e valores sociopolíticos, estéticos e éticos que tipificam este novo espaço antropológico. Este novo espaço com áreas de privacidade – um novo mundo virtual ou mundo mediatizado – é um suporte aos processos cognitivos, sociais e

afetivos, os quais efetuam a transmutação da rede de tecnologia eletrônica e telecomunicações em espaço social povoado por indivíduos que (re)constróem as suas identidades e os seus laços sociais nesse novo contexto comunicacional. Geram uma teia de novas sociabilidades que suscitam novos valores. Estes novos valores, por sua vez, reforçam as novas sociabilidades. Esta dialética é geradora de novas práticas culturais (TURKLE, 1998). As redes, e seus serviços geram novos espaços de encontro, novos espaços antropológicos. Há que questionar em que medida esses novos espaços representacionais (re)criam as práticas culturais estereotipadas.

2.3. A NOVA LÓGICA *ESPACIO-TEMPORAL* E MÍDIA: SUAS ATUAÇÕES PERANTE O INTERAGENTE.

Para o autor Dominique Wolton (2006), comunicação implica uma relação com o outro, ou seja, uma valorização de alteridades onde todo indivíduo interage e é interdepende do outro. Comunicar visa sempre a negociação, esta é a nova lógica contemporânea da relação entre os indivíduos, a comunicação e as mídias em geral. Para o autor, é preciso que seja mantida a diversidade na comunicação, uma revalorização das identidades. Nem sempre os indivíduos concordam entre si, principalmente quando o assunto é comunicação, mas há uma necessidade de negociar e assim chegar numa coabitação. Para Wolton (2008), coabitação supõe igualdade, respeito mútuo e a vontade de se chegar a um consenso mínimo. "... a maneira de construir a informação, de apresentá-la, de prever os meios de acessá-la, não é universal, ela está ligada aos esquemas culturais" (WOLTON, 2003, p. 96).

A capacidade de conviver com a diferença, sem falar na capacidade de gostar dessa vida e beneficiar-se dela, não é fácil de adquirir e não se faz de maneira individual. A incapacidade de enfrentar a pluralidade de seres humanos e a ambivalência de todas as decisões classificatórias, ao contrário, se autoperpetuam e reforçam: quanto mais eficazes a tendência à homogeneidade e o esforço para eliminar a diferença, mais difícil sentir-se à vontade em presença de estranhos, mais ameaçadora a diferença e mais intensa a ansiedade que ela gera.

A palavra cultura tem, portanto, ao mesmo tempo, dimensões filosóficas ligadas às relações entre cultura e civilização, dimensões sociológicas concernentes às condições de produção e intercâmbio de obras na sociedade, dimensões históricas como a questão da tradição e da novidade e dimensões antropológicas como a questão dos símbolos, dos valores e das representações (WOLTON, 1996, p. 181-182).

Para o autor, a comunicação tem certa ambivalência que pode justificar os piores excessos em nome das melhores razões, apoiando-se sobre dimensões constitutivas e simétricas da experiência humana: a relação com o outro (WOLTON, 1996).

A natureza humana, essencialmente, na sua existência, tem como aporte a subjetividade na vida cotidiana e na relação com o outro, a intersubjetividade (SOUZA, 2009). O próprio sujeito encontra-se em sua existência na e através das sensações. O sentido, proveniente das sensações, é intersubjetivo. O sentido do sujeito é dado pelas relações, ou pela falta dela. O ser é o ser para o outro. Só se conhece a vontade e a interação pelo sentimento que se tem da essência individual.

Não basta reconhecer os seus semelhantes na cultura, mas reconhecer o sujeito em sua natureza, no que há de mais simples e comum entre os indivíduos, para que a alteridade ocorra através da compreensão da semelhança básica entre o eu e o outro. É a partir de si que o indivíduo entra em relação, e é compreendendo a si mesmo e a natureza que ele entende a natureza humana, a humanidade, e o que há de comum entre os sujeitos (SARDI, 1998). A piedade compreende-se como o eixo fundamental da alteridade, e a alteridade é um elemento essencial para a ética. O problema não é a diferença enquanto diferença, mas a competição, a aparência, o abandono da ordem da natureza, o esquecimento da semelhança original (SANTOS, 2005). Como as diversas experiências constituem as paixões e o aprendizado do indivíduo, seus hábitos e suas ideias, a diferença entre os sujeitos está ao mesmo tempo garantida pela singularidade de cada experiência vivida, do impacto que as experiências tiveram sobre a sua formação (SANTOS, 2007).

As interações, reciprocidades e apropriações são possibilitadas pelos suportes tecnológicos e digitais contemporâneos (SANTOS, 2009). A pluralidade crescente de perspectivas afeta os sistemas de referência dos interagentes, interferindo na constituição de identificações, práticas e nos ambientes midiáticos (SANTOS, 2007).

O fenômeno atual da cibercultura apresenta possibilidades simultaneamente antagônicas marcada por tensões e contradições (LEMOS, 2007). Cria um cenário de necessidades da ordem coletiva e liberdade individual (LEMOS, 2009). É um estilo de vida centrado na autonomia do sujeito. O desenvolvimento das tecnologias de comunicação e informação, que reconfiguram os modos de produção de sentido e trazem novas lógicas ao cotidiano dos indivíduos. E estas mídias sociais¹² podem ser vistas como espaços democráticos de expressão (CASTELLS, 1999).

As intensidades das pulsões variam de um indivíduo para outro, assim como todas as demais características genéticas. Além disso, o ambiente exercerá influência determinante sobre o indivíduo durante toda a sua vida (ALMEIDA, 2010). Como participante do cenário cotidiano das práticas culturais, as mídias desempenham papel de construção da realidade através das notícias, e estas, por uma lógica social, é espetacularizada. “A mídia precisa do ato cênico para poder enquadrar o fato nos seus valores de noticiabilidade. (...) O terrorismo moderno é somente o grau extremo desse tipo de ação dramática” (WAINBERG, 2010, p. 141). A violência nas mídias é simbólica. Tudo que mobiliza, é controverso, polêmico e que promete embate, e é acolhido com entusiasmo e alegria por mediadores sociais. “Os efeitos cognitivo e afetivo são estupendos: rompem a sonolência, conquistam os olhos, produzem a tal almejada audiência. A atenção, em suma, é dominada” (WAINBERG, 2010, p. 142).

Todos os veículos, cada um a seu tempo, logo foram utilizados para as operações psicológicas dos exércitos e a mobilização das frentes de guerra. O jornal foi a mídia da guerra do fim do século XIX. O exemplo clássico foi o conflito dos Estados Unidos com a Espanha pelo domínio de Cuba e a ação da cadeia Hearst de jornais no mesmo. A Primeira Guerra Mundial fez uso do cinejornalismo. Logo depois, veio o rádio, que passou a servir aos propósitos da persuasão religiosa e ao controle das massas no período da Segunda Guerra Mundial. A TV foi a mídia da Guerra Fria, e agora a Internet é o canal da guerra terrorista. No dia a dia, predomina, em especial na TV (mas também na cinematografia e no jornalismo sensacionalista), essa mesma lógica de dar destaque, tanto em sua programação de entretenimento como jornalística, ora ao trágico ora ao ato violento (WAINBERG, 2010, p. 140).

¹² O conceito de mídia social está relacionado à troca de informações, onde há a quebra na relação de poder ocasionada pela democratização do espaço virtual de comunicação (CASTELLS, 1999).

Já para Bernard Miège (2000), um modo de comunicação não pode ser reduzido a uma tecnologia do ‘empacotamento e da transmissão de mensagens’. Para o autor, os enunciados colocados na mídia que são colocados em circulação no tecido social do cotidiano dos indivíduos não agem somente como vetores de informação. Reduzir a esta função seria o mesmo que eliminar toda a representação social de construção da realidade da qual as mídias participam ativamente.

“... a mídia constitui uma das partes do ‘todo social’, garantindo aí funções essenciais como a transmissão da cultura e da herança social; o controle do meio em que vivemos; o estabelecimento de relações entre os componentes da sociedade, o entretenimento” (MIÈGE, 2000, p. 36).

A relevância social da mídia audiovisual deve ser destacada, em especial para países continentais como o Brasil. Ela exerce um papel estratégico, pois dá unidade simbólica a sua população tão diversificada. Além disso, estabelece uma agenda de temas comuns. A conversação pública fica assim condicionada, em boa medida, pelo conteúdo de seus telejornais e por sua programação de entretenimento. A TV é um sistema centralizado de se contar histórias às multidões. É uma fonte primária de socialização e informação. É um ritual diário partilhado e repetido por milhões de pessoas.

Esse veículo de comunicação é hoje o mais importante lubrificante social do país (WAINBERG, 2010). Permite o envolvimento emocional e cognitivo da população com os temas do cotidiano. Ela agenda não só a referida conversação social, mas influencia igualmente as atitudes e comportamentos, contribuindo para a identidade cultural das pessoas.

Atualmente, é a disseminação da informação, através do espaço, que cria, em boa medida, a sociabilidade. A mídia passou a ocupar um papel central na vida dos indivíduos. Agora há um destaque para as mídias pós-massivas, é a Aldeia Global do Marshall McLuhan, a retribalização do mundo através das mídias.

“... a nova tecnologia perturba a imagem, tanto particular como coletiva, em qualquer sociedade, de tal maneira que o medo e a ansiedade se seguem e tem que começar uma nova busca de identidade” (MCLUHAN, 1971, p. 126).

A antiga afirmativa de McLuhan de que o sistema elétrico é a extensão do sistema nervoso das pessoas é hoje evidência incontestável (WAINBERG, 2010). O efeito social

que a mídia compreende envolve a seleção, disposição e incidência de notícias sobre os temas que o público falará e discutirá. Entre outros, os indivíduos respondem aos estímulos gerados nas imagens mentais (LIPPMANN, 2008).

A mídia tem papel importante no fornecimento e geração dessas imagens e na configuração do cotidiano. Existe, inclusive, fenômenos sociais que são essencialmente midiáticos, como, por exemplo, as expressões de violência. Por um lado, as causas políticas, sociais, econômicas e políticas abordadas nas mídias audiovisuais – cujo espaço tende a existir, posto que gera curiosidade e interesse social – necessitam da mídia para obter projeção. Os meios, por outro, encontram nessas notícias em potencial o drama-tismo e a espetacularização demandada pela mídia para gerar informação.

É inegável a influência da comunicação no cotidiano dos indivíduos, visto que a pauta das conversas no mundo da vida¹³ é sugerida pelos jornais, televisão, documentários, rádio e internet, propiciando aos interagentes a hierarquização dos assuntos que fazem parte do dia a dia de cada um. A realidade social passa a ser representada por um cenário criado a partir dos meios de comunicação de massa e pós-massiva. Os indivíduos têm a tendência de incluir ou excluir dos seus próprios conhecimentos aquilo que as mídias incluem ou excluem do seu próprio conteúdo (WOLF, 2005). Os meios de comunicação definem certa ordem de preferências temáticas (BARROS FILHO, 2001).

A mídia utiliza palavras, ideias, expressões ou adjetivos que promovem certo olhar do acontecimento, destacando alguns aspectos ou ocultando-os (GOFFMANN, 1974). Por sua vez, auxiliando o indivíduo a construir sua realidade social, pois, conforme a fenomenologia de Alfred Schutz, antes de agir, o indivíduo tem uma ideia da situação que se apresenta diante dele, com o conhecimento prévio que referenciam às suas próprias percepções, interpretando-as (SCHUTZ, 1979).

Para o fenomenólogo, a vida cotidiana, enquanto realidade de atitude natural – ou seja, uma realidade com interpretações inquestionáveis, compartilhada pelos indivíduos através dos fenômenos sociais – é o mundo da vida cotidiana que se caracteriza pela in-

¹³ Mundo da vida é o cotidiano dos indivíduos, campo onde as intuições do sujeito são entendidas sobre as outras esferas do sistema social através da comunicação (HUSSERL, 1989).

tersubjetividade e alteridade dos indivíduos. Os indivíduos normalmente aceitam o mundo como algo natural, com suspensão da dúvida.

Porquanto a realidade se constrói socialmente, com definições individuais e coletivas, através de interpretações indécimas, ou seja, em relação a um contexto. Neste sentido, a mídia se estabelece enquanto instrumento que permite descrever o processo de interpretação e significações dos objetos sociais (BERGER, 2004).

Em 1974, o sociólogo e antropólogo Erving Goffman publicou o livro *'Frame analysis – an essay on the organization of experience'*, no qual recupera o conceito introduzido por Bateson para explicar como se organizam os acontecimentos, não só em nossa mente, mas na sociedade. O quadro de Goffman é tanto uma estrutura como um esboço. Ele designa o contexto da realidade e de um quadro mental que integra os sentidos, o sujeito é também criador da realidade social através de recursos simbólicos com a inter-relação de significados e interesses (SÁDABA, 2008).

O indivíduo constrói diariamente sua realidade conforme suas experiências no cotidiano, e a mídia desempenha um importante papel tanto na gênese dessa realidade, pautando as notícias que os indivíduos orientarão suas realidades, como na consolidação desse mundo. Contudo, na fenomenologia, não há um poder absoluto da mídia sobre a ação coletiva, pois ela não é a única fonte de conhecimento e sua influência não é a mesma em todos os indivíduos. Além da mídia, conforme a fenomenologia de Schutz, o conhecimento advém da experiência individual, cultura, subjetividade, alteridade, interconexões mentais, conhecimento público e sabedoria popular, na ideia de trocas e reciprocidade, enquanto o controle se confia às regras de intercâmbio associativo. Essas duas esferas, estatal e social, interagem com as esferas do social e do individual, gerando múltiplas possibilidades de relação e comunicação (SUBIRATS, 2002).

É primordial, para a existência e bom funcionamento das sociedades, que a população tenha elevado nível de informação, educação e cultura, e esteja consciente da realidade social, sendo capaz de reivindicar e tomar decisões com base em informações adequadas, voltadas ao bem público e não a interesses particulares.

3. Da Pré-Fenomenologia à Pós-Fenomenologia: Terrorismo na Ambiência Midiática Massiva e Pós-Massiva

“Tendemos a viver num mundo de certezas, de solidez perceptiva não contestada, em que nossas convicções provam que as coisas são somente como as vemos e não existe alternativa para aquilo que nos parece certo. Essa é nossa situação cotidiana, nossa condição cultural, nosso modo habitual de ser humanos” (MATURANA, 2001, p.22).

Será ponderada neste capítulo a maneira como a fenomenologia contribui para a reflexão da construção do cotidiano e como a mídia, de massa (rádio, jornal, TV) e pós-massiva (internet), e o sujeito se inserem neste contexto. A narração de temáticas ligadas a cultura se faz necessária de ser estudada para auxiliar no entendimento da formação da realidade social e como esta realidade é retratada pelas mídias. A geração do conhecimento e a tipificação¹⁴ são fatores constituintes e constituídos de construção da realidade e da forma como o indivíduo identifica tal concepção na mídia.

Para tanto, será utilizado o aporte fenomenológico. Os objetos da fenomenologia são dados apreendidos em intuição pura, com o propósito de descobrir estruturas essenciais dos atos chamados de *noesis* e as entidades objetivas que correspondem a elas conhecidas como *noema* (HUSSERL, 2008). Conforme Bruyne (1982), fenomenologia constitui um processo epistemológico com o qual as ciências sociais deveriam esclarecer suas problemáticas; ultrapassa, entretanto, como filosofia, às ambições estritamente científicas. Pode-se dizer que a fenomenologia é um método, o que significa dizer que ela é o caminho da crítica do conhecimento universal das essências. “A reflexão fenomenológica

¹⁴ Tipificação é o termo utilizado pelo autor David Hume para denominar generalizações, estereótipos (HUME, 1985).

lógica guiará o pesquisador quando se tratar de colocar problemas, hipóteses, de destacar conceitos com vistas à elaboração teórica; ela poderá garantir a fecundidade sempre renovada da pesquisa” (BRUYNE, 1982, p. 79).

A fenomenologia de Husserl é uma forma de idealismo, porque lida com objetos ideais, com ideias, em sua essência, tal como os idealistas Platão, Hegel e outros. No início do século XX, com Edmund Husserl (1859-1938), conforme Dartigues (1992), a fenomenologia se consolida como uma linha de raciocínio. Considera-se que este ideal de pensamento se torna imprescindível para a comunicação a partir de Alfred Schutz, discípulo direto de Husserl. De acordo com Dartigues (1992), Husserl define a fenomenologia como ciência dos fenômenos, sendo o fenômeno compreendido como aquilo que é imediatamente dado em si mesmo à consciência do homem. Para Husserl, a fenomenologia assume, principalmente, o papel de um método ou modo de ver a essência do mundo e de tudo quanto nele existe. As coisas, de acordo com Husserl, caracterizam-se pela sua não finalização devida, pela possibilidade de sempre serem visadas por *noesis* (atividade da consciência) novas que as enriquecem e as modificam. Para a fenomenologia a relação de causa e efeito não é suficiente como verdade, pois nada se encontra entre a causa e o efeito.

Apesar de serem utilizadas as teorias de Alfred Schutz, é insatisfatório não colocar as motivações de Husserl, a fim de entender a diferenciação entre ambos, bem como a motivação de utilização do autor mais contemporâneo para esta pesquisa. Em Husserl a redução fenomenológica (*epoché*) é o processo pelo qual tudo é informado pelos sentidos e mudado em uma experiência de consciência, em um fenômeno onde consiste estar consciente de algo. Husserl propôs que, no estudo das vivências dos indivíduos, dos estados de consciências de algo, não se deve preocupar-se se há correspondência ou não a objetos do mundo externo à mente do indivíduo. O interesse para a fenomenologia não é o mundo que existe, mas sim o modo como o conhecimento do mundo se dá, tem lugar, se realiza para cada pessoa. A redução fenomenológica significa promover a interrupção das atitudes, crenças, teorias e colocar em suspenso o conhecimento das coisas do mundo exterior, a fim do indivíduo se concentrar exclusivamente na experiência em foco. Na redução fenomenológica, a *noesia* é o ato de perceber. Aquilo que é percebido, o objeto de percepção, é o *noema*. A coisa como fenômeno da consciência (*noema*) é a coisa que importa, ou seja, a coisa em si mesma, ou seja, o fenômeno (HUSSERL, 1980).

Após ter reconhecido o objeto ideal, ou seja, o objeto de percepção, o passo seguinte é sua redução eidética, que significa ideia ou essência. É uma redução que consiste em uma análise para encontrar o seu verdadeiro significado. Isto porque não podemos nos livrar da subjetividade e ver as coisas como são, mas só é possível através da intuição eidética – ou seja, do conhecimento direto e imediato, sem intermediário. Alguém pode perceber e estar consciente de algo, porém sem intuir seu significado. A intuição eidética é o dar-se conta da essência, do significado do que foi percebido. Não se pode acreditar cegamente naquilo que o mundo oferece (HUSSERL, 1980).

Sendo assim, se procura identificar aplicações da fenomenologia para aproximar aporte teórico e prático nesta pesquisa. Tomando por base não a relativização dos conceitos e dos fenômenos, mas a coabitação de sentidos.

3.1. PRÉ-FENOMENOLOGIA E A FENOMENOLOGIA DE ALFRED SCHUTZ: UMA CONTRIBUIÇÃO HISTÓRICA.

Antes de discorrer sobre as dimensões mais interessantes da obra de Alfred Schutz, a qual consiste na tensão explícita entre o indivíduo e as lógicas sociais do mundo da experiência cotidiana, as clarificações de autores como John Locke (1999) e David Hume (1985) serão experienciadas. Posto que, entende-se nesta pesquisa a importância primordial de pensamentos pré-fenomenológicos para uma melhor visualização do cenário fenomenológico aplicado aos objetos que serão analisados.

3.2. JOHN LOCKE E A INFLUÊNCIA NO *A PRIORI* DA FENOMENOLOGIA

Tais considerações obtidas a seguir são apreensões da leitura da obra ‘Ensaio acerca do entendimento humano’ (1999) do autor. É importante dissertar sobre as ideias de Locke, pois a construção da realidade explicitada via mídias massivas ou pós-massivas só se faz reflexiva com o entendimento de como acontece o processo de conhecimento nos indivíduos para, *a posteriori*, partir para qualquer objeto analisável no âmbito da mídia. Para Locke, o pensamento não é meramente passivo; a memória da mente

é frequentemente ativa, posto que, inicialmente, todas as ideias, de diferentes naturezas, são hipóteses de algo as quais pertencem, e no que nelas subsistem. Ainda que o indivíduo não tenha qualquer ideia clara ou distinta, nada mais é do que o enquadramento ou estereótipo.

Após deter uma experiência, para que esta seja convertida, ou melhor, evolua até o conceito de conhecimento¹⁵, é imprescindível que seja considerada tal experiência e seja revivido na mente as impressões acerca de tal experimentação. Tal ato é denominado memória, que para Locke é o armazém de ideias. Por outro lado, para o autor, entende-se por cognição o ato de prestar mais atenção naquilo que é mais semelhante com os pensamentos, caso contrário é gerado o estereótipo que enquadra a realidade.

Para Locke o conhecimento é obtido através do estereótipo, do enquadramento que se pode obter da realidade através do discernimento de cada um. Para o autor, conhecimento é igual a *knowledge*, ou seja, é algo racionalizado e finalizado em sua própria reflexão de convergências e contrários de ideias.

Para o autor, o conhecimento é obtido através da percepção e da experiência sensível e reflexiva, ou seja, que foi experienciada pelo indivíduo. Esta percepção é algo que está implícito ao pensamento e este pensamento advém da reflexão – onde só se faz possível através da recordação de um fato, de um raciocínio lógico, de um julgamento acerca de um objeto, do discernimento e do conhecimento prévio, que só é possível através da volição, ou seja, da vontade, predisposição, intencionalidade do indivíduo acerca deste fato e o entendimento de cada indivíduo sobre o mesmo.

3.3. DAVID HUME: COLABORAÇÃO À FENOMENOLOGIA

David Hume (1985), que foi influenciado por John Locke, em 1748 elaborou a obra ‘Investigação sobre o entendimento Humano’ que trata sobre o conhecimento. A diferença entre a obra de Hume e Locke é que, enquanto Locke apoiava-se no racionalismo,

¹⁵ O conhecimento, para o autor, não é absoluto, consiste numa investigação de várias épocas, está sempre entre as convergências e os contrários.

onde o conhecimento é refletido a partir da razão, Hume não acredita que o conhecimento¹⁶ pode ser gerado sem paixão.

A sensibilidade no autor é aceita como um fator que propicia o conhecimento. As inferências (deduções e induções), medidores cognitivos da experiência, são originadas nos sentidos. O conhecimento é um processo em construção, não dissociado da herança genética e cultural do ser humano, apreendido também pelo instinto - *habitus*. O pensamento humano, motriz de conhecimento, possui liberdade incondicional.

É livre para ter ideias e perceber¹⁷. Sendo confinado, entretanto, a limites fornecidos pelos sentidos - sensibilidades externas e/ou internas que compõem a mente e pela experiência. A ausência de um deles distorce ou impossibilita a geração de impressões – que se pode traduzir como: falta de ideias gera impressões estereotipadas.

É apropriado pensar, então, que existem conexões entre os diversos pensamentos e ideias da mente e que surgem à memória com certo método e regularidade, incluindo aí a cultura. O fato de indivíduos pertencerem a um ambiente diverso pode determinar o perfil diferenciado de conexões de ideias e pensamentos acerca de um determinado objeto ou situação.

Além das ideias que a mente tem das coisas como elas são em si mesmas, existem outras que ela adquire ao confrontar uma com outra. Por outro lado, quando se formam quaisquer proposições com os próprios pensamentos, podem-se formar nas mentes as próprias ideias sem refletir, gerando tipificações¹⁸. “Admite-se que o máximo esforço da razão humana é reduzir os princípios (...) a uma maior simplicidade, e resolver os muitos efeitos particulares numas quantas causas gerais, mediante raciocínios de analogia, experiência e observação” (HUME, 1985, p. 35).

¹⁶ Para Hume (1985) o entendimento/conhecimento é algo em constante construção (*understanding*). Já em Locke, o conhecimento é fechado e encerrado por si só (*knowledge*).

¹⁷ Percepcionar é um termo utilizado pelo neuropsicólogo Alexander Romanovich Luria para designar as sensações integralizadas entre todos os nossos sentidos. É através da percepção que o indivíduo organiza e interpreta suas impressões para atribuir significado ao seu meio. É a aquisição, interpretação, seleção e organização das informações obtidas pelos sentidos. LURIA, A. R. **Curso de psicologia geral**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979. Volume 2: Sensações e percepção.

¹⁸ Tipificação é o termo utilizado pelo autor David Hume para denominar generalização. HUME, David. **Investigação sobre o entendimento humano**. Rio de Janeiro: 70, 1985.

O enquadramento, seja ele particular de cada indivíduo ou aquele gerado pela mídia, por exemplo, nada mais é do que a tessitura de analogias; a familiarização com dada realidade, de maneira factual e real ou distorcida.

Uma das origens do estereótipo para Jens Rydgren em *'The Logic of Xenophobia'* (2004) ocorre quando o indivíduo é confrontado com situações atípicas e/ou ambíguas no cotidiano, costuma-se fazer um pré-julgamento simplificado. Mas, como este estereótipo nos permite orientar o mundo, pode também levar a erros. De toda forma, a realidade é geralmente muito complexa e as categorizações sociais são de grande valia.

O caráter seletivo da atividade consciente, que é função da atenção, manifesta-se igualmente na nossa percepção, nos processos motores e no pensamento. Se não houvesse essa seletividade, a quantidade de informação não selecionada seria tão desorganizada e grande que nenhuma atividade se tornaria possível. Se não houvesse inibição de todas as associações que afloram descontroladamente, seria inacessível o pensamento organizado, voltado para a solução dos problemas colocados diante do homem (LURIA, 1979, p. 01-02).

O procedimento de decodificação da comunicação que nos chega pode ser intensamente distinto, dependendo da forma como é dada a comunicação e dos modos através dos quais se comunica a informação, bem como do conteúdo da comunicação e do grau de conhecimento nela inseridos. O grau de conhecimento contido no material comunicável quase chega a ser o fator mais importante que determina a estrutura psicológica do processo de decodificação da comunicação interpretável. A palavra é sempre polissêmica, ela se constitui de fato em uma metáfora. Para compreender a fala de outrem não basta entender suas palavras – tem-se de compreender o seu pensamento. Variações no contexto implicam alterações no sentido. Mas nem mesmo isto é suficiente – também é preciso que se conheça a motivação. O sentido não é o mesmo para diferentes sujeitos na mesma situação; a palavra é sempre carregada de conteúdo e sentido ideológico e vivencial.

A decodificação da comunicação exige antes de tudo que se proceda à seleção semântica dentre os muitos significados da palavra empregada em determinado texto. Um dos fatores que permite fazer a escolha do sentido adequado da palavra é a entonação com a qual esta é pronunciada. Outro fator que determina a escolha do sentido adequado da palavra é o contexto. O processo de escolha correta do sentido de uma palavra pode encontrar uma série de dificuldades que devem ser levadas em conta. A primeira

destas dificuldades, que se manifesta com clareza especial no estudo de uma língua estrangeira e na assimilação de um novo objeto, é o conhecimento deficiente do léxico. O segundo obstáculo à escolha correta do significado da palavra entre as possíveis alternativas é o predomínio do pensamento figurado-direto, que torna um dos significados mais concretos da palavra o mais provável. Nossos sentidos, familiarizados com os objetos sensíveis particulares, levam à mente, várias e distintas percepções das coisas, segundo os vários meios pelos quais aqueles objetos os impressionaram sinestesia¹⁹ (LURIA, 1979).

Hume sinaliza como ‘mote libertador’ do enquadramento o poder e vontade inerentes aos indivíduos para alterar as ideias, visto que o conhecimento está sempre em construção. As experiências dos indivíduos vão acontecendo e modificando/transformando as concepções.

O estereótipo ou enquadramento que o indivíduo faz da realidade, e, consequentemente, que a mídia faz da realidade em seus produtos, é gerado pelo conhecimento. Este conhecimento, conforme Hume (1985) é construído através da paixão, da pulsão do indivíduo por entender determinado objeto, e pela lógica da causalidade – onde um evento causa outro no imaginário do sujeito.

Os estereótipos influenciam grande parte das informações sociais. É uma tendência de maximizar diferenças entre grupos diferentes e de minimizar as diferenças intragrupos (PEREIRA, 2002). Simular comportamentos e compartilhá-los socialmente faz o indivíduo se sentir inserido num agrupamento. Assim, ele é menos suscetível a sofrer. Os indivíduos são motivados socialmente à convivência para manter a sobrevivência de um grupo. Há benefício nas relações entre semelhantes, dá sentido de pertencimento no cumprimento de normas do grupo, simulação de comportamentos, entre outros (FISKE, 2000).

Acredita-se que as pessoas tendem a se identificar e identificar os seus valores com o seu grupo. Há uma tendência natural à autovalorização e à valorização do grupo

¹⁹ Formas mais profunda de interação sob as quais os órgãos dos sentidos trabalham em conjunto. LURIA, Alexander Romanovich. **Curso de psicologia geral**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979. Volume 2: Sensações e percepção.

ao qual o indivíduo faz parte. Em contrapartida, há uma desvalorização do outro. De acordo com os códigos culturais compartilhados, forma-se uma opinião estereotipada antes mesmo de uma observação. É como uma codificação de si e do outro. O sentimento de pertencimento de um grupo surge também à medida que ele se diferencia de outros. Há uma tendência a minimizar as diferenças dentro de seu próprio grupo e maximizar a diferença percebida dentro de outros grupos sociais. É normal pré-julgar as pessoas em categorias, mas isto pode gerar intolerância, bem como ambivalências.

A simplificação de uma pessoa acontece na ordem do que se imagina que o outro é e o indivíduo que se supõe ser. É uma questão de imaginário *versus* simbologia: quem o indivíduo imagina ser, quem se imagina ser o outro; *versus* quem se supõe ser de maneira simbólica e quem se supõe ser o outro. O que se observa é inseparável da forma como se enxerga o outro. Positivamente, se deve utilizar o estereótipo como sendo algo nem bom nem ruim, apenas diferente. Uma proposta é incentivar o olhar positivo às diferenças (PIPER, 2004).

O efeito mais importante do estereótipo está na busca e valorização dos dados da experiência, com os quais estão por si só alterados em função das tipificações correntes a partir do mesmo momento de sua percepção por parte dos sentidos.

As mais sutis e difundidas de todas as influências são aquelas que criam e mantêm o repertório de estereótipos (...). E estas percepções, a menos que a educação tenha nos tornado mais agudamente conscientes, governam profundamente todo o processo de percepção (LIPPMANN, 2008, p.68).

Para entender em profundidade os modos de funcionamento dos estereótipos sociais é necessário levar em consideração algumas de suas propriedades. A primeira é que os estereótipos são socialmente compartilhados, e geralmente utilizados para explicar as diferenças reais ou imaginárias entre grupos. Surgem como um meio de explicar e justificar as diferenças (STEREOTYPE, 2009). Para alguns, o estereótipo, bem como o preconceito, pode ser considerado uma tendência típica do indivíduo, cada um com os quais elabora seus próprios estereótipos e se deixa influenciar por eles em menor ou maior medida. A segunda propriedade é o nível de generalização, quer dizer, é julgar que as características negativas atribuídas a um objeto do estereótipo estão mais ou menos homoganeamente distribuídas nele.

Determinada certa imagem negativa de um grupo, pode-se estar convencido de que quase todos os indivíduos possuem as mesmas características, na mesma medida, geradas pelo estereótipo. Outra propriedade está relacionada com a menor ou maior rigidez dos estereótipos: são dificilmente mutáveis, pois estão arraigados na cultura e na personalidade. Outras características são: a forma abusiva que se apresentam quando uniformizam o 'alvo' e extremista, pois se apresentam de maneira superlativa, além de ser negativo com maior frequência, tornando-se automático. Alguns efeitos contraproducentes são: justificação de preconceitos mal fundados; ignorância; falta de vontade de repensar atitudes e comportamentos estereotipados; opiniões errôneas; obstáculos para interação; percepção errada; valoração distorcida; racismo; opressão; discriminação e hostilidade mascarada ou sutil.

Para tanto, o conhecimento de algo só se faz possível através das crenças, das impressões (feitas por analogia) e das tipificações (percepcionadas) feitas sobre a realidade. E essas crenças são proporcionadas pelo instinto e pelo *habitus* cultural do indivíduo.

As causas excepcionais do estereótipo estão na forma como se utilizam as minorias como bode expiatório, por exemplo, ou como é gerado pelo sentimento de pertencimento sociocultural. Até mesmo por uma simplificação do mundo (necessidade psicológica), uma hostilidade com o diferente (fundamento biológico) ou uma construção social, gerando segregação, xenofobia ou isolamento. O distanciamento, por exemplo, se apresenta de modo sutil: não podendo tolerar a contradição entre os próprios valores igualitários e um antigo e enraizado sentimento de resistência frente ao diferente, o indivíduo tenta evitar o contato, limitando as interações e adotando condutas que marcam o distanciamento e salientam o não estreitamento de vínculos (MAZZARA, 1999).

As estratégias de defesa contra os estereótipos são: reprodução dos estereótipos – nem sempre de forma negativa – distanciamento, distorção, caracterização típica, previsão e orientação, apontamento de tendências, características supervalorizadas e a tendência à confirmação da estereotipia.

Se a experiência contradiz o estereótipo, uma das duas coisas acontece. Se o homem não é mais maleável, ou se algum interesse poderoso torna altamente inconveniente reorganizar seus estereótipos, ele despreza a contradição como uma exceção que prova a regra, desacredita a testemunha, encontra uma falha em algum lugar, e trata de esquecer-lo. Mas se for curioso e aberto, a novidade é trazida para dentro do quadro, permitindo-se que o altere (LIPPMANN, 2008, p. 69).

Uma das problemáticas do estereótipo é que a diferença encontrada se aplica universalmente a qualquer membro da cultura. Age-se como se todos os membros de uma cultura ou grupo partilhassem a mesma característica, por razões históricas e sociais, com cunho do sistema cognitivo. Isto pode dar uma falsa sensação de compreensão. Por outro lado, há estratégias de convivência com o diferente: assimilação, fusão, adaptação, interação e pluralismo cultural.

3.4. A FENOMENOLOGIA DE ALFRED SCHUTZ

Sendo objetivo da fenomenologia de Schutz estudar os fatos conforme experimentados na consciência, através de ações cognitivas e perceptivas, tentando assim, perceber como as pessoas estabelecem seus significados, é importante citar a obra de Alfred Schutz (1899-1959) para entender o processo pelo qual o indivíduo apreende o conhecimento e gera enquadramentos e estereótipos da realidade, relevante para observar como este indivíduo apreende os objetos circulados nas mídias.

O autor foi um dos primeiros a reivindicar como objeto de estudo o âmbito da sociabilidade, ou seja, o conjunto de relações interpessoais e atitudes pessoais que, ainda que dependa de padrões adquiridos, são pragmaticamente reproduzidas ou modificadas na vida cotidiana.

Grande defensor da abordagem da subjetividade do indivíduo nas ciências sociais, o sociólogo da compreensão foi influenciado pelos autores; Husserl, Merleau-Ponty, Gurwitsch, Scheler, Weber, Sartre, Bergson, entre outros. E influenciou autores como: Garfinkel, Goffman, Giddens, Peter Berger, Tomas Luhmann e Gaye Tuchman, da teoria da notícia.

Da tradição weberiana, Schutz transporta consigo a ideia de ação subjetivamente significativa. Da tradição husserliana, retém a intencionalidade e os processos de consti-

tuição de sentido, os quais abrem caminho para a relação entre a comunicação e a construção social da realidade, relação esta em que as reflexões sobre o tempo são protagonizadas por Bergson, a teoria da simbolização de Voegelin e a noção de comunidade de Scheler desempenharão papéis relevantes. Da posterior aproximação à tradição americana pragmatista, resulta uma atenção às relações entre pensamento e ação, a qual culmina na interação entre sujeito e mundo como projeto. Com Schutz, é esclarecido o papel que a fenomenologia de Husserl pode desempenhar na descrição do mundo da vida e na compreensão das múltiplas realidades sociais. Entende-se, finalmente, como a sua atenção às estruturas subjetivas da consciência articulada com a ideia weberiana de ação subjetivamente significativa exige uma concepção de intersubjetividade que implica a participação ativa dos sujeitos na construção da sociabilidade. Como resultado, surgem os estudos de antropologia e sociologia de inspiração fenomenológica fundamentados em grande parte na negociação entre os atores na comunicação cotidiana (CORREIA, 2005).

O ponto de partida de Schutz é o ponto de chegada de Husserl: Schutz pretende, sobretudo, centrar-se na análise do plano mundano, debruçando em especial sobre a comunicação, a intersubjetividade e a sociabilidade. Schutz está menos interessado na descoberta de um campo transcendental, seguindo as operações de redução do que na constituição do mundo *espacio-temporal* através de operações de reflexão. Porém, nem por isso, o seu esforço é menos fenomenológico.

Desenvolvendo as intuições de Husserl, Schutz considerou a atitude natural como uma suspensão da dúvida em relação à objetividade do mundo aplicando de modo minucioso este tipo de atitude e o modo de conhecer que lhe é próprio em relação à sociabilidade.

A fenomenologia aborda, em suma, o conceito de *epoché* fenomenológica como a suspensão da crença na realidade do mundo enquanto recurso para superar a atitude natural radicalizando o método cartesiano da dúvida filosófica. O homem na atitude natural, pelo contrário, não suspende a crença no mundo exterior e nos seus objetos: o que é colocado entre parênteses é a dúvida de que o mundo e os seus objetos possam ser diferentes de como aparecem. Schutz propõe chamar a este tipo particular de *epoché* a *epoché* da atitude natural. A atitude natural desenvolve-se por parte da generalidade dos atores sociais que atuam no mundo da vida (chamadas de *Lebenswelt*), outro dos concei-

tos que constituíram 'a pedra fundamental' do impulso fenomenológico detectado no campo da sociologia. O que constitui a realidade é o significado da nossa experiência e não a estrutura ontológica dos objetos (SCHUTZ, 1975).

Na vida cotidiana, ocupando o ponto de vista da atitude natural, o indivíduo vive dentro de atos dotados de significado. Apenas se tem consciência da objetividade construída neles no cotidiano. O mundo do significado subjetivo nunca é anônimo porque é essencialmente algo dependente da intencionalidade da consciência, minha ou de outros (SCHUTZ, 1967).

O termo 'atitude natural' foi usado, assim, para designar o modo pelo qual se percebe, interpreta-se e age-se no mundo em que todos estão inseridos. Orientada por considerações de natureza pragmática, a atitude natural envolve a suspensão da dúvida acerca de saber se as coisas são como parecem ou se a experiência passada será ou não um guia válido para o futuro. Na atitude natural, quem percebe acredita que as coisas são como lhes aparecem ou pelo menos procede a uma suspensão de qualquer dúvida que possa ter acerca disso. A realidade do mundo, na atitude natural, apresenta-se numa experiência como existente e aceita tal como ela se dá, a saber, como existente e evidente (CORREIA, 2005).

O reverso da atitude natural é a 'dúvida cartesiana' que ceticamente nega a objetividade da percepção, a adequação do conhecimento ou a utilidade da experiência passada. Porém, não é este o tipo de dúvida que tem lugar na redução fenomenológica. A redução transcendental – *epoché* – consiste na suspensão do juízo sobre o mundo, não no sentido cartesiano, mas no sentido da tentativa de regressar ao caráter prioritário da consciência, aquém do momento em que o mundo se oferece como um pré-existente na sua evidência (CORREIA, 2005).

Quando se concentra na essência de um fenômeno (o seu *eidós*), dá-se particular atenção àqueles traços que o transformam num fenômeno de determinada espécie. Em vez de se olhar a todos os detalhes de um objeto fenomenal particular:

“... uma pessoa pode identificar certo número de características (...) que são traços específicos desse objeto. (...). O processo de redução fenomenológica é o caminho da razão plena que abandona o universo das receitas típicas da atitude natural para, num plano de abstração máxima, compreender o conhecimento dos seus objetos” (CORREIA, 2005, p. 34-35).

Na percepção espontânea capta-se o objeto, não a percepção do objeto. Na reflexão natural, os indivíduos são colocados no terreno do mundo posto como evidente. O ser humano está sempre na intencionalidade que é estar referido ao mundo do ser humano. Afirmar a intencionalidade da consciência é afirmar que as vivências, enquanto atos têm um sentido, não se encerram sobre si mesmas, mas visam essencialmente um objeto. Para se afirmar a consciência, ela tem de ser sempre consciência de algo. O ser humano deixa de ser possível numa esfera fechada de interioridade quiescente. A consciência é de objetos, não de si própria. Pensar é, pelo seu próprio sentido, pensar alguma coisa. O real só tem sentido na consciência. "... o objeto intencional não é simples representação ou imagem do exterior (...). Assim, visar um objeto é também atribuir um sentido" (CORREIA, 2005, p. 36).

Tecnicamente, a atitude natural é oferecer a suspensão de qualquer dúvida sobre a existência de uma realidade preponderante sobre todas as outras. A certeza de que o mundo existe antes da geração atual e vai continuar depois desta geração sustenta a história dos predecessores, a interação com os contemporâneos e consociados e os projetos que os afetarão e aos sucessores. A atitude natural trabalha com a 'certeza' dos agentes quanto a uma realidade exterior a todas as subjetividades, tomando como dado o mundo existente e suas leis. Só assim os agentes podem reproduzir, rotineiramente, as condições dessa realidade, que é apreendida a partir do conhecimento de 'receitas' e comportamentos, entendidos de um modo que permite assegurar a continuidade da ordem social. Se a redução, como um processo de conhecimento, consiste em desenvolver um estado de suspensão dos pressupostos existentes em relação aos fenômenos perceptíveis, a atitude natural também opera com um tipo peculiar de 'redução' que envolve a suspensão da dúvida relativa à realidade do mundo. A atitude natural é a certeza intersubjetiva (ou ausência total de dúvida), operando plenamente. "O homem na atitude natural, não suspende a crença no mundo exterior e nos seus objetos: o que é colocado em parênteses é a dúvida de que o mundo e os seus objetos possam ser diferentes de como aparecem" (CORREIA, 2005, p. 38).

No mundo da vida, vive-se a maneira vulgar de relacionamento com as coisas, com os objetos, com as pessoas, com os sentimentos e pensamentos. "... o ator, consequentemente, assume que as ações que foram bem sucedidas em condições similares

precedentes continuarão a ser bem sucedidas na situação presente” (CORREIA, 2005, p. 34).

O objetivo da fenomenologia, tal como foi proposto por Husserl, é estudar os fenômenos tal como são experimentados na consciência através de atos cognitivos e perceptivos, tentando, deste modo, perceber como é que as pessoas constroem o significado. A experiência do mundo, na qual os pensamentos se fundam, é intersubjetiva porque se experimenta o mundo com outros e através de outros.

Em Schutz, a consciência de um indivíduo faz a leitura do universo de uma forma que implica transitar entre estados particulares da realidade, por meio de diferentes atitudes e estados de consciência, indo e regressando para a atitude natural, que se torna a âncora dessas transições. Apesar de a atitude natural ser o ponto de partida e de chegada destas viagens da consciência, e do mundo da vida cotidiana ser olhado como a província padrão da realidade, há múltiplas realidades, e uma delas é considerada, pelos formadores da sociedade, a realidade, ou seja, o mundo da vida cotidiana.

Para o autor, o modo de orientação do indivíduo é estimulado por proposições dadas por outros, antecessores a ele, seria o *habitus*, a hereditariedade cultural. A natureza e as coisas existem antes mesmo da existência de uma dada geração, os hábitos já estão aí sendo repassados de gerações a gerações e vão continuar existindo. De acordo com a hierarquização de valores culturais, os grupos sociais estabelecem seus domínios de relevância para tipificar o mundo. Além disso, há também outra questão apontada pelo autor importante na construção do conhecimento²⁰:

Nem tudo o que está presente numa situação é importante para as pessoas nela envolvidas. Na verdade, alguns dos fatores de uma situação impõem-se aos atores, constituindo assim ‘relevâncias impostas’. Outros são isolados pelo indivíduo, que os considera importantes para ele, no momento; esses assumem uma ‘relevância volitiva’²¹ (SCHUTZ, 1979, p. 22).

²⁰ Para o autor heterogêneo, parcial, e contraditório; serve como interpretador de vivências retidas na memória – para Schutz memória significa: lembrança, retenção e reconhecimento de algo (SCHUTZ, 1979).

²¹ Para o autor ‘relevância volitiva’ é a importância que o indivíduo confere a algum fato ou pessoa. Volição é igual a vontade. (idem)

Uma ação passa a ser designada por consciente no sentido em que, antes de ser realizada, tem-se em mente uma imagem do que vai ser feito. Essa imagem é o ato projetado. Então, conforme se prossegue para a ação, continuamente se retêm a figura diante da visão interior (retenção), ou de vez em quando relembra (reprodução) (SCHUTZ, 1967). A teoria da ação de Schutz faz questão em salientar que as experiências presentes não se referem apenas às experiências passadas, através de retenções e de lembranças. Qualquer experiência refere-se também ao futuro e traz consigo pretensões de ocorrências que se espera se realizarem já no presente e antecipações de eventos mais distantes no tempo, com os quais se espera que a experiência presente se relacione (SCHUTZ, 1979).

Todos os fenômenos do mundo externo têm significado não apenas para o indivíduo e para o outro, mas para todos os que o habitam. Há apenas um mundo externo, o mundo público, o qual é dado para todos de igual modo. Cada ato pelo qual se atribui significado ao mundo tem por referência um ato doador de sentido de outrem a respeito do mesmo mundo. O significado é assim constituído como um fenômeno intersubjetivo (SCHUTZ, 1967).

O ideal de conhecimento na vida cotidiana não é a certeza, nem sequer a probabilidade no sentido matemático, mas apenas a aproximação (SCHUTZ, 1976). Nenhuma das experiências é destituída de sentido.

Em Alfred Schutz, os projetos futuros serão tanto mais fáceis quanto puderem ser considerados como uma escolha entre alternativas típicas. Logo remetem para a existência de ações rotinizadas, no decurso das quais os agentes repetem procedimentos, standardizando-os e sedimentando-os. Na tipificação, os objetos do mundo social estão constituídos dentro de um marco de familiaridade e de reconhecimento proporcionados por um repertório de conhecimentos disponíveis cuja origem é fundamentalmente social, é o que habitualmente Schutz chamou de acervo de conhecimentos disponíveis.

A apreensão do mundo social é sempre baseada em tipos e aproxima-se do mundo com certa familiaridade. As experiências cotidianas vividas e transmitidas pelos e para os agentes sociais formam o que a sociologia fenomenológica chama de acervo de conhecimento. O acervo de conhecimento é o conjunto de saberes, informações e operações do dia a dia de que o agente dispõe para interagir com o mundo, interpretá-lo e

adaptar-se a ele. Esse é o saber consolidado no processo de rotinização das experiências cotidianas e é o critério imediato para a tipificação (enquadramento) dos dados vividos em fatos reconhecíveis e socialmente intercambiáveis. O repertório de construções sociais é oferecido sempre de uma forma tipificada. O conhecimento tipificado segundo o qual os atores analisam o mundo social é aproximado e susceptível de revisão, mas dentro da atitude da vida cotidiana tal revisão é suspensa. A percepção própria do senso comum é efetuada com base em tipos (SCHUTZ, 1976).

O problema principal da tipificação é que ele varia de acordo com o que um determinado grupo ou indivíduo classifica como pertinente, o mesmo é dizer varia com o sistema de relevâncias.

Schutz analisa três tipos de **relevância** quanto à importância das experiências: **temática, interpretativa e motivacional**. No primeiro caso, na **relevância temática**, se distingue ainda entre *relevância imposta* e *motivada*. A relevância é *imposta* quando há uma modificação do regime da tipificação habitual, independente da vontade, que torna inválida o procedimento de aplicação reiterada dos esquemas provenientes da experiência. Implica uma reformulação dos quadros de referência ou dos sistemas de coordenadas pela superveniência de um acontecimento imprevisto, pela possível transição entre províncias de significado finito ou pela reorientação social ou intersubjetiva da atenção. A relevância é *motivada* quando implica uma deslocação voluntária de atenção de um tema a outro.

Já a **relevância interpretativa** consiste na seleção de esquemas interpretativos baseados na reserva de experiência do indivíduo. Tal como a primeira relevância, a temática, pode ser *imposta* ou *motivada*. É *imposta* quando se verifica uma coincidência rotinizada entre as características de uma situação e os esquemas interpretativos que são aplicados. É *motivada* quando, na falta de um esquema interpretativo na reserva de experiência, há elaboração de uma tipificação.

Por outro lado, a **relevância motivacional** diz respeito a um interesse de ordem pragmática. Um objeto, por exemplo, pode ser modificado e reorganizado desde que se tenha o *know-how* e a compreensão de quando e onde utilizá-los. Além disso, as relevâncias são gradativas, das de maior importância, até aquelas irrelevantes, que levam o indivíduo a fazer algo a respeito ou simplesmente ignorar.

As zonas de relevância não são estanques entre si, permeiam-se e dão origem a zonas de sobreposição, porque um ator social pode estar presente em várias situações diversas no mundo da vida (SCHUTZ, 1976). “Os processos compreensivos são centrais para que os atores sociais possam interpretar o mundo e, (...) da compreensão enquanto abordagem da subjetividade do ator” (CORREIA, 2005, p. 14).

Qualquer pessoa nascida ou criada dentro do grupo aceita o esquema *ready-made*²² estandardizado do padrão cultural que lhe é transmitido (...) como um guia não-questionado e inquestionável para todas as situações que normalmente ocorrem dentro do mundo social. O conhecimento associado ao padrão cultural traz sua evidência em si próprio – ou, em vez disso, é tido como pressuposto, na falta de evidência do contrário. É um conhecimento de receitas certas para interpretar o mundo social e para lidar com pessoas e coisas de forma a obter, em cada situação, os melhores resultados possíveis com o mínimo esforço, evitando consequências indesejáveis. A receita funciona, de um lado, como preceito para as ações e, assim, serve como um código de expressão: quem quiser obter certo resultado tem de proceder conforme indicado pela receita dada para tal propósito. De outro lado, a receita serve como um código de interpretação: supõe-se que quem procede de acordo com as indicações de uma determinada receita pretende obter o resultado correspondente. Assim, é função do padrão cultural *ready-made* para o uso, substituindo a verdade, difícil de alcançar, por truísmos confortáveis, e substituindo o questionável por aquilo que se auto-explica (SCHUTZ, 1979, p. 81) (grifo nosso).

A realidade está sempre em construção, e é sempre um movimento de adaptação para os indivíduos realizarem uma leitura dos fatos ocorridos no mundo da vida. Porém, para os estrangeiros (leia-se: todos vindos de fora de uma dada comunidade), além disso, há também um choque quanto à forma de pensar fora do seu agrupamento, que é inadequada “... o comportamento dos outros pode ser tipificado de acordo com padrões de normalidade²³, os quais, todavia, devem ser baseados em contextos funcionais de outras subjetividades” (CORREIA, 2005, p. 55).

²² Feitos sob medida. (idem)

²³ Normalidade aí está colocada como uma congruência em relação ao comportamento de outros.

A questão da intersubjetividade em Schutz diz respeito, pelo menos, a três níveis de análise: o primeiro concerne às estratificações fundamentais do mundo da vida; o segundo, ao ponto de vista relativamente natural de um grupo, e o terceiro, ao conhecimento dos motivos concretos da ação de outrem, que se relaciona com uma teoria da ação social. A primeira diz respeito às estruturas espaciais, temporais e sociais básicas da nossa experiência na vida cotidiana nos termos dos quais o mundo adquire a sua estrutura significante, isto é, passa a fazer sentido para mim. (...). O segundo nível de análise da intersubjetividade diz respeito à visão relativamente natural do grupo, ou seja, à sua experiência sedimentada do mundo tida por adquirida e comumente partilhada, com base na qual cada sujeito organiza a sua experiência como membro do grupo. Ou seja, passa pela definição da posição de outro no interior do grupo social e pela análise do modo como entendemos o outro como membro do grupo. Finalmente, o terceiro nível de análise da intersubjetividade diz respeito à compreensão dos motivos da ação de outrem (...). Aqui o problema passa fundamentalmente por saber o modo como o sujeito conhece os motivos do outro para agir de modo que age. Obviamente que tais motivos exigem a compreensão prévia da concepção relativamente natural do mundo, composta de tipificações comuns, graças às quais eu entendo as minhas ações e acredito entender as de outros (CORREIA, 2005, p. 60-61).

Os indivíduos do grupo externo não veem o costume do grupo interno como verdades dadas. “... os seus processos de racionalização e institucionalização são diferentes” (SCHUTZ, 1979, p. 85). É indispensável compreender que a auto-interpretação pelo grupo externo e a interpretação pelo grupo interno da concepção natural do mundo dos grupos externos estão ligados, criando um efeito espelhado²⁴.

Para o estranho, o padrão cultural de seu grupo de origem continua a ser o resultado de um desenvolvimento histórico não-interrompido e um elemento de sua biografia pessoal, que por esse mesmo motivo tem sido ainda o código não-questionado de referência relativo à sua ‘concepção natural do mundo’. É óbvio, portanto, que o estranho comece a interpretar seu novo ambiente social em termos do seu pensamento usual. Segundo o código de referências trazido de seu grupo de origem, entretanto, ele tem uma ideia *ready-made* do padrão supostamente válido dentro do grupo do qual se aproxima, uma ideia que, necessariamente, logo se prova inadequada (SCHUTZ, 1979, p. 88).

Em seguida, no entanto, ambientando-se com o novo grupo, o padrão cultural antes estranho passa a fazer parte de sua vida ganhando um caráter de normalidade.

²⁴ Isso acontece quando um indivíduo enxerga um estrangeiro (fora daquela comunidade) como se fosse da sua cultura, só que de maneira inversa.

Podemos dizer que o membro do grupo interno ‘bate o olho’ nas situações sociais que lhe ocorrem normalmente e imediatamente capta a receita *ready-made* apropriada para a sua solução. Nessas situações, a sua ação traz todas as marcas do hábito, do automatismo e da semi-consciência. Isso é possível porque o padrão cultural provê, com suas receitas, soluções típicas para problemas típicos de atores típicos. Em outras palavras, a chance de obter o resultado desejado estandardizado, através da aplicação de uma receita estandardizada, é objetiva, isto é, está aberta a qualquer um que se comporte como o tipo anônimo que a receita requer (SCHUTZ, 1979, p. 91).

As experiências cotidianas vividas e transmitidas pelos e para os indivíduos constituem o que a fenomenologia chama de acervo de conhecimento²⁵.

“... em face de cada nova situação, o ator agirá do mesmo modo partindo do princípio de que as coisas se apresentarão idênticas àquelas que se apresentaram da última vez. Esta tipicidade, graças à qual se espera que o ‘que assim foi assim será’, integra a concepção relativamente natural e permite aos atores acreditarem na permanência do mundo da vida, e na sua estabilidade face à erosão provocada pelo tempo: a garantia, em suma, de que algo permanece mesmo quando tudo vai mudando. Prevalece a certeza de que o mundo da vida é um pressuposto que existe antes de mim e vai continuar depois de eu desaparecer” (CORREIA, 2005, p. 94).

A problemática principal do enquadramento que a mídia proporciona da realidade é sua variação de relevância conforme um determinado grupo ou indivíduo. A sistemática de relevâncias e enquadramento exerce importantes funções: motivam os fatos e acontecimentos que têm de ser abordados como substanciais; modificam as percepções sociais; funcionam como um plano de interpretação e de orientação para cada indivíduo, auxiliando a compor um universo de alocação comum; aperfeiçoam as possibilidades de estabelecimento de uma coerência entre o plano tipificado utilizado pelo indivíduo como plano de orientação e o plano tipificado utilizado pela mídia como plano de interpretação.

Alfred Schutz é talvez um dos teóricos que, de modo mais direto ou indireto, influenciou os estudos sobre o papel da comunicação na constituição da sociabilidade, na formulação de entendimentos e nos sucessivos processos de aprendizagem graças aos quais constrói-se uma compreensão mútua em que se baseia a percepção da realidade

²⁵ O acervo de conhecimento é a união de saberes, informações e operações cotidianas de que o indivíduo possui para interagir com o mundo, interpretá-lo e habituar-se a ele (SCHUTZ, 1979).

social (CORREIA, 2005). Para Correia (2005, p.16), a comunicação implica a constituição de universos de significado comuns “... onde é possível compreender e sermos compreendidos graças a (...) geração recíproca de expectativa, no (...) qual construímos uma ideia partilhada de realidade”.

A partilha desse significado provém em primeira instância de mediação simbólica. Tais processos permitem a ultrapassagem das diversas subjetividades individuais e orientam os indivíduos ao nível de uma dimensão cognitiva - sustentam as representações sociais da realidade social e natural - e de uma dimensão prescritiva - indicam os objetivos e as normas de acordo com as quais os indivíduos e as coletividades devem comportar-se. De acordo com esta visão, de certa forma, a comunicação desempenha um papel fundamental na constituição da experiência que se tem do mundo.

É através da comunicação na vida cotidiana que se supera a experiência da transcendência dos outros, especialmente das suas próprias experiências do mundo. Logo, a comunicação na vida cotidiana é essencial para compreensão entre os diferentes âmbitos de significado finito em que esse mundo se estratifica (SCHUTZ, 1976). A comunicação plenamente bem sucedida é impossível, há sempre uma margem da vida privada de outro que me é inacessível e que transcende as minhas experiências possíveis. Toda a reflexão sobre a comunicação deixa intacto um domínio pré-conceptual e pré-comunicativo inapreensível pela simbolização.

Em Schutz, o processo comunicativo é essencial para a existência de qualquer relação social possível, mas não é, em sentido estrito, o fundamento de toda a relação social possível. “Pelo contrário, toda a comunicação pressupõe a existência de algum tipo de interação social que, apesar de ser uma condição indispensável para a comunicação, não entra no processo comunicativo e não é capaz de ser captado por ele” (SCHUTZ, 1976, p.161). Por outro lado, a partilha dos significados só pode ser realizada através da comunicação. A intencionalidade na transmissão dos significados surge como o elemento essencial e característico dos processos comunicativos.

A comunicação, e seus meios de difusão, são os responsáveis por esta transformação estrutural da sociedade em que as perspectivas diferenciadas são mais importantes do que os pontos de vista centrais. O mundo da vida pressupõe a instabilidade e a

sua porosidade. Porém, também implica a atitude natural e a aceitação de uma ‘visão relativamente natural do mundo’ inerente a cada comunidade (VATTIMO, 1992).

O jornalista, por exemplo, é um observador que partilha o mesmo mundo que qualquer outro indivíduo. O desafio é construir um relato objetivo sobre um determinado assunto, distanciando-se de um significado subjetivo. Estes profissionais tentam criar um universo de tipificações para se aproximarem do ponto de vista da atitude natural do indivíduo que reúne em si as visões típicas de certa ordem social. Neste caso, grande parte dos jornalistas, especialmente, dos generalistas, se veem confrontados com o fato de serem especialistas no tratamento de informação, de tal modo que essa informação não sofra um desvio excessivo em relação aos padrões típicos do cidadão comum. Chegados a este ponto, o jornalismo surge como uma profissão paradoxal: é a única especialidade que se treina em retratar e aplicar os sistemas de relevância dos cidadãos comuns (CORREIA, 2005).

Através do uso de signos, o processo comunicativo permite tornar-se consciente, ao menos até certo ponto dos pensamentos de outrem, permite ter acesso à sua *durée* interior (corrente de consciência) em simultâneo, apesar do fato já referido de que a comunicação completamente bem sucedida parece ser impossível (SCHUTZ, 1989). Este caráter incompleto da possibilidade da comunicação deixa um reduto de incomunicabilidade, que é também margem para o fundamento de uma estranheza recíproca. Com efeito, um dos aspectos mais interessantes desta obra, neste plano, reside no fato de a comunicação não pode ser relacionada com a eminência da sua improbabilidade: a estranheza ocupa, assim, um plano neste domínio tão importante quanto o do entendimento. Apesar de, em Schutz, a intersubjetividade ser anterior à comunicação, esta desempenha um papel estruturante nas manifestações concretas de sociabilidade. A comunicação implica a constituição de universos de significado comuns onde é possível compreender e ser compreendidos graças a um processo de geração recíproca de expectativas no decurso da qual se constroem uma ideia partilhada de realidade. De acordo com este ponto de vista, a Teoria da Comunicação de Alfred Schutz inclui uma concepção da natureza humana e da sua relação com o mundo da vida que privilegia a intersubjetividade. Neste plano, incluem-se uma descrição de como a ação social é sempre dirigida a outrem e de como a linguagem desempenha um papel essencial neste processo (CORREIA, 2005).

A mídia massiva e pós-massiva podem ser, sobretudo, entendidas como um sistema de determinação de relevâncias ao nível da comunicação de massas e pós-massivas do que é relevante, do poder que cada um dispõe para determinar a relevância relativa das coisas e da capacidade e da competência do jornalista para detectar as relevâncias do mundo cotidiano a fim de os traduzir em notícia.

Os medias dispõem de um amplo leque de experiências que são definidas de acordo com uma lógica institucional, organizativa e profissional que lhes é própria. Logo, a constituição da visão relativamente natural do grupo – hoje paradoxalmente mais fragmentada, instável e globalizada do que no tempo de Schutz – passa pela comunicação de massa a qual ajuda a consolidar as tipificações e relevâncias em que se fundam o conhecimento que os atores sociais têm do seu mundo partilhado. A percepção do que é tido por noticiável implica o recurso a quadros de experiência. A descrição da realidade sugere construtos susceptíveis de serem suficientemente gerais e abstratos para poder equiparar dentro de si, à luz de um sistema de relevâncias, determinados traços de acontecimentos variados que se considera como semelhantes ou iguais. Na verdade, o mundo social só pode ser percebido e experienciado como típico (SCHUTZ, 1978).

Graças à operação intelectual que é a tipificação, aquilo que é vivido como novo já é conhecido, no sentido de que lembra coisas parecidas ou iguais anteriormente percebidas. Mas o que já foi captado uma vez em sua tipicidade, traz consigo, um horizonte de experiências possíveis, com as referências correspondentes à familiaridade, isto é, uma série de características típicas ainda não realmente vividas, mas que se pensa que possam ser vividas (SCHUTZ, 1978).

Existem dois tipos de tipificações: as tipificações realizadas ao nível do senso comum que emergem no mundo cotidiano e as tipificações feitas pelos cientistas. A atividade jornalística sugere a utilização desta forma de construtos que permitem aos profissionais desta área da comunicação aprender com a experiência, a localizar, perceber, identificar e classificar um número infinito de ocorrências – são os frames. Trata-se em suma de uma operação que auxilia a escolher a ação mais adequada para o tipo de situação que enfrenta. Porém, estes construtos são híbridos, particularmente susceptíveis de serem eles próprios participantes interessados de acordo com o seu sistema de relevâncias no carácter eminentemente prático das suas atividades.

Não é por acaso que a linguagem dos jornalistas surge fortemente condicionada por convenções estilísticas, rotinas investigativas, plasmando nas suas reportagens infinitos arquétipos, estereótipos e tipos estandardizados. Por detrás do olhar do jornalista existe de certa forma uma teia tipificadora que constitui auxiliar no seu esforço de conferir certa ordem e sentido à realidade. As imagens funcionam como os arquétipos que se usa para criar este relato, inserindo-o de modo articulado no conjunto de narrativas dominantes numa dada cultura. Este modo de ação pode desencadear uma operação coletiva de naturalização do que é cultural, omitindo ou acentuando os elementos conflitantes e contraditórios.

Finalmente, o jornalista como perito na circulação de informação encontra-se na necessidade de apresentar e produzir informação relevante para que se possa ascender a alguns domínios pelo menos do sistema de relevâncias do cidadão bem informado assim como tem de atender às necessidades do sistema de relevância destes. Fazer a notícia partícipe da construção social da realidade. O problema principal é que os responsáveis pela produção desses construtos são, desde o início, colocados entre dois fogos: a objetividade no sentido da adoção da postura de um observador desinteressado; e a proximidade em relação à atitude natural de cidadãos típicos, a fim de alcançar apoio, simpatia e legitimação junto às audiências (CORREIA, 2005).

3.5. GUSTAVE LE BON – CRENÇAS E OPINIÕES COMO GERADORES DE CONHECIMENTO: CONCEITOS CONTRIBUTIVOS À FENOMENOLOGIA

Para Gustave Le Bon (2002), o estereótipo, que serve para o indivíduo e a mídia enquadrarem a realidade, tem origem inconsciente e é alheio à razão. Quando é verificada pela observação e pela experiência, torna-se um conhecimento.

Conforme a teoria associacionista seguida por Le Bon, as ideias²⁶ podem se associar de acordo com dois processos diferentes: por semelhança – analógicas – ou associações por contiguidade – não-analógicas.

Quando a inteligência consegue exercer uma influencia inibidora na paixão, esta última, pode-se dizer, não era forte. A inteligência só influi numa paixão quando a representação mental de um sentimento é oposta a outro. A luta existe então, não entre representações intelectuais e representações afetivas, mas unicamente entre representações afetivas posta em presença pela inteligência (LE BON, 2002, p.69).

Para o autor, o desejo é o sentimento motriz da paixão e do conhecimento, transformando diretamente as opiniões e crenças. Os fatores internos das opiniões e das crenças são: o caráter; o ideal (síntese das suas aspirações); a necessidade (um dos grandes elementos geradores das nossas opiniões); o interesse e as paixões. Seguidos dos fatores externos: a sugestão (o poder de persuasão exercido); as primeiras impressões (estereótipos); a necessidade de explicações (que contribui para a determinação da gênese de opiniões); os vocabulários, as fórmulas e as imagens; as ilusões e a necessidade. Além das formações de opiniões sob influências coletivas: meio (coletividade, herança cultural), costume (*habitus*), grupos sociais, nacionalidade, regionalidade, etc.

Para Le Bon (2002) as lógicas aplicáveis e regentes às opiniões e as crenças são: lógica biológica (instintos), lógica afetiva (paixão), lógica coletiva (*habitus*), lógica mística (de contradições, irracionais e de paixão) e lógica racional (cognitiva: vontade – atenção – reflexão).

A crença é mental, intolerante e imbuída de paroxismo. E este paroxismo, é o clímax da intensidade da crença. 'As influências irracionais, que provocam os movimentos de opiniões, incessantemente mudam, conforme a luz variável que banha as coisas. Deve-se saber adivinhá-las, quando se as quer dominar e não esquecer que uma opinião qualquer universalmente aceita constituirá sempre, para a multidão, uma verdade' (LE BON, 2002, p. 254).

O estímulo é obtido através das sensações, em seguida, detêm-se atenção em cima do objeto que sensibilizou, gerando uma percepção. Esta é orientada pela experiên-

²⁶ As nossas representações mentais podem ser de ordem afetiva (inconscientes) ou de ordem intelectual (*habitus* – o hábito é o grande regulador de sensibilidade). LEN BON, Gustave. **As opiniões e as crenças**. Edição Ridendo Castigat Mores, 2002.

cia antes vivenciada por meio da cultura. A informação é então interpretada motivando o conhecimento. E esse conhecimento, acredita-se, está sempre em construção e advém também da memória (e para ela volta), culminando no processo decisório da ação.

Cada indivíduo atua e pensa em função de sua própria relação de valores culturais e ideológicos, e que pode ser mais ou menos maleável, mas o enquadramento sempre existe, e é ele que determina a forma como o indivíduo faz a leitura através da mídia, por exemplo, da realidade. “Os fatos que vemos dependem de onde estamos posicionados, e dos hábitos de nossos olhos. Na maior parte dos casos, nós não vemos em primeiro lugar, para então definir, nós definimos primeiro e então vemos” (LIPPMANN, 2008, p. 66). Corroborando com o sentido exposto pelo autor, para Luria (1979, p. 76):

O processo de interpretação da comunicação recebida em hipótese alguma pode ser considerado um simples processo de assimilação do significado das palavras (...). O processo de decodificação ou interpretação da comunicação é sempre um meio de decifrar o sentido geral, implícito na comunicação recebida ou, em outras palavras, um complexo processo de discriminação dos elementos mais importantes do enunciado, a transformação de um sistema desenvolvido de comunicação no pensamento nela latente.

Uma das origens do enquadramento da mídia que confirma a interpretação da realidade ocorre quando o indivíduo é confrontado com situações atípicas e/ou ambíguas no cotidiano, permitindo orientar-se no mundo.

O caráter seletivo da atividade consciente, que é função da atenção, manifesta-se igualmente na nossa percepção, nos processos motores e no pensamento. Se não houvesse essa seletividade, a quantidade de informação não selecionada seria tão desorganizada e grande que nenhuma atividade se tornaria possível. Se não houvesse inibição de todas as associações que afloram descontroladamente, seria inacessível o pensamento organizado, voltado para a solução dos problemas colocados diante do homem (LURIA, 1979, p. 01-02).

O procedimento de decodificação da comunicação é distinto entre um indivíduo e outro, dependendo da forma como é produzida a comunicação e dos modos através dos quais se comunica a informação, bem como do conteúdo da comunicação e do grau de conhecimento nela inseridos. Para compreender a fala de outrem não basta entender suas palavras – temos de compreender o seu pensamento. Variações no contexto implicam variações no sentido. Mas nem mesmo isto é suficiente – também é preciso que conheçamos a sua motivação.

Para entender os modos de funcionamento dos enquadramentos sociais pelos indivíduos quando os mesmos obtêm através da mídia dada notícia, como por exemplos às ligadas ao terrorismo, é necessário levar em consideração algumas premissas: os estereótipos ou enquadramentos são socialmente compartilhados, e geralmente utilizados para explicar as diferenças reais ou imaginárias entre grupos; surgem como um meio de explicar e justificar as diferenças; é um julgamento de características atribuídas a um objeto; são dificilmente mutáveis, pois estão arraigados na cultura e na personalidade, se apresentando de maneira superlativa.

4. Documentário

Os objetos desta pesquisa são documentários e serão explicitados sob a perspectiva do autor Bill Nichols, que trata de documentário sob a perspectiva fenomenológica. A escolha de *'Control Room'* e *'Obsession'* como instrumentos de análise decorre do fato de que neste tipo de narrativa a obra geralmente se encerra nela mesma, mas com repercussões para além do meio no qual foi veiculado. A forma como a disponibilização do vídeo se dá, na rede social analisada, é de forma pioneira. O *YouTube*, onde os documentários estão alocados, tem processos de digitalização dos conteúdos audiovisuais que permitem ao usuário o compartilhamento de seus vídeos, inscrições, curtidas, comentários e demais interatividades.

Ademais, atualmente, com a possibilidade de acesso a informação facilitada pelos dispositivos móveis, com a distribuição dos filmes e as mídias em geral realizadas através da internet, há outras formas de interação com este tipo de narrativa, bem como maior possibilidade de pesquisa sobre temáticas destacadas nestas mídias retratadas neste meio pós-massivo. Além de toda uma rede de informações e conteúdos gerados a partir de redes sociais, sites e portais virtuais que são possibilitados por conta da convergência de mídias nas sociedades contemporâneas.

Os dois documentários que serão analisados, por exemplo, possuem sites na internet, estão disponíveis com legendas traduzidas em diversas línguas em redes de compartilhamento de vídeos e possuem produtos provenientes de suas narrativas à disposição na internet. Porém não será discutido o conteúdo específico dos objetos, nem as suas relações com conteúdos gerados a partir da narrativa destes, mas a representação inserida na fala dos indivíduos apresentados nestes documentários e as reproduções das imagens que são referenciadas pelos mesmos.

Pois, apesar dos documentários serem cercados de suportes tecnológicos que os reproduzam ou possuam conteúdos adicionais de informações sobre eles, estão a serviço dos interesses ideológicos de controle e o foco é verificar a perpetuação do estereótipo cultural sobre temáticas ligadas ao terrorismo islâmico. "... documentário é uma narrativa com imagens-câmera que estabelece asserções sobre o mundo" (RAMOS, 2008, p.22).

Para Bill Nichols (2010, p.26) todo filme, inicialmente, é um documentário, posto que “... evidencia a cultura que a produziu e reproduz a aparência das pessoas que fazem parte dela”. De maneira mais específica, o autor explicita que existem dois tipos de filmes: os documentários de satisfação de desejos e os documentários de representação social. Cada qual contando uma história com narrativas diferentes e de espécies diferentes.

Os documentários de satisfação de desejos para Nichols (2010) são as ficções, que expressam os desejos e sonhos dos indivíduos, tornando concretas as imaginações, uma realidade do por vir. “Tais filmes transmitem verdades, se assim quisermos. São filmes cujas verdades, cujas ideias e pontos de vista podemos adotar como nossos ou rejeitar” (p.26). Ou seja, mundos a serem explorados ou contemplados de infinitas formas e possibilidades, mas que não possuem obrigação de retratar um fato ou ser um documento audiovisual concreto, tangível e real. Exemplos deste tipo de filme são os dos gêneros romance, ficção científica, comédia, drama, faroeste, entre outros.

Já os documentários de não ficção, ou de representação social, abordam de maneira tangível aspectos do mundo compartilhados socialmente, apresenta uma visão deste ambiente. “Tornam visível e audível, de maneira distinta, a matéria de que é feita a realidade social, de acordo com a seleção e a organização realizada pelo cineasta” (NICHOLS, 2010, p.26). Expressam a compreensão sobre o que a realidade foi para determinado indivíduo ou mais. Esses filmes podem transmitir verdades, se assim o telespectador desejar. É este tipo de documentário que será analisado nesta pesquisa.

Já para Ramos (2008, p. 35) “Historicamente o documentário surge nas beiradas da narrativa ficcional, da propaganda e do jornalismo”. E essas narrativas seriam construídas, orientadas, manipuladas, articuladas em montagem, como todo discurso ou representação. E este documentário tem relação com a mídia, pois amplia as conexões possíveis entre diferentes acontecimentos.

Assim, pode-se tomar como referência para esta pesquisa que os documentários apresentados aqui serão do tipo não ficcional, que pretendem apresentar uma representação de construção da realidade e possuem momentos de narrativas de cunho propagandístico, na medida em que apresentam lógicas afirmativas em ambiências diversificadas sobre temáticas sócio-político-histórico-culturais ligadas ao terrorismo islâmico.

Há, geralmente, algumas reivindicações e afirmações nos pontos de vistas abordados nesse tipo de narrativa e argumentos relativos ao mundo como os indivíduos que compartilham daquela mesma sociedade conhecem. Cabe a cada um decidir se a perspectiva apresentada merece que as pessoas acreditem ou não. “Os documentários de representação social proporcionam novas visões de um mundo comum, para que as exploremos e compreendamos” (NICHOLS, 2010, p. 27). Assim, de acordo com o autor, “... o documentário define-se pelo contraste com filme de ficção ou filme experimental e de vanguarda” (p. 47).

Há normas e convenções que entram em ação, no caso dos documentários, para ajudar a distingui-los: o uso de comentário com voz de Deus, as entrevistas, a gravação de som direto, os cortes para introduzir imagens que ilustrem ou compliquem a situação mostrada numa cena e o uso de atores sociais, ou de pessoas em suas atividades e papéis cotidianos (NICHOLS, 2010, p. 54).

Neste sentido, a lógica apresentada pelo autor corrobora com a abordagem teórica e metodológica desta pesquisa, auxiliando no entendimento dos objetos de análise, bem como na perspectiva e categorias utilizadas de análise dos documentários, posto que:

Como histórias que são, ambos os tipos de filme pedem que os interpretemos. Como ‘histórias verdadeiras’ que são, pedem que acreditemos neles. A interpretação é uma questão de compreender como a forma ou organização do filme transmite significados e valores. Podemos acreditar nas verdades das ficções, assim como nas das não-ficções (NICHOLS, 2010, p. 27).

No caso de filmes não ficcionais, denominados de documentários, a crença é encorajada, as histórias são tomadas como verdadeiras e aquele olhar de análise não é questionado, mas aceito sem objeções, em sua maioria, já que frequentemente há um interesse em exercer um impacto no mundo histórico, de acordo com Nichols (2010) “... e, para isso, precisam nos persuadir ou convencer de que um ponto de vista ou enfoque é preferível a outros” (p. 27).

Para o autor, a não ficção constantemente suscita à crença, gerando uma necessidade de que o espectador aceite o mundo do filme como real. Há um engajamento no mundo através da representação social da realidade, oferecendo a sua plateia uma representatividade reconhecível do mundo, através de registros de situações e aconteci-

mentos com fidelidade evidente. Utilizando, para isso, recursos de captação de sons e imagem que facilmente os indivíduos poderiam ver por si, fora do cinema, passando a sensação de o que está sendo visto estava lá de verdade, diante das câmeras e, por isso mesmo, deve ser verdade, e esta verdade é incontestável.

Por outro lado, os documentários são representações dos interesses de outros, significam a partir do olhar de outrem, com intenção política, social ou organizacional, por exemplo. Não há uma inocência na narrativa, alguém sempre está disposto a reafirmar, desmistificar ou desmascarar algo ou alguém. Não há uma ausência de sentido, uma isenção da perspectiva da produção, distribuição ou recepção do conteúdo exposto na obra (NICHOLS, 2010).

Assim, os documentários não ficcionais podem gerar representação do mundo colocando ao espectador a responsabilidade de defesa de um determinado ponto de vista, inclusive com interpretações desta perspectiva e provas, através de relatos, exemplos ou justificações geradas através de recursos imagéticos. “Nesse sentido (...) os documentários intervêm mais ativamente, afirmam qual é a natureza de um assunto, para conquistar consentimento ou influenciar opiniões” (NICHOLS, 2010, p. 30). Desta forma, para o autor:

Os documentários mostram aspectos ou representações auditivas e visuais de uma parte do mundo histórico. Eles significam ou representam os pontos de vista de indivíduos, grupos e instituições. Também fazem representações, elaboram argumentos ou formulam suas próprias estratégias persuasivas, visando convencer-nos a aceitar suas opiniões. Quanto desses aspectos da representação entra em cena varia de filme para filme, mas a ideia de representação é fundamental para o documentário (2010, p. 30).

Desta forma, fica claro que o documentário é uma representação do mundo no qual os indivíduos estão inseridos e pode se utilizar de dados documentais para reforçar estereótipos preexistentes. Não é uma reprodução fiel da realidade, mas “... são uma representação do mundo, e essa representação significa uma visão singular do mundo” (NICHOLS, 2012, p. 73).

No entanto, conforme revisão bibliográfica, os estereótipos, mesmo com as possibilidades de acesso às informações na contemporaneidade, em diversos dispositivos tecnológicos, não alteram a forma como as representações do mundo são visualizadas

pelos indivíduos. “Colocando em termos bem simples, na era tecnológica letal, leva-se menos tempo para se matar uma pessoa do que para mudar a cabeça de alguém, ou a tua” (BARNET, 1971, p. 56).

No filme documentário, de acordo com Nichols (2010) podem ser identificados e destacados seis modos de representação que funcionam como subgêneros. São eles: poético, expositivo, participativo, observativo, reflexivo e performático. O que melhor representa os objetos de análise desta pesquisa é o modo expositivo, pois este “... dirige-se ao espectador diretamente, com legendas ou vozes que propõem uma perspectiva, expõem um argumento ou recontam a história” (NICHOLS, 2010, p. 142).

Nesse subgênero, a imagem reproduzível da narrativa traz a marca do rastro, da concretude de uma realidade que esteve lá, frente à captação, para ser apreendida e retida.

No modo expositivo, a montagem serve menos para estabelecer um ritmo ou padrão formal, como no modo poético, do que para manter a continuidade do argumento ou perspectiva verbal. Podemos denominar isso de montagem de evidência. Esse tipo de montagem pode sacrificar a continuidade espacial ou temporal para incorporar imagens de lugares remotos se elas ajudarem a expor o argumento (NICHOLS, 2010, p. 144).

Este realismo é uma articulação da linguagem cinematográfica, construindo relações recíprocas ou não, bem como valores e crenças compartilhados ou divergentes, cumpridas a despeito das diferenças. Estabelecendo, com isso, formas suscetíveis de construção social. “... o documentário ajuda a dar expressão tangível aos valores e crenças, que constroem, ou contestam, formas específicas de pertença social, ou comunidade, num determinado tempo e lugar” (NICHOLS, 2010, p.181-182). Pois o filme documentário não é apenas um sistema de signos, mas um discurso atrelado a contextos históricos e sociais, construído a partir de correlações entre estas ambiências, além do olhar da produção e da recepção do conteúdo.

A impressão que é articulada na narrativa do documentário pode ser pensada como efeito de sentido da realidade. A montagem, a escolha de enquadramento, o tratamento do som e imagem são instâncias que conduzem à impressão da representação da realidade.

A lógica de efeito de sentido da narrativa documental é pressuposta pelo entendimento do próprio sentido, da dialógica do filme. Assim, o espectador é inserido na história, sendo convidado a aceitar ou não a enunciação transmitida. A correlação entre o repertório do indivíduo e o que está sendo representado para ele vai se definindo e redefinindo, num embate interpretativo constante (NICHOLS, 1991). Os elementos da linguagem do documentário articulam a impressão que será gerada após se assistir um determinado filme não ficcional conforme a motivação do espectador. “Todo estereótipo advém de uma percepção, que é um processo ativo de classificar informações novas em categorias conhecidas ligadas às funções de abstração e generalização da linguagem” (LURIA, 1990, p. 38). Assim, num movimento contraditório, as generalizações e abstrações dos estereótipos orientam as interpretações, mas são baseadas nas memórias²⁷.

Desta forma, o público da mídia tem memória curta quanto aos fatos, eles são esquecidos facilmente. Neste sentido, os indivíduos normalmente identificam de imediato tal situação ligando-as a experiências passadas, mas, caso os estereótipos não se confirmem, há um esquecimento do que saltaria aos olhos como diferente, e há um reforço de dados pré-estabelecidos. Isso explicaria porque pensar no Oriente Médio sucinta ao terrorismo islâmico ou porque a morte na TV já tornou-se banal, por exemplo. A linguagem da repetição naturalizou as impressões sobre estes temas.

A linguagem é o elemento mais decisivo na sistematização da percepção; na medida em que as palavras são, elas próprias, produto do desenvolvimento sócio histórico, tornam-se instrumentos para a formulação de abstrações e generalizações e facilitam a transição da reflexão sensorial não mediada para o pensamento mediado, racional. (...) o ‘pensamento categorial’ e a ‘orientação abstrata’ são consequência de uma reorganização fundamental da atividade cognitiva que ocorre sob o impacto de um fator novo, social (LURIA, 1990, p. 66-67).

No documentário, em geral, a motivação é regida pela relação argumentativa simbólica entre os sentidos articulados audiovisualmente. “Implícita nesta definição centrada no textual, está o pressuposto de que os sons e imagens de um documentário

²⁷ Entendemos por memória o registro, a conservação e a reprodução dos vestígios da experiência anterior, de acumular informações e operar com os vestígios da experiência anterior após o desaparecimento dos fenômenos que provocaram tais vestígios (LURIA, 1979, p. 39).

se colocam como evidências e são tratados como tal, mais do que como elementos de uma trama" (NICHOLS, 1991, p. 20).

Assim, as estratégias estéticas e narrativas do documentário tentam reproduzir a realidade, vinculando a esse efeito sentido. A audiência é preparada para absorver um argumento e não para necessariamente compreendê-lo. O espectador é uma testemunha do mundo, de acordo com Nichols (1991), um mero participante não-ativo da interação entre realizar e 'realidade'.

A significação do filme vem com as imagens. Ela é imagens e sons, é sempre algo concreto, material e específico. O que os filmes têm a dizer (...) não pode ser separado da forma de dizer, de como esse dizer nos afeta, de como nos atraímos pela obra e não pela teoria da obra (NICHOLS, 1991, p.13).

E, no processo de construção do discurso, em sua materialidade, que se organizam as diferenças do modo de representação de uma dada realidade explicitada. No documentário expositivo, objetos de análise dessa pesquisa, por exemplo, elementos como o uso tradicional da voz de Deus ou voz over como explicação das imagens e uma montagem de imagens e sons comprobatórios, deixam expostos os argumentos que narram e explicam o mundo representado na narrativa.

No entanto, é inegável a sobreposição de subgêneros do documentário no caso dos objetos de análise, posto que características do subgênero interativo, por exemplo, são identificadas, tais como a exposição da realidade do encontro entre realizador e atores sociais, os depoimentos ou as entrevistas. Entre os modos de representação do documentário são estabelecidas inter-relações fluídas. Não há uma pureza ou vínculo de apenas um modo de representação, posto que as narrativas documentais não são estanques (NICHOLS, 2010).

O que há, em realidade, é a organização de argumentos que questionam e analisam as estratégias utilizadas no filme, que se entrelaça, se aproximam e se repelem de um lugar de fala a outro, mas sempre vinculado a uma representação da realidade. "... em que medida nosso objeto de estudo é construído e reconstruído por uma diversidade de agentes discursivos e comunidades interpretativas" (NICHOLS, 1991, p.17).

Desta forma, são as relações entre discursos que produzem a percepção da realidade, engendrando subjetividades e imaginários. Assim, na perspectiva bibliográfica e

metodológica desta pesquisa, a análise desses discursos será uma análise de correlações de forças, categorizadas através de fundamentação teórica, que compreendem interpretações simbólicas.

Considerando, no entanto, que partir desses pressupostos para realizar a análise de dados e recortar em categorias o domínio do documentário não é limitá-lo à percepção das subjetividades que articulam seus sentidos, mas sim uma identificação da sua discursividade, a presença do sujeito e de possibilidades de interpretação e articulações da obra. Ou seja, desvelar o que é transmitido na narrativa levando em consideração as especificidades da linguagem – não apenas do próprio texto audiovisual, mas a articulação com o simbólico, os lugares de fala.

A significação do estereótipo, do reforço através da narrativa é o que interessa a essa pesquisa. Pois a ideia de significar ganha espaço quando se entende que os sentidos não estão dados *a priori*. Embora a imagem sugira algum sentido, seu sentido não é unívoco, são construídos e negociados a partir das relações entre sujeitos e o mundo. Há um confronto entre a relação discurso e sentidos, que são reelaborados e ressignificados (NICHOLS, 1991).

É nessa perspectiva que a construção social do documentário suscita questões diversas de classificação social do documentário, atuando no âmbito da produção da realidade. A partir dessa reflexão, a questão da representação da realidade ganha sentido.

Não há um conceito definitivo, mas uma serie de procedimentos e movimentos que se trata de analisar, cujo sentido vai aparecendo progressivamente. Revelando as partes do cotidiano, da comunicação, da cultura e do social. É uma macro noção cuja consistência é imprecisa. Pois origina-se e dá origem a fenômenos de divergência de origem conflituosa. O interessante está centrado na prática midiática e no interagente, até porque os usos deste documentário são feitos pelos indivíduos e cada um vai fazer uso do que quiser. Pois as práticas de comunicação são resultados de um *habitus*, que decorre de muito tempo, legitimando suas relações de ordem comunicacional socialmente situadas, individuais ou não, com *status* demarcados, muito além da leitura midiática dos documentários ou pelas interações geradas sejam elas de ordem individual, social, entre mídias, entre outros.

As técnicas da comunicação têm papel chave na construção social. Há diferenças, inclusive, entre os usos e as práticas. As práticas, conforme a fenomenologia tem uma persistência no tempo. Já os usos não excluem as práticas cotidianas, mas se alteram constantemente. As práticas, por outro lado, necessitam de gerações para serem modificadas. Neste contexto, o documentário não funciona do lado ou fora das mídias, não é independente, é complementar. Esta pesquisa estrutura-se e interessa-se pelas inter-relações, nas diferentes estratégias de manipulação social através da mídia.

Pensar a sociedade e suas interações com a mídia é pensar em práticas sociais. Pensar em comunicação social, da interação social e não apenas midiatismos. É verificar os usos não previstos ou o que era os usos previstos ou não refletidos em determinadas mídias, no caso desta pesquisa, documentários.

Os usos aqui se encaixam na prática. Pois, no tempo, levam a modificação das práticas. Considerando, é claro, que não há apenas efeitos imediatos dos usos perante as práticas.

O objeto perceptivo (...) não é uma porção inclusa no perceber e nas suas perspectivas e outras multiplicidades de manifestação, que fluem e se unificam de modo sintético. (...) O mesmo hexaedro visto é o mesmo intencionalmente; o que se oferece como espacial-real é, em múltiplas percepções, algo de idealmente idêntico, idêntico para a intenção, para os modos da consciência, imanente aos atos do eu não como dado incluso, mas como sentido objetual. O mesmo hexaedro pode, em seguida, existir também para mim em diferentes recordações, expectativas, representações claras ou vazias como o mesmo intencional, substrato idêntico para predicções, valores, etc. Esta mesmidade reside sempre na própria vida da consciência e é intuída pela síntese. Por isso, a referência da consciência à objetividade atravessa toda a vida consciente, e semelhante objetividade descortina-se como uma peculiaridade essencial de toda a consciência, em modos conscientes sempre novos, e muito dissimilares, de poder transitar sinteticamente para a consciência unitária do mesmo (...). nenhum cogito está isolado do ego (HUSSERL, 1992, p. 26-27).

Não é possível que os indivíduos se livrem da visão particular e subjetiva do mundo, é o *habitus* adquirido socialmente. É exatamente no aspecto de um *habitus* que as vivências intencionais permanecem na consciência.

Será utilizado a fenomenologia de Schutz pois se aproxima mais com a comunicação do que a técnica de Husserl. A fenomenologia de Husserl difere da fenomenologia de Schutz pelo fato de ser da lógica pura (subjetividade transcendental dos fenômenos pu-

ros), diferente do real. É uma ciência dos fundamentos do mundo interior (transcendental). Ao contrário da fenomenologia de Schutz. Husserl disserta sobre o ser como fenômeno e não como as representações do ser e dos objetos como fenômenos. Ou seja, do mundo reduzido à vivência das consciências e não do mundo em si. Husserl abandona a ideia de representação, causalidade e correlação dos fatos. Seu conceito-chave é a intencionalidade da consciência (o fenômeno somente existe como a consciência de algo). A intencionalidade conduz à redução, ponto que se encontra com a fenomenologia de Schutz, posto que os dois dissertam sobre o fato de que não se pode focar em tudo da mesma maneira.

A fenomenologia de Husserl é um estudo da constituição do mundo na consciência, colocando o mundo exterior entre parênteses, em suspensão, o que o autor denomina de epoché. Já Schutz se interessa pelo mundo da vida – mundo histórico-cultural e concreto de usos, costumes, saberes e valores –, pelas subjetividades, pelo cotidiano e pelo indivíduo e suas interações com o mundo exterior.

Além de Schutz, João Carlos Correia (2005), contemporâneo que se utiliza dos conceitos da fenomenologia para aplicar na comunicação, será empregado, pois o mesmo aborda como a atitude natural é reproduzida nas rotinas jornalísticas através de processos de tipificação, na intervenção do jornalismo na configuração da sociabilidade cotidiana.

O senso comum, do qual a linguagem jornalística ambiciona aproximar-se, toma a forma de conhecimento adequado à transmissão das normas e dos estereótipos socialmente aceites (CORREIA, 2005, p. 02).

Neste sentido, em face de cada nova situação, o interagente agirá do mesmo modo partindo do princípio de que as coisas se apresentarão idênticas àquelas que se apresentaram da última vez na mídia. São comportamentos típicos que asseguram a continuidade da ordem (ou desordem) social. Para a fenomenologia contemporânea, os mal-estares sociais não têm uma existência visível senão quando se fala deles na mídia. Os mal-estares não são todos igualmente ‘midiáticos’, e os que o são sofrem inevitavelmente certo número de deformações a partir do momento em que são tratados pela mídia porque, longe de se limitar a registrá-los, o tratamento jornalístico fá-los experimentar um verdadeiro trabalho de construção que depende muito amplamente dos interesses próprios deste setor de atividade.

O que chamamos de fenômeno não é senão o resultado da mobilização dos meios de comunicação em torno de alguma coisa com que elas concordam, por certo tempo, a considerar como tal. Portanto, a mídia faz parte integrante da realidade, produz efeitos de realidade criando uma visão midiática da realidade que contribui para criar a realidade que ela pretende descrever. Sobretudo, as desgraças e as reivindicações devem exprimir-se midiaticamente para vir a ter uma existência publicamente reconhecida e ser, de uma maneira ou de outra, levada em consideração.

A mídia faz parte da relação entre atores sociais e suas narrativas, e estas partes envolvidas – os interagentes, as histórias de vida e a mídia – não podem ser compreendidas independentemente porque existe uma íntima negociação de sentido que modifica tanto os interagentes quanto seus relatos e dado que circulam e são produzidos em determinado ambiente tecnológico e institucional, revelam determinados padrões e lógicas comuns. Por essa razão, essas narrativas pessoais são entendidas como práticas orientadas pela mídia, deixando de ser vistas meramente como textos ou através do prisma da produção ou da recepção.

A experiência não pode ser abreviada em explicações. Ela sempre as ultrapassa. Compreendemos isso intuitivamente. Os documentários que continuam abertos a uma diferença de magnitude entre suas próprias representações e o que eles representam permitem que continuemos abertos ao processo real e histórico de forjar uma sociedade e uma cultura, com valores e crenças jamais redutíveis a um molde único ou a um sistema rígido (NICHOLS, 2010, p. 201).

Estabelecer limites entre ficção e realidade são questões importantes e relevantes para a análise de documentários. O realismo nesse tipo de narrativa é um conceito dinâmico, que se transforma através das estratégias de representação social da realidade, usando o fenômeno da percepção como ponto de partida. Pois, para Nichols (1991 e 2010) a imagem fílmica suscita um sentido de realidade, pois aparenta verdade. Onde a representação é construída a partir da relação de uma imagem mental sobre outra. Posto que a referência de uma primeira impressão sobre algo não seria a coisa representada em si, mas a ideia concebida sobre a coisa. É o reconhecimento de objetos ou narrativas a partir de semelhanças com algo já experienciado.

5. Estratégias Metodológicas

O ponto de vista fenomenológico foi escolhido como procedimento metodológico desta pesquisa. Conforme a metodologia, toda realidade social é constituída de fatos sociais, chamadas de fenômenos. É uma análise da vida cotidiana onde se busca a constituição de uma totalidade relativa, mas significativa para a pesquisa de um conjunto determinado de fatos sociais.

A sociedade é constituída e modificada na interação com os indivíduos, não pode ser compreendida sem os indivíduos e suas ações. Os vídeos, fenômenos sociais, nesta pesquisa, são a comunicação mediada, e não pode prescindir da perspectiva dos indivíduos que vivem em sociedade. A comunicação é, diretamente, uma expressão cultural, um espaço de consenso, reprodução e conflito numa conjuntura determinada. Sem definição essencialista que aponte para uma narrativa teórica e metodológica única e homogênea, a fenomenologia é um aporte que tenta agregar conhecimento, nesta perspectiva nunca neutra, que acrescenta questões de posicionamento do lugar, a partir do qual cada um fala, para quem fala e com que objetivos se fala.

Sob este aspecto, este conhecimento, aqui utilizado como procedimento metodológico, abstrai e descontextualiza de um lado e, por outro, historiciza e contextualiza. Em realidade objetiva, para além dos hábitos, aquilo que eles representam: o universo cultural contido na comunicação enquanto espaço de convergência entre relações econômicas, socioculturais e tecnológicas.

A fenomenologia é um método voltado para a reconstrução da perspectiva do indivíduo sobre a realidade social em que ele vive e que também é constituída e modificada por ele. Nesta abordagem, os fenômenos só podem ser refletidos a partir de um enquadramento, de um olhar, da apropriação pessoal de ambientes, objetos e práticas.

Tal opção ocorre, principalmente, por esse procedimento metodológico permitir o fluxo através de diversas nuances possíveis de serem percebidas em uma pesquisa que tem o objetivo de analisar o texto multimodal (composto de texto escrito, imagens e som). Ou seja, o conteúdo dos documentários.

A comunicação, neste contexto, é uma mudança cultural como vetor da estruturação da sociedade. Assim, o cotidiano envolve e é envolvido pela comunicação fazem toda a diferença para identificar o contexto no qual o indivíduo está inserido. O fenômeno da comunicação em si é inapreensível, apenas interpretar e realizar uma leitura são uma perspectiva possível.

O procedimento metodológico nesta pesquisa é considerado um procedimento de narrativas²⁸ e estas são fenômenos geradores de conhecimento das quais os indivíduos compreendem e ordenam o mundo através dos estereótipos, que atuam de forma sedutora no imaginário. Entende-se que este processo, aplicado nos produtos midiáticos analisados, antecipa, auto justifica e reforça estereótipos, além de relativizar e deduzir as relações culturais.

O método fenomenológico consiste em esclarecer o fenômeno. Para a fenomenologia o objeto é como o sujeito o percebe, e tudo tem que ser analisado como tal, como é para o sujeito e sem interferência, estuda-se literalmente, o que aparece.

Para Masini (1982) não existe uma metodologia, mas uma postura fenomenológica – aqui pontuado como procedimento metodológico, uma abertura (no sentido de estar livre de conceitos e definições apriorísticas) do ser humano para compreender o que se mostra. Os seres humanos não são objetos e suas atividades não são simples reações. A relação básica neste método é a relação de sujeito com outro sujeito.

De acordo com Schutz (1979) o método fenomenológico caracteriza-se pela ênfase ao mundo da vida do cotidiano dos indivíduos. Esse método possui uma abordagem que não se apega tão somente as coisas factuais observáveis, mas visa penetrar seu significado e contexto com um refinamento e previsão sempre mais amplos e abertos. Utiliza-se do procedimento que leva a uma compreensão do fenômeno por meios de relatos descritivos da vida social. Neste caso específico, as descrições serão das cenas dos documentários, levando em consideração escolhas anteriores de recortes, destacando ao longo de todo o documentário momentos em que o estereótipo é mais evidente, em decorrência da legitimação da narrativa do documentário através da fala de entrevistados

²⁸ Entendidas aqui como discurso do documentário e fala dos entrevistados que serão pontuados nos documentários.

e de imagens que aparecem durante fala do entrevistado para reforçar os estereótipos contidos na cena.

Conforme Martins e Bicudo (1989), os fenômenos que não prestam a uma fácil quantificação são os mais apropriados para serem analisados pelo procedimento metodológico desta pesquisa, que é qualitativa, pois busca uma compreensão particular daquilo que estuda, não se preocupando com generalizações, princípios e leis; o foco da atenção é centralizado no específico, no peculiar, no individual, almejando sempre a compreensão.

A narrativa dos objetos desta pesquisa será entendida como fenômeno, um ato internacional de transmitir fatos em diferentes tipos de suporte que caracteriza a contemporaneidade, gerando uma construção social da realidade e uma memória social através da impressão gerada pelas imagens mentais, que, por sua vez, são geradoras do estereótipo e derivam das experiências vividas socialmente pelos indivíduos.

As narrativas midiáticas com conteúdos de estereótipos culturais vão ganhando a função de persuadir, para reforçar crenças e hábitos nos interagentes. É uma maneira subliminar de reforçar ideias e construções sociais sobre a cultura.

A escolha de documentários '*Control Room*' e '*Obsession*' como instrumentos de análise decorre do fato da obra geralmente se encerrar em si, mas com repercussões para além do meio. São textos intuitivos que não permitem alterações após editados e publicados, apenas repercussões prévias ou posteriores. A trajetória metodológica auxilia no processo da percepção do desenvolvimento do estereótipo como fenômeno de produção da realidade através dos documentários analisados. Esta articulação entre os objetos, a produção do real e o estereótipo se dá em diferentes níveis:

- Transdisciplinar: pois realiza pesquisa baseada em teorias comunicacionais, sociológicas e filosóficas;
- Integradora: posto que agrega diversas áreas de conhecimento;
- Implementado socialmente: no momento em que se utiliza de dois documentários para realizar pesquisa prática.

Não há um conceito definitivo, mas uma série de procedimentos e movimentos que se trata de analisar, cujo sentido vai aparecendo progressivamente. Revelando as

partes do cotidiano, da comunicação, da cultura e do social. É uma macro-noção cuja consistência é imprecisa. Pois se origina e dá origem a fenômenos de divergência de origem conflituosa. O interessante está centrado na prática midiática e no interagente, até porque os usos deste documentário são feitos pelos indivíduos e cada um vai fazer uso do que quiser. Pois as práticas de comunicação são resultados de um hábito muito forte, que decorre de muito tempo, legitimando suas relações de ordem comunicacional socialmente situadas, individuais ou não, com *status* demarcados, muito além da leitura midiática dos documentários ou pelas interações geradas sejam elas de ordem individual, social, entre mídias, entre outros.

As técnicas da comunicação tem papel chave na construção social. Há diferenças, inclusive, entre os usos e as práticas. As práticas, conforme a fenomenologia tem uma persistência no tempo. Já, os usos não excluem as práticas cotidianas, mas se alteram constantemente. As práticas, por outro lado, necessitam de gerações para serem modificadas. Neste contexto, o documentário não funciona do lado ou fora das mídias, não é independente, é complementar. Esta pesquisa estrutura-se e se interessa pelas inter-relações, nas diferentes estratégias de manipulação social através da mídia, suas práticas e usos. O documentário enquanto prática é visto como construção social da realidade, por seu perfil de comprometimento com a exploração da realidade, seja de forma parcial, subjetiva ou literal.

Já em relação ao filme não ficcional enquanto uso midiático será explorado por sua característica mutável de utilização e conteúdo dos documentários em questão, dentro da plataforma da rede social *YouTube*. Pensar a sociedade e suas interações com a mídia é pensar em práticas sociais. Pensar em comunicação social é pensar na interação social e não apenas no midiatismo. É verificar os usos não previstos ou o que era os usos previstos ou não refletidos. Os usos aqui se encaixam na prática. Os usos, no tempo, levam a modificação das práticas. Considerando, é claro, que não há apenas efeitos imediatos dos usos perante as práticas.

O objeto perceptivo (...) não é uma porção inclusa no perceber e nas suas perspectivas e outras multiplicidades de manifestação, que fluem e se unificam de modo sintético. (...) O mesmo hexaedro visto é o mesmo intencionalmente; o que se oferece como espacial-real é, em múltiplas percepções, algo de idealmente idêntico, idêntico para a intenção, para os modos da consciência, imanente aos atos do eu não como dado incluso, mas como sentido objetual. O mesmo hexaedro pode, em seguida, existir também para mim em diferentes recordações, expectativas, representações claras ou vazias como o mesmo intencional, substrato idêntico para predicções, valores, etc. Esta mesmidade reside sempre na própria vida da consciência e é intuída pela síntese. Por isso, a referência da consciência à objetividade atravessa toda a vida consciente, e semelhante objetividade descortina-se como uma peculiaridade essencial de toda a consciência, em modos conscientes sempre novos, e muito dissimilares, de poder transitar sinteticamente para a consciência unitária do mesmo (...) nenhum cogito está isolado do ego (HUSSERL, 1992, p. 26-27).

Não é possível se livrar da visão particular e subjetiva do mundo, é o *habitus* adquirido socialmente. É exatamente no aspecto de um *habitus* que as vivências intencionais permanecem na consciência.

Será utilizada a fenomenologia de Schutz, pois esta se aproxima mais com a comunicação do que a técnica de Husserl. A fenomenologia de Husserl difere da fenomenologia de Schutz pelo fato de ser da lógica pura (subjetividade transcendental dos fenômenos puros), diferente do real. É uma ciência dos fundamentos do mundo interior (transcendental). Ao contrário da fenomenologia de Schutz, Husserl disserta sobre o ser como fenômeno e não como as representações do ser e dos objetos como fenômenos. Ou seja, do mundo reduzido à vivência das consciências e não do mundo em si. O autor abandona a ideia de representação, causalidade e correlação dos fatos. Seu conceito-chave é a intencionalidade da consciência (o fenômeno somente existe como a consciência de algo). A intencionalidade conduz à redução, ponto que se encontra com a fenomenologia de Schutz, posto que os dois dissertam sobre o fato de que não se pode focar em tudo da mesma maneira.

A fenomenologia de Husserl é um estudo da constituição do mundo na consciência, colocando o mundo exterior entre parênteses, em suspensão, o que o autor denomina de *epoché*. Já Schutz se interessa pelo mundo da vida – mundo histórico-cultural e concreto de usos, costumes, saberes e valores – pelas subjetividades, pelo cotidiano e pelo indivíduo e suas interações com o mundo exterior.

Além de Schutz, João Carlos Correia, contemporâneo que se utiliza dos conceitos da fenomenologia para debruçar-se sobre estudos de comunicação, será empregado pois o mesmo aborda como a atitude natural é reproduzida nas rotinas jornalísticas através de processos de tipificações, na intervenção do jornalismo na configurações da sociabilidade cotidiana. “O senso comum, do qual a linguagem jornalística ambiciona aproximar-se, toma a forma de conhecimento adequado à transmissão das normas e dos estereótipos socialmente aceites” (CORREIA, 2005, p. 02). Neste sentido, em face de cada nova situação, o interagente agirá do mesmo modo partindo do princípio de que as coisas se apresentarão idênticas àquelas que se apresentaram da última vez na mídia. São comportamentos típicos que asseguram a continuidade da ordem (ou desordem) social. Para a fenomenologia contemporânea, os mal-estares sociais não têm uma existência visível senão quando se fala deles na mídia. Os mal-estares não são todos igualmente ‘mediáticos’, e os que o são sofrem inevitavelmente certo número de deformações a partir do momento em que são tratados pela mídia porque, longe de se limitar a registrá-los, o tratamento jornalístico fá-los experimentar um verdadeiro trabalho de construção que depende muito amplamente dos interesses próprios deste setor de atividade.

O que é chamado de fenômeno é, afinal, o resultado da mobilização dos meios de comunicação em torno de alguma coisa com que elas concordam por certo tempo, a considerar como tal. Portanto, a mídia faz parte integrante da realidade, produz efeitos de realidade criando uma visão mediática da realidade que contribui para criar a realidade que ela pretende descrever. Sobretudo, as desgraças e as reivindicações devem exprimir-se midiaticamente para vir a ter uma existência publicamente reconhecida e ser, de uma maneira ou de outra, levada em consideração.

A mídia faz parte da relação entre atores sociais e suas narrativas, e estas partes envolvidas – os interagentes, as histórias de vida e a mídia – não podem ser compreendidas independentemente porque existe uma íntima negociação de sentido que modifica tanto os interagentes quanto seus relatos e dado que circulam e são produzidos em determinado ambiente tecnológico e institucional, revelam determinados padrões e lógicas comuns. Por essa razão, essas narrativas pessoais são entendidas como práticas orientadas pela mídia, deixando de ser vistas meramente como textos ou através do prisma da produção ou da recepção.

O procedimento metodológico que delimita o modo de condução desta pesquisa é qualitativo dentro do paradigma fenomenológico, como já citado, utilizada por ter intuito descrever as etapas do processo de análise.

O objeto da pesquisa de comunicação é obtido através de cortes na realidade social, onde se busca a constituição de uma totalidade relativa, mas significativa para o estudo de um conjunto determinado de fatos comunicacionais dentro do social. Vê-se, então, a necessidade de instrumentos categoriais para análise.

Com isso, o procedimento metodológico de análise do recorte da narrativa tem por objetivo apresentar o perfil estereotipado, enquadrado em determinada categoria, que exerce impacto na produção de sua forma e de seu significado, tratados de maneira descritiva, pois a fenomenologia não está à procura de nenhuma verdade, mas em situar um fenômeno num horizonte, consistindo, assim, numa tentativa de investigação inconclusa, posto que é subjetiva.

Em primeiro lugar, os documentários escolhidos para análise foram, de maneira individual, decupados e destacados os momentos onde havia legitimação dos estereótipos culturais através da fala dos entrevistados e, ao mesmo tempo, apresentava imagens para reforçar e ilustrar a fala destes entrevistados. Após este recorte, as cenas foram agrupadas nas categorias de análise desenvolvidas para esta pesquisa e descritas individualmente. Posteriormente, os documentários foram relacionados entre si, estabelecendo para tanto nuances convergentes e/ou divergentes, gerando um perfil com tendência confirmativa ou não em relação ao referencial teórico.

Como forma de identificar a construção social da realidade estereotipada por parte dos interagentes, uma segunda análise qualitativa de objetos foi realizada para complementar a análise anterior. A descrição e identificação da maneira como os estereótipos acontecem numa determinada produção audiovisual realizada anteriormente serviu para tecer uma ambiência e panorama geral da análise que será realizada a seguir.

Como a **tese desta pesquisa** é: Apesar da possibilidade de acesso às informações cada vez maior, proporcionadas pelas tecnologias da informação e seus dispositivos, não há modificação dos estereótipos sobre questões culturais na forma como se estabelece os estereótipos. Para tanto, foi escolhido nesta pesquisa um recorte ligado ao terrorismo

islâmico, através da análise de documentários ‘*Obsession*’ e ‘*Control Room*’ e os comentários decorrentes deles localizados no *YouTube*.

Com características da netnografia, pontuando a internet enquanto pertencente à cultura, sendo um de seus elementos, uma abordagem metodológica pertinente à internet e à fenomenologia como forma de apreender melhor o sentido explicitado nos objetos será utilizada.

A perspectiva da internet como artefato cultural observa a inserção da tecnologia na vida cotidiana. Assim, favorece a percepção da rede como um elemento da cultura e não como uma entidade à parte, (...). A ideia de artefato cultural compreende que existem diferentes significados culturais em diferentes contextos de uso. O objeto da internet não é único, mas sim multifacetado e passível de apropriações (FRAGOSO, 2012, p. 42).

A interpretação aqui será no processo de construção de sentido dos usos sociais dos conteúdos disponíveis na internet. Além disso, a internet também será tratada como uma tecnologia midiática, que gera práticas sociais. De acordo com essa proposta: “Os objetos de estudo são desenhados e definidos a partir das práticas midiáticas por eles geradas, levando em consideração as bordas imprecisas que separam o on-line do off-line” (FRAGOSO, 2012, p. 44).

Para Schutz o mundo social individual está em íntima relação com os outros e se organiza em centros de relações, tais como o mundo ambiente ou dos *assocites* (*Umwelt*), o mundo dos meus contemporâneos (*contemporaries* ou *Mitwelt*), o mundo dos que me antecederam (*predecessors* ou *Vorwelt*) e o mundo dos que me sucederão (*successors* ou *Folgewelt*). Os indivíduos adotam crenças baseadas em conclusões inferidas a partir do que observam, mas nem sempre comprovadas, acrescidas por experiências passadas. “Os meus ‘próximos’ dividem comigo uma região do espaço e do tempo, de tal modo que o mundo em torno de nós é praticamente o mesmo” (CAPALBO, 1979, p.65). Nesta pesquisa o destaque será dado aos *Mitwelt* (contemporâneos), sem deixar de levar em consideração os indivíduos *Vorwelt* (predecessores) e *Folgewelt* (sucessores), posto que trata-se aqui temáticas culturais ligadas ao estereótipo através do *Umwelt* (associados), como já foi mencionado no referencial teórico, de acordo com Husserl e Alfred Schutz.

A reflexão da fenomenologia de Schutz direciona-se para a fundamentação da vida social na cotidianidade. É uma confluência do pensamento da fase final de Husserl. O homem no cotidiano da vida, por exemplo, pode ser analisado em relação à sua maneira de interagir com o mundo no seu dia a dia – o não pensado ou o automático. A fenomenologia pós-Husserl será utilizada, pois suas apreensões mostram de maneira mais clara e palpável como o outro, o mundo social, cultural, histórico e natural, ao invés de serem fatos já constituídos para um indivíduo, são construídos por ele.

O homem da atitude natural está situado no mundo da vida, possuindo conhecimento do seu mundo – expressão da sedimentação das experiências e dos conhecimentos adquiridos ao longo da sua vida, sua bagagem de conhecimentos disponíveis, que funcionam como esquema de referência para toda sua interpretação. “Recebemos certa visão do mundo e uma série de tipificações e modos de tipificar, geralmente admitidos no seio do grupo social onde nascemos e crescemos: são os costumes e hábitos” (CAPALBO, 1979, p. 39).

Há três tipificações que servem para apreender o contemporâneo: tirar características típicas a partir das experiências diretas e imediatas; ter um conhecimento daqueles com os quais o meu parceiro atual entreteve relações e, realizar conhecimento e tipificação através das experiências que temos dos objetos de civilização ou de cultura que o homem fabricou ou transformou (CAPALBO, 1979). Os postulados a serem seguidos da fenomenologia são de base schutziana: o postulado de interpretação subjetiva; o postulado de adequação, o postulado de relação, o postulado de racionalidade, o postulado de consistência lógica e o postulado de compatibilidade. Todos associados diretamente às experiências individuais e coletivas de uma sociedade, levando em consideração, sobretudo a cultura.

Para análise dos objetos foram escolhidas categorias de análise conforme revisão bibliográfica. Problemáticas mais importantes dos autores da fenomenologia explicitados no referencial teórico são enfatizadas neste momento para formar as categorias de análise. São elas:

- Comunicação como construção do real (Alfred Schutz);
- O enquadramento como implicação da construção da notícia (Erving Goffman);

- Imagens mentais (Walter Lippman);
- Sistema de relevâncias (Edmund Husserl, Alfred Schutz e João Carlos Correia).

É preciso salientar que os documentários abordam muitas temáticas, em diferentes enquadramentos, mas foi levada em consideração temáticas predominantes em todos eles. Outra questão que deve ser levantada é que alguns temas não tinham qualquer relação com a tese, os objetivos ou problemas desta pesquisa e por isso não foram destacados. Estabeleceram-se, assim, os seguintes princípios (categorias) de análise, de maneira mais explicativa, conforme categorias iniciais dos próprios autores, como referido acima:

- Importância dos documentários como construção da realidade, por analogia foi classificada como '**construção do real**';
- Pertinência dos enquadramentos como implicação da construção da notícia, por analogia foi classificada como '**enquadramento**';
- Relação com os estereótipos geradores de imagens mentais, por analogia foi classificada como '**imagens mentais**';
- **Sistemas de Relevância** e suas subcategorias: **temática imposta** (ou seja – tipificação independente da vontade – quadros de referências); **temática volitiva ou motivada** (significando da própria vontade do indivíduo); **interpretativa** (que consiste na seleção de esquemas interpretativos baseados na reserva de experiência do indivíduo) e **motivacional** (ou seja – é motivada quando implica uma deslocação voluntária de atenção de um tema a outro). As zonas de relevância não são estanques entre si, permeiam-se e dão origem a zonas de sobreposição, porque um ator social pode estar presente em várias situações diversas no mundo da vida.

O método qualitativo de observação fenomenológica do discurso retirado dos documentários através de recortes das falas dos entrevistados se encaixa dentro de uma das categorias de análise propostas. Para tanto, serão considerados os processos de intencionalidade, ou seja, o significado do discurso dos entrevistados.

Em seguida, a redução eidética, que significa redução à ideia, será considerada, pois a realidade criada nos objetos desta pesquisa são experiências semelhantes e/ou

comuns entre indivíduos de mesma cultura. Além disso, a intuição do invariante é outro processo fenomenológico pontuado, pois o indivíduo pode perceber e estar consciente de algo, porém sem intuir o seu significado. Mais precisamente, ele gera estereótipos conforme experiências passadas ou *imprinting* cultural, conforme visto na revisão bibliográfica. Isso porque o estereótipo pressupõe ideias sobre algo sem haver reflexão.

A maneira pela qual o conhecimento de algo acontece intuitivamente, o ato de apreender imediatamente alguma coisa com o qual se depara, admitindo, para tanto, dados não sensíveis – ou seja, categorias que foram definidas e utilizadas, como no caso desta pesquisa –, partindo do pressuposto que estas categorias se apresentam intuitivamente na mente dos indivíduos.

Habitualmente é entendido por método um procedimento canônico, do tipo sequência: problemas e hipóteses, definição e variáveis, teoria explicativa, manipulação e medidas; tratamento estatístico. Tal procedimento não constitui o modo de investigação fenomenológica (GALLI, 2007).

Neste sentido, têm-se algumas prerrogativas que são dadas de maneira taxativas intuitivamente através de estereótipos preconcebidos. Assim, foram utilizadas categorias para confirmar ou não os estereótipos em decorrência da similaridade com estes conceitos, como forma de apreender o objeto sob o ponto de vista da pesquisadora, sem, no entanto, limitar esta visão como sendo única e verdadeira. Salientando os padrões decorrentes na experiência coletiva de culturas ocidentais ou orientais, identificadas individualmente na análise.

O termo ‘fenomenologia’ nem evoca o objeto de suas pesquisas nem caracteriza o seu conteúdo quididativo²⁹. A palavra se refere exclusivamente ao modo como se demonstra e se trata o que nesta ciência deve ser tratado. Ciência ‘dos’ fenômenos significa: apreender os objetos de tal maneira que se deve tratar de tudo que está em discussão, numa demonstração e procedimentos diretos. O mesmo sentido possui a expressão, no fundo tautológica, de ‘fenomenologia descritiva’ (HEIDEGGER, 1989).

²⁹ Conforme Heidegger (1989) é a essência das coisas. O mesmo que a volta das coisas mesmas de Husserl.

Compreendendo, para tanto, que toda narrativa e fala nos documentários possui ao menos as seguintes características: é uma representação de eventos passados sob a ótica do presente; ocorre sob uma perspectiva social que influencia no modo de narração dos indivíduos para uma finalidade e audiência específicas; é realizada a partir de uma cultura com uma linguagem cotidiana particular. Contribuindo assim para a generalização do discurso e do estereótipo reforçado nesta narrativa. Assim, foi refratada a fala do entrevistado apenas quando foi identificado na fala dele determinada categoria instituída nesta pesquisa.

Para tanto, conforme categorias pontuadas em métodos de pesquisa para internet, será levado em consideração a apropriação tecnológica do conteúdo dos comentários do *YouTube*. Ou seja, “Estudos sobre a reconfiguração de práticas sociais/culturais e sociabilidade em função das TICs” (FRAGOSO, 2012, p.47). Tudo isso, refletindo sobre a potencialização da ação do indivíduo na internet, se interessando pela ação do indivíduo na internet e se ela é alterada em função das possibilidades de acesso.

A amostragem qualitativa na internet escolhida visa uma compreensão contextualizada do fenômeno em estudo, e por isso mesmo, foi necessária a abordagem do conteúdo dos documentários para, então, verificar o que foi falado sobre eles. Pois, assistindo-os, os indivíduos têm a possibilidade de realizar hiperlinks dos mesmos, através do conceito de interatividade, interagente e *self* contemporâneo pontuados nos capítulos teóricos desta pesquisa, onde o indivíduo é produtor e receptor de conteúdos na contemporaneidade.

Nesse contexto, o número de componentes da amostra é menos importante que sua relevância para o problema de pesquisa, de modo que os elementos da amostra passam a ser selecionados deliberadamente, conforme apresentem características necessárias para a observação, percepção e análise das motivações centrais da pesquisa (FRAGOSO, 2012, p. 67).

Como forma de apreender os elementos mais significativos para o problema de pesquisa, selecionou-se os 10 primeiros comentários disponíveis no *YouTube* de cada um dos vídeos ali explicitados, no caso desta pesquisa ‘*Control Room*’ e ‘*Obsession*’ que já são os comentários mais curtidos em ordem cronológica conforme própria categorização do site de relacionamento.

Primeiramente, será feito um mapeamento da quantidade dos comentários realizados, em seguida os 10 comentários, traduzidos, pois estão em outra língua, serão destacados dos demais comentários e descritos com a ênfase no número de ‘curtidas’ e comentários dos mesmos.

Em seguida os comentários serão divididos entre favoráveis e desfavoráveis aos documentários e seu conteúdo será analisado qualitativamente pontuando as convergências ou divergências conforme referencial teórico. Alguns deles também receberão a qualificação de sendo neutros, posto que seu conteúdo não se refere especificamente ao conteúdo dos mesmos ou à estereótipos mentais e construção social da realidade sobre ‘*Obsession*’ e ‘*Control Room*’. Para tanto o método de codificação aberta da netnografia será importante para apreensão dos comentários. “A codificação aberta compreende a parte inicial da análise, principalmente focada na identificação, descrição e categorização do fenômeno encontrado em campo” (FRAGOSO, 2012, p. 96).

As interações dos indivíduos, assim, serão comparadas com outras por similaridade ou diferenças, focando nos procedimentos de comparação, classificação e questionamento dos dados.

Em um primeiro momento, como já dito, serão coletados os comentários procurando categorizá-los de acordo com o seu conteúdo. As categorias criadas nesta pesquisa para melhor apreender o conteúdo dos comentários foram:

- Confirmação dos estereótipos;
- Desconstrução dos estereótipos;
- Comentários neutros ou com conteúdos de divulgação (não-ligados ao conteúdo dos documentários).

Em seguida o objetivo será encontrar padrões convergentes ou divergentes dos comentários. Para, então, confirmar ou não se houve alteração dos estereótipos reproduzidos pelos documentários e se estes são desconstruídos pelos interagentes.

6. Descrição e Análise dos Objetos

A escolha dos vídeos foi baseada na busca, primeiramente, através do site de busca Google, filtrando por vídeos e, depois, por documentários sobre terrorismo após o 11 de setembro de 2001. Para reduzir o corpus de análise, os seguintes critérios foram estipulados: Os documentários necessitariam estar integralmente disponíveis na internet, em sites como *YouTube*, com legendas em português; deveriam ter portais ou sites próprios; ser uma produção independente dos grandes conglomerados de mídia; disponíveis no Wikipédia (não como fonte de pesquisa, mas como expressão da sua popularidade na rede); possuírem mais de 10 mil *views* dos documentários integrais, não apenas de partes dos mesmos ou trailers; além de possuir mais *likes* que *dislikes* dos vídeos no *YouTube*.

6.1. CONTROL ROOM:

A GUERRA DO IRAQUE NA VISÃO DA AL-JAZEERA



Figura 1: Arte da capa do DVD do documentário 'Control Room'.

Este documentário encaixa-se nos postulados fenomenológicos de análise posto que, conforme primeira proposição de interpretação subjetiva, situa-se numa fala de cultura oriental analisada por pesquisadora ocidental, respeitando o individual das culturas e, ao mesmo tempo, lidando com os estereótipos e imagens mentais de uma cultura sobre a outra.

Já o postulado de adequação é identificado a partir do momento que o documentário é idealizado por orientais, retratando problemáticas desta cultura para público ocidental e oriental. Há, para tanto, uma necessidade de adequação das imagens, falas e enquadramentos de uma cultura para outra.

No entanto, um conflito de interesses neste documentário, a partir do momento onde se confrontam posições e problemáticas ocidentais e orientais no postulado da relação fenomenológica é identificado pela própria lógica de origem do discurso deste documentário: a cultura oriental.

Já a análise do axioma da racionalidade neste objeto deve ser realizada levando em consideração as suposições e premissas que neste caso são orientais. Ou seja, a veracidade dos fatos se dá através de dedução oriental no postulado da consistência lógica. Identifica-se, neste caso, um consenso de inferências orientais e um conflito em relação aos estereótipos e a cultura ocidental no postulado de compatibilidade. Todas as categorias de análise foram identificadas neste documentário e, posteriormente, será confrontada com outro vídeo, o *'Obsession'*.

Tabela 1: Análise do documentário *'Control Room'*.

Postulado da interpretação subjetiva	Postulado de adequação	Postulado de relação	Postulado de racionalidade	Postulado de consistência lógica	Postulado de compatibilidade
Conforme cultura oriental analisada por pesquisadora ocidental	Cultura oriental retratada por orientais	Conflito de interesses culturais: oriental e ocidental	Suposições e premissas orientais	Veracidade dos fatos através de dedução oriental	Consenso de inferências orientais

Este documentário³⁰ é sobre o Comando Central dos Estados Unidos e suas relações com a Al Jazeera e a invasão do Iraque em 2003. O ponto central é o paradoxo entre a cobertura árabe e a cobertura do ocidente sobre esta guerra. A diretora do filme é a cineasta egípcio-americana Jehane Noujaim. Como exemplo da união de duas culturas,

³⁰ Estreou no *Sundance Film Festival* em janeiro de 2004, pertencente ao Instituto Sundance, uma organização sem fins lucrativos a favor do trabalho de contadores de histórias de todo o mundo. Disponível em: <http://www.sundance.org/>, festival.sundance.org. Acesso em: 08 jun 2012.

Noujaim (2006)³¹ aborda as questões da abordagem, da perspectiva do olhar deste objeto em sua fala durante sua apresentação no TED³², corroborando com as perspectivas metodológicas e bibliográficas desta pesquisa:

“... porque antes da guerra começar, existia uma espécie de mídia (...) e parecia existir somente um ponto de vista sendo transmitido, e este vinha do Departamento de Estado dos EUA para as tropas na linha de frente e o que as pessoas estavam, o que estava sendo transmitido no noticiário era que essa iria ser uma guerra limpa, com bombardeios de precisão, e que os iraquianos saudariam os americanos como libertadores jogando flores aos seus pés nas ruas de Bagdá. E eu sabia que havia uma outra história completamente diferente que estava acontecendo no Oriente Médio, onde meus pais estavam. (...) e pensava, como é que as pessoas podem se comunicar umas com as outras quando estão recebendo mensagens completamente diferentes e ninguém sabe o que está sendo dito do outro lado? Como é possível se ter qualquer tipo de entendimento comum ou saber como vamos caminhar juntos rumo ao futuro?”.

Este documentário³³, qualificado como dentro de uma perspectiva intercultural, possui vários entrevistados para legitimar sua narrativa. E a escolha destes e importância são baseadas na sua biografia profissional e/ou pessoal conforme explicitado a seguir. São eles:

³¹ Disponível em: http://www.ted.com/speakers/jehane_noujaim.html e www.ted.com/talks/jehane_noujaim_inspires_a_global_day_of_film.html. Acesso em: 10 jun 2012.

³² TED é um conjunto global de conferências coordenado por um grupo privado sem fins lucrativos. Uma fundação sobre o slogan: ‘Ideias devem ser difundidas’. Disponível em: <http://www.ted.com/pages/about>. Acesso em: 27 abr 2013.

³³ Disponível em: www.controlroommovie.com. Acesso em: 08 jun 2012.



Figura 2: Entrevistados do documentário '*Control Room*'.

Abdallah Schleifer³⁴ – Professor e jornalista que fez coberturas jornalísticas sobre o Oriente Médio para meios de comunicação americanos e árabes por mais de trinta anos. Foi produtor executivo do documentário '*Control Room*';

David Shuster³⁵ – Jornalista de televisão americano, âncora da MSNBC. No início de 2003 viajou para o Qatar, onde fez a cobertura no Comando Central dos Estados Unidos da Operação de libertação iraquiana;

³⁴ Disponível em: www.tumblr.com/tagged/abdallah-schleifer. Acesso em: 08 jun 2012.

Dima Khatib³⁶ – Síria, nascida na palestina, é uma jornalista. Trabalha como correspondente e produtora na rede Al Jazeera. Também é chefe do escritório da América Latina da emissora. Durante guerra do Iraque trabalhou como produtora de notícias ao vivo em Doha. Recebeu atenção durante as revoluções árabes por fornecer informações com atualizações frequentes e comentários sobre acontecimentos recentes através de seu Twitter. Foi classificada, desde então, entre os árabes mais influentes do Twitter;

Hassan Ibrahim³⁷ – Jornalista sudanês da Al Jazeera. Atualmente, produtor sênior com serviço de notícias inglesas da Al Jazeera, também serve como um analista de terrorismo para a emissora. Frequentou a escola com Bin Laden;

Josh Rushing³⁸ – Assessor de imprensa do Comando Central norte-americano;

Samir Khader³⁹ – Produtor sênior da Al Jazeera, de acordo com ele: “Em 1996, o reino do Qatar queria montar um canal de satélite para fazer parte da televisão do Qatar, para ser apenas mais uma estação de televisão estatal no Oriente Médio. Eles estavam procurando pessoas para configurar isso. Acontece que neste momento a BBC a serviço da Arábia havia demitido um monte de gente. Então, alguém do Qatar foi a Londres para recrutá-los. Essas pessoas ex-BBC disseram que haviam trabalhado em um país democrático, e agora queriam trabalhar por certas éticas profissionais e nenhuma outra maneira. No início Al Jazeera era um canal como outro qualquer, mas depois tornou-se muito mais do que isso”.

Tom Mintier⁴⁰ – Correspondente da CNN, estava no Comando Central dos Estados Unidos perto de Doha, no Qatar, no início da guerra do Iraque.

³⁵ Disponível em: http://www.msnbc.msn.com/id/3080466/ns/msnbc_tv-meet_the_faces_of_msnbc/t/david-shuster. Acesso em: 08 jun 2012.

³⁶ Disponível em: <http://www.dimakhatib.com>. Acesso em: 08 jun 2012.

³⁷ Disponível em: <http://knowledge.wharton.upenn.edu/arabic/article.cfm?articleid=2676>. Acesso em: 10 jun 2012.

³⁸ Disponível em: <http://www.noujaimfilms.com/controlroom/site/01.html>. Acesso em: 08 jun 2012.

³⁹ Disponível em: <http://brooklynrail.org/2004/06/express/in-conversation-inside-al-jazeera-samir>. Acesso em: 14 jun 2012.

⁴⁰ Disponível em: http://www.historycommons.org/entity.jsp?entity=tom_mintier_1. Acesso em 14 jun 2012.

A escolha de tais entrevistados para auxiliar a contar a história do documentário, implica na visão de mundo deles para corroborar com a narrativa de *'Control Room'* e reforçar os contextos e abordagens explicitados. A decisão de entrevista-los não foi feita de maneira aleatória e não deixa de ser uma estratégia para justificar e confirmar as hipóteses desenvolvidas ao longo do documentário.

Primeiramente, foram analisadas cenas da decupagem do documentário, com o intuito de destacar as temáticas, imagens e/ou falas mais relevantes. Depois os resultados foram analisados comparativamente de modo a identificar as proximidades ou disparidades entre os objetos, estabelecendo de que forma acontece a confirmação de estereótipos e quais estratégias foram utilizadas para representar a visão desejada da realidade exposta nos trechos destacados e inseridos em categorias.

6.1.1. Control Room: Análise

Com base nos princípios de análise, o documentário foi considerado dividindo-o entre as categorias e subcategorias explicitadas nas estratégias metodológicas. Desta forma, foi possível identificar em quais categorias falas específicas dos entrevistados tinham por objetivo representar a realidade com a utilização de estereótipos em enquadramento, através do reforço de imagens mentais ou relevâncias postas ou impostas. O documentário foi analisado através de uma decupagem de suas cenas e, quando identificadas características de determinadas categorias de análise, foram separadas e pontuadas conforme é possível explicitar a seguir.

6.1.1.1. Categorias de análise

A seguir as categorias de análise são pontuadas e a decupagem realizada no primeiro documentário fica evidente posto que as cenas são descritas e explicitadas através de imagens que demonstram sua pertinência diante da categoria, conforme referencial teórico.

6.1.1.1.1. CONSTRUÇÃO DO REAL

Os momentos escolhidos aqui como construção do real, dentre tantas passagens do documentário, se justificam pela possibilidade de visualizar a fala de indivíduos ad-

vindos da cultura ocidental e oriental. Além da desconstrução, por parte do documentário, a fala do ex-presidente americano George W. Bush sobre a justificação da invasão do território árabe, por exemplo, que foi transmitido para o mundo todo, gerou uma construção social da realidade para o mundo ocidental. Esta desconstrução também se dá na fala do entrevistado oriental, colaborador da rede de televisão Al Jazeera e na passagem onde cidadãos do Oriente Médio explicitam sua visão, como se pode observar a seguir.

De acordo com o referencial teórico, há perpetuação de estereótipos e conceitos através da ideia de construção social da realidade através dos veículos de comunicação. Como explicita Samir Khader, produtor executivo da Al Jazeera, no começo do documentário, na própria sede da emissora no Qatar. Conforme Khader (Figura 3): “Não se pode fazer guerra sem rumores, sem meios de comunicação, sem propaganda”. A hipótese é de que sem a imprensa provavelmente não haveria terror. Assim como o entrevistado, Wainberg (2005) levanta a hipótese no referencial teórico que sem imprensa não há terror. Havendo uma relação simbólica de dependência e legitimação da construção da realidade do terrorismo através da mídia. Construindo assim a imagem do terrorismo com suspensão da dúvida através da atitude natural, descartando as ações terroristas e o recorte realizado pela mídia como um retrato parcial de eventos.



Figura 3: Visão do entrevistado Samir Khader.

Assim, o terror, através dos veículos de comunicação, constrói a realidade social, principalmente porque a mídia sempre confere legitimidade às reivindicações políticas e ideológicas do terrorismo. Esta propagação de ideias por meio da violência tem como objetivo a persuasão, gerando representação de uma realidade social, o terror. Por outro lado, isso gera efeitos cognitivos, além de ameaça física e moral, uma mudança de atitudes do governo e da opinião pública. No caso deste recorte, estes efeitos gerados pela

construção social da realidade ficam evidentes no discurso do ex-presidente dos Estados Unidos, através da declaração feita por George W. Bush da invasão do Iraque por tropas americanas. Segue a transcrição da fala de George W. Bush:

Concidadãos, o Conselho de Segurança das Nações Unidas não cumpriu com as suas responsabilidades. Assim, o faremos nós. Saddam Hussein e seus filhos devem deixar o Iraque em 48 horas. A sua recusa para assim fazerem resultará em um conflito militar, que começará quando o decidirmos. Para sua segurança, todos os estrangeiros, incluindo jornalistas e inspetores devem sair do Iraque de imediato. Muitos iraquianos podem ouvir-me hoje numa transmissão traduzida e tenho uma mensagem para eles. Se devemos fazer uma campanha militar, será dirigida contra os anarquistas que governam o seu país, e não contra vocês. O destino de vocês dependerá das suas ações. E não é uma defesa dizer: 'Apenas sigo ordens'. É tarde para que Saddam Hussein siga no poder. Derrubaremos o aparato do terror e ajudaremos vocês a construir um novo Iraque, que seja próspero e livre.



Figura 4: Discurso do ex-presidente George W. Bush.

O apelo emocional da cena é evidenciado na imagem de um oriental, o entrevistado Samir Khader, dando seu ponto de vista em relação ao discurso do ex-presidente norte-americano, corroborando e reforçando a construção do real, posto que Khader é árabe, possui raízes no Oriente Médio, com a finalidade de construir o real desconstruindo a imagem do então presidente norte-americano. Observa-se a narrativa e o desejo de construir o real a partir de uma mensagem televisada do então presidente dos Estados Unidos que difere do vivenciado pela comunidade árabe, conforme se observa em seguida.

Na continuação do documentário, pessoas na rua falam sobre o absurdo deste discurso (Figura 5), que não revela verdade aos árabes, que vivenciam os bombardeios e

ataques das mais diversas formas e sabiam o que estava por vir. Um deles explicita: “O problema não é Saddam, senão o que se passará com a gente? E quanto a Saddam, se restarem dez iraquianos vivos, ele estará entre eles”. Novamente a fala dos entrevistados evidenciam a construção do real e o desejo do documentário em reforçar seu discurso através da narrativa dos entrevistados.



Figura 5: Entrevistados secundários de 'Control Room'.

Há nestes momentos explicitados anteriormente uma manipulação da realidade através de constructos vindos de visões de mundo, de acordo não apenas com a abordagem do documentário, mas também através da fala dos entrevistados e das imagens associadas ao discurso representado do ex-presidente norte-americano. Há então uma clara intenção dual de construção da realidade. De um lado a partir da imagem do discurso do presidente Bush, do outro da legitimação da narrativa árabe sob a perspectiva de cidadãos comuns e do entrevistado Khader. E, enquanto este cenário inicial do documentário é apresentado, imagens são utilizadas para reforçar esta construção do real pela ótica ocidental e oriental. De certa forma, há um interesse em desconstruir a abordagem ocidental da guerra ao apresentar o outro lado através de representações do povo do Oriente Médio.

6.1.1.1.2. ENQUADRAMENTO

O enquadramento, nesta pesquisa, é uma adequação de imagens e falas num determinado contexto para ressaltar a representação de algo através da forma como tipifica, com suspensão da dúvida na atitude natural da vida cotidiana através de um caráter

seletivo, em relação a valores culturais e ideológicos com variações de contexto que implicam em variações de sentido gerando um espetáculo.

Através do efeito social que a mídia compreende envolvendo a seleção, disposição e incidência de notícias sobre os temas que o público falará e discutirá, ao que se refere a categoria de análise ‘enquadramento’, momentos em que discussões da forma como a imagem norte-americana é desconstruída, seja pela mídia árabe e sua cobertura jornalística, seja por cidadãos do Oriente Médio que são destacados nos documentários e discutidos a seguir por apresentarem duas visões sobre um mesmo enquadramento.

O analista de imprensa Abdallah Sahleifer, um dos entrevistados, menciona em ‘Control Room’ a maneira equivocada de noticiar o que está sendo feito pela mídia em relação à ocupação norte-americana em Bagdá com o intuito de capturar Saddam Hussein. Além da semelhança da brutalidade entre o exército israelita e norte-americano reportado e visto na TV pelos árabes. Conforme se pode observar na conversa entre Rushing e Sahleifer a seguir. Primeiro o tenente norte-americano questiona sobre a imagem mental (Figura 6), através do enquadramento, que está sendo feita dos compatriotas:

Ao ir para os comerciais, têm um vídeo de 30 ou 60 segundos. São aviões de guerra dos EUA, bombas dos EUA que explodem. Tanques dos EUA que cruzam o deserto e depois um bebê com vendas na cabeça chorando. **Não mostra o exército iraquiano, nem tropas dos EUA limpando feridas de prisioneiros de guerra. Não vê tropas iraquianas sequestrando famílias ou forçando-as a combater ou disparando por si.**



Figura 6: Enquadramento – Josh Rushing.

Por outro lado, há uma passagem do produtor executivo do documentário Abdallah Sahleifer (Figura 7) sobre a visão dos orientais sobre este contexto de guerra:

Isso leva-nos ao que digo. Ninguém tem essas fotos. Os americanos com os seus problemas históricos, psicológicos, políticos, no que respeita as relações árabes têm que fazer mais esforço. Repito, cada afirmação prejudicial, não tenho razões para não acreditar nelas. Porque claro, porque não há motivos. Saddam Hussein e o regime Ba'athist não o fazem. Não usa escudos humanos. Mesmo assim, não temos uma foto. Por isso as fotos dessas coisas são tão desesperantes.



Figura 7: Enquadramento – Abdallah Scheifer.

Esta conversa entre os dois no ConCert – como ficou conhecida o Centro de Mídia de Coalisão na Guerra do Iraque – é alternada por imagens da guerra (Figura 8), de soldados americanos entrando nas casas de árabes (Figura 9).



Figura 8: Imagens de soldados norte-americanos (1).

Entre as imagens, o analista de mídia continua:

Estas pessoas, todo o mundo, em especial os árabes com quem nos identificamos, têm estado a observar as tropas israelitas. Em especial, no ano passado, entrando em bairros civis, em Gaza, na Cisjordânia. O que viram foi um exército israelita altamente tecnológico? E os seus oficiais são de tipo europeu, como você, como eu. **E essas imagens, por desgraça, na psique árabe, está se misturando e o soldado israelita e o americano são iguais.**



Figura 9: Imagens de soldados norte-americanos (2).

Para Sahleifer as imagens “... por desgraça, na psique árabe, está misturando. E o soldado israelita e o americano são iguais”. Esta visão mencionada no documentário corrobora com perspectiva de enquadramento ao mostrar soldados norte-americanos invadindo casas de civis árabes (Figura 10), bem como em relação às imagens mentais geradas através do estereótipo passado através das mídias. O analista de imprensa complementa: “... E os civis palestinos que são brutalizados misturam-se na imagem deste dano colateral ou de bombardeamentos acidentais. E torna-se tudo uma imagem, e isso é um desastre para o lado americano segundo a percepção árabe”.



Figura 10: Imagens de soldados norte-americanos (3).



Figura 11: Visão de Abdallah Scheifer.



Figura 12: Visão de Josh Rushing.

Assim, verifica-se que o questionamento do oficial norte-americano em relação ao enquadramento dado às ações dos soldados representadas na televisão árabe contra-

põe-se com a fala do analista de imprensa Abdallah Sahleifer. Enquanto que, para Rushing a televisão árabe não mostra imagens de soldados norte-americanos em favor do povo árabe, Sahleifer replica explicitando que não há imagens das boas ações dos soldados para com a população. Desta forma, não há como mostrar. E, o que fica, são as imagens mentais através do enquadramento que se tem.

Além disso, na psique árabe, de acordo com o analista de mídia, os soldados norte-americanos estão se igualando aos soldados israelitas pois o mesmo enquadramento de um é realizado no outro soldado através do conteúdo transmitido nos meios de comunicação. De certa forma, conforme Sahleifer, isto é culpa não apenas do enquadramento realizado pela mídia, que apresenta soldados norte-americanos violentos com a população do Oriente Médio, mas pela falta de conteúdos que desfaçam tal imagem. Assim, o enquadramento da mídia árabe reforça o estereótipo através de seus enquadramentos.

Outro momento do documentário que explicita o enquadramento realizado pela mídia – mas especificamente, neste caso, a BBC – sobre temáticas ligadas à guerra está descrito abaixo numa entrevista com Hassan Ibrahim:

Esta manhã foi a reportagem mais caricata. Foi da BBC. O repórter estava rodeado de crianças iraquianas e estavam a cantar coisas contra Bush. Mas ele não fala árabe. Escuta o nome de Bush. 'E estou rodeado de crianças aclamando o presidente Bush'. Eram crianças a dizer mal de Bush. E pensou que aclamavam Bush.

Assim, um enquadramento tendencioso à cultura ocidental é desconstruído pela narrativa oriental da mesma imagem. Foi realizada uma versão falaciosa pela BBC para se ajustar as necessidades não apenas de transmissão de conteúdo, mas às lógicas políticas, ideológicas e sociais da cultura norte-americana que precisava justificar suas ações de guerra para o restante do mundo ocidental. Na passagem de outro momento de '*Control Room*', observa-se uma análise de duas categorias sobrepondo-se uma a outra, como já se verificou com as passagens explicitadas anteriormente. As categorias de enquadramento e imagens mentais se confundem e complementam. Mas, conforme referencial teórico, este fato é recorrente pois os estereótipos são apreensões mentais em camadas, decorrente de vários fatores que os constroem.

O enquadramento e a construção da realidade (e até mesmo imagens mentais) através da mídia são identificados nesta pesquisa na apresentação do relato sobre o ocorrido em 09 de abril de 2003 em Bagdá⁴¹, em contraponto à morte causada por mísseis de ataque sobre o escritório da Al Jazeera do correspondente Tarek Ayyoub um dia antes (Figura 13):

Não há polícia, nem guardas republicanos. Onde estão todos? Que vergonha. Onde está o exército? Veja-os a destruir tudo. Por que fazemos isto a nós próprios? Apesar do ódio por Saddam, não está bem que os árabes se portem dessa forma, frente a todo o mundo. (...) Para nós, é desconcertante quão depressa caiu o regime. Onde está a Guarda Republicana? Onde está o exército iraquiano? Devem estar em algum lugar. Não podem ter desaparecido (Dima Khatib, produtora da Al Jazeera).



Figura 13: Enquadramento – Dima Kahtib.

Enquanto a produtora da Al Jazeera fala, imagem da estátua de Saddam caindo são mostradas (Figura 14). O paradoxo explicitado por Khatib é em relação a diferença entre o enquadramento apresentado pela mídia norte-americana ao mundo ocidental e a realidade que estava acontecendo em Bagdá. Para a produtora da Al Jazeera, um dia antes bombardeios atingiram a sede da emissora em Bagdá, causando a morte de um colaborador da emissora, isso não foi lembrado na mídia. Em contraponto ao bombardeio em Al-Jazeera, a queda do regime de Saddam Hussein abafou a morte de jornalistas durante ataques norte-americanos. Houve uma sobreposição de temáticas abordadas através do enquadramento escolhido para reportar os fatos da guerra naquele momento.

⁴¹ A queda da estátua de Saddam Hussein simbolizando o fim de seu mandato ditatorial.

Para a entrevistada, a queda do regime de Saddam Hussein foi posta em evidência para tirar de foco o que realmente importava naquele momento para o povo árabe e que, conforme escolha de meios de comunicação, apenas um lado foi mostrado à população ocidental.



Figura 14: Estátua de Saddam Hussein.

Na continuação do documentário, o diretor de comunicações estratégicas do Comando Central dos EUA (Figura 15 e Figura 16) fala sobre a visão dele a respeito da queda do regime de Saddam Hussein:

Creio que as imagens mais marcantes que tenho visto são mulheres, crianças e homens no Iraque celebrando. Estas são boas imagens. São imagens importantes e claramente estão felizes. Estão quase livres, senão já completamente. Ao ver essas fotos, temos de nos deter e recordar os soldados americanos e do Reino Unido e outros que morreram para este momento acontecer.



Figura 15: Enquadramento – Mídia ocidental (1).



Figura 16: Enquadramento – Mídia ocidental (2).

Este enquadramento realizado apenas para a mídia ocidental reforça um discurso estereotipado, como por exemplo a frase destacada do discurso do diretor de comunicações estratégicas do Comando Central dos EUA apresentada anteriormente: ‘Creio que as imagens mais marcantes que tenho visto são mulheres, crianças e homens no Iraque celebrando’. Este enquadramento que constrói uma realidade para o mundo ocidental, mas que não é, de acordo com *‘Control Room’*, efetivamente o que acontece nas ruas das cidades atingidas pela guerra.

Fazendo um contraponto ao que está sendo discutido sobre esta passagem do documentário, observa-se um enquadramento de notícia, uma construção social da realidade através da mídia, bem como reforço das imagens mentais sobre o aspecto discutido até agora – a queda da estátua de Saddam muito bem representada pela TV norte-americana e internacional (Figura 17):

Os americanos trataram o elemento mídia com inteligência. A 9 de abril, as tropas dos Estados Unidos foram à Praça Firdos. Foi um espetáculo. Um espetáculo da imprensa. Depois de bombardear a Al Jazeera e parte da televisão de Abu Dhabi, fizeram este espetáculo. Levaram pessoas com eles, supostamente iraquianos, em ovação. Estas pessoas não são iraquianos. Vivi no Iraque, nasci lá, ali cresci. Reconheço a pronúncia iraquiana (Samir Khader).



Figura 17: Imagens de iraquianos.



Figura 18: Contraponto de Khader à imagem de iraquianos.

Com foco no rosto do entrevistado (Figura 18), imagens da bandeira dos EUA sendo colocada na cabeça da estátua de Saddam Hussein são mostradas (Figura 19).



Figura 19: Queda da estátua de Saddam Hussein (1).

Enquanto, numa sequência de imagens alternadas, outro jornalista da Al Jazeera complementa:

Para mim, o mais revelador foi quando o soldado americano pôs a bandeira sobre a cabeça de Saddam. Alguém deve ter-lhe dito: 'Não seja tão óbvio. Não te dissemos para fazer isso. Coloque-a no chão'. Não é uma maneira de festejar. É uma sensação de alívio ao ver Saddam Hussein desaparecendo. Isso faz-lhes sentir que um enorme peso lhes saiu dos ombros. Mas não aceitam os americanos como verdadeiros libertadores (Hassan Ibrahim).



Figura 20: Queda da estátua de Saddam Hussein (2).

Corroborando com todo este cenário abordado em *'Control Room'*, Dima Khatib, produtora da TV árabe explícita (Figura 21):

Foi algo muito inteligente o que fizeram, claro. Fizeram de propósito. Sabiam que iriam à praça onde estariam os jornalistas. Onde todos iriam estar ao vivo e iriam esquecer tudo o que tinham feito, iriam esquecer em 24 horas o que aconteceu. Iriam esquecer os feridos civis. Iriam esquecer tudo. Apenas iriam se lembrar desta estátua. Aposto que trouxeram estes adolescentes que partiram a estátua e a derrubaram. Trouxeram-nos com eles, porque, se reparar, são todos da mesma idade. Não há mulheres. E todos foram, e eram as mesmas pessoas da praça. Não se viam mais pessoas a juntar-se das casas próximas. Ninguém veio à rua ver o que se passava, porque as pessoas têm medo. E dos que foram, como pôde um deles ter a bandeira do Iraque antes de 1991 no bolso? Esteve dez anos à espera com a bandeira nessa praça? Creio que não. Mas disso não falaria a imprensa dos EUA.



Figura 21: Visão de Dima Kahtib.



Figura 22: Soldados *versus* população iraquiana.



Figura 23: Queda da estátua de Saddam Hussein (3).

Finalizando a abordagem de *'Control Room'* sobre esta temática nesta pesquisa, Samir Khader (Figura 24), reflete sobre o fato de que o enquadramento demonstrado

pela mídia ocidental não era o mesmo da TV árabe, tão pouco compartilhada das mesmas problemáticas e ideias entre o que era vivido de fato e o que era representado na imprensa: “O espetáculo era para a imprensa internacional. Cá estamos em Bagdá. A guerra terminou”.



Figura 24: Kahder sobre a imprensa ocidental.

Em seguida aparece a imagem do presidente norte-americano da época fazendo uma declaração pública (Figura 25 e Figura 26), rodeado por militares estado-unidenses num navio porta-aviões, sobre o fim das operações de combate no Iraque. Depois o tradutor da Al Jazeera aparece fazendo a tradução simultânea do discurso de Bush (Figura 27). No documentário, é possível vê-lo claramente com ar de incredulidade e deboche ao que está sendo transmitido.



Figura 25: Discurso de Bush no porta-aviões (1).



Figura 26: Discurso de Bush no porta-aviões (2).



Figura 27: Enquadramento – Reação do tradutor.

Os enquadramentos dos meios de comunicação norte-americanos e ocidentais corroboram com a representação de Hussein como bode expiatório das problemáticas daquela guerra e uma justificação para suas ações que, para o povo árabe, foi uma encaenação para o ocidente, um discurso constituinte e constituído de estereótipos que, no fundo, escondem as reais intenções da guerra.

6.1.1.1.3. IMAGENS MENTAIS

As imagens mentais são impressões geradas a partir de crenças, emoções e experiências individuais e/ou coletivas. São processos cognitivos, culturais e de estereótipos sociais através da interpretação, memorização e recuperação de informações, e o acúmulo de símbolos para que implicações sociais e culturais possam ser incorporadas.

O resultado destas tipificações são versões simplificadas da realidade através da indução da seleção de dada informação, seguindo a atenção e dirigindo o conteúdo, culminando na representação através da percepção visual.

Em relação às imagens mentais, passagens foram destacadas do documentário quando identificado reforço às imagens mentais ou desconstrução de determinadas imagens mentais. O importante é perceber na narrativa de *'Control Room'* o outro lado de uma mesma guerra, pelas lentes de uma cultura diferente. E a desconstrução de imagens mentais aqui é sempre para desfazer estereótipos perante a cultura e a visão oriental da Guerra do Iraque.

A imagem mental é um processo inevitável da influência seletiva sobre o indivíduo, a percepção dos significados atribuídos a palavras ou frases. Uma armação define a embalagem de um elemento de retórica, de tal modo a encorajar certas interpretações e desencorajar outras. É uma forma de proporcionar às pessoas uma maneira rápida e fácil de processar informações. Pois o significado de uma imagem mental tem raízes culturais implícitas.

Na passagem do documentário explicitada a seguir, a imagem mental se refere a forma de abordagem da Al Jazeera perante soldados norte-americanos capturados e mortos por árabes e, posteriormente, a fala do oficial norte-americano entrevistado em *'Control Room'* sobre sua perspectiva perante as imagens apresentadas dos soldados mortos na imprensa oriental (Figura 28 e Figura 30) em contraponto a imagens de mutilados e feridos civis de guerra árabes (Figura 31 e Figura 32).



Figura 28: Imagem de soldados norte-americanos (1).



Figura 29: Imagem de soldados norte-americanos (2).



Figura 30: Imagens mentais – Josh Rushing (1).

Esta identificação de imagem mental replicada no documentário é evidenciada na fala do entrevistado Josh Rushing⁴² durante entrevista em *'Control Room'* (Figura 30 e Figura 33):

⁴² Mais detalhes: <http://joshpushing.tumblr.com/> e <http://blogs.aljazeera.com/profile/josh-rushing>. Acesso em: 10 jun 2012.

Na noite em que a Al Jazeera os mostrou (soldados americanos) foi muito forte porque os EUA não mostram esse tipo de imagem. A maioria dos noticiários nos EUA não mostra imagens muito sangrentas e essas mostravam soldados americanos de uniforme espalhados pelo chão, um chão de ladrilho frio. E era chocante. Era absolutamente chocante. Me deixou com dor no estômago. E daí me ocorreu que, na noite anterior, tinha havido um bombardeio em Basra, e a Al Jazeera tinha mostrado imagens de pessoas. E eram tanto ou mais terríveis do que as dos soldados mortos. E eu me lembro de as ter visto no escritório da Al Jazeera e pensei: 'Nossa, isso é repulsivo. Isso é ruim'. E depois ter ido embora, provavelmente para jantar ou algo assim. E aquilo não tinha me afetado tanto. Então, o impacto que teve em mim, eu me conscientizando que tinha acabado de ver pessoas do outro lado, e que as pessoas do escritório da Al-Jazeera devem ter sentido o mesmo que eu senti naquela noite. E me transtornou profundamente o fato de não ter ficado tão chateado assim na noite anterior. Isso me faz odiar guerras. Mas ainda não me fez acreditar que vivemos num mundo onde possamos viver em paz.



Figura 31: População árabe (1).



Figura 32: População árabe (2).



Figura 33: Imagens mentais – Josh Rushing (2).

Como observado anteriormente, as imagens mentais, bem como outras categorias de análise, como explicitado na bibliografia utilizada nesta pesquisa, se entrelaçam com demais perspectivas de apreciação contextual aqui representada. De qualquer forma, na citação de Rushing, se evidencia que as imagens mentais construídas sobre um dado objeto são também culturais, além de todas as experiências anteriores que o indivíduo teve e que o ajudou a formular um constructo sobre determinada situação. As imagens mentais, então, são fixadas em nosso imaginário conforme estereótipos culturais específicos. Não são todas as imagens mentais que ficaram guardadas e, também, nem todas as imagens mentais são apreendidas da mesma forma.

A seguir, pode-se observar a relevância como categoria de análise. Conforme já explicitado, este princípio foi subcategorizado nesta pesquisa como forma de facilitar a apreensão do objeto, bem como ser fiel às relevâncias da fenomenologia de Schutz. Esse sistema serve para determinar quais eventos do documentário devem ser tratados como tipicamente iguais; identificar ações individuais únicas de indivíduos únicos em funções típicas de papéis e funcionar como um código de interpretação e orientação aos membros do grupo interno, no caso desta pesquisa os interagentes, criando assim um universo comum de discurso.

6.1.1.1.4. RELEVÂNCIA TEMÁTICA IMPOSTA

Neste objeto não foi identificada a relevância temática imposta. Posto que há este tipo de relevância na modificação do regime da tipificação habitual, independente da vontade. Implicando numa reformulação dos quadros de referencia. Além disso, esta

relevância evidencia-se principalmente pela reorientação social ou intersubjetiva da atenção, observável com mais ocorrência numa pesquisa de recepção, que não é o caso aqui.

6.1.1.1.5. RELEVÂNCIA TEMÁTICA VOLITIVA OU MOTIVADA

Neste tipo de relevância, o indivíduo baseia-se em um pré-conhecimento (pré-conceito) intuitivo para contextualizações típicas e interpreta as declarações observáveis sob as luzes deste saber tipificante. Numa interpretação onde os temas são pressupostos pela volição ou motivação do indivíduo numa determinação ambiência. Foram destacados os momentos a seguir pois sempre o desvio de foco é evidenciado em relação a relevância de um tema sobre outro, de uma mídia sobre outra, de uma abordagem sobre outra demonstrado na fala dos entrevistados.

A relevância temática volitiva pode ser exemplificada nesta pesquisa, em relação a este documentário na fala dos repórteres e colaboradores da própria rede de televisão árabe. Com a finalidade de expor ao mundo sua versão, foi realizado o documentário para que várias notícias de procedência norte-americana fossem desmistificadas. Pois, para o entrevistado de *'Control Room'* e dissidente iraquiano que lidera ataques de guerrilha contra tropas da Coligação Abdul Jabbar Al Kubeisi, por exemplo, a informação de guerra vinda dos Estados Unidos é propaganda militar. Para ele "A mídia significa atualmente para gente como Rumsfeld⁴³, Bush⁴⁴ e Cheney⁴⁵ que existem para defender os valores dessa gente. Eles acreditam nesses valores. Para eles, defender esses valores é correto. Obstruir o progresso da sua própria agenda é informação errada".

⁴³ Donald Henry Rumsfeld, político norte-americano, ex-secretário da Defesa dos Estados Unidos, tendo exercido o cargo de janeiro de 2001 a novembro de 2006, sob o governo do Presidente George W. Bush. Disponível em: <http://www.rumsfeld.com/>. Acesso em: 18 jun 2012.

⁴⁴ George Walker Bush, político estadunidense, ex-presidente dos EEUU, tendo sido o 43º presidente, de 2001 a 2009. Depois de oito meses de Bush iniciar primeiro mandato como presidente, os ataques terroristas de 11 de setembro de 2001 ocorreram. Em resposta, Bush anunciou uma guerra contra o terrorismo de caráter mundial e ordenou uma invasão ao Afeganistão no mesmo ano, e uma invasão ao Iraque em 2003. Além das questões de segurança nacional, Bush promoveu políticas de reforma na economia, saúde, educação, e segurança social. Disponível em: www.georgewbush.com/ e www.whitehouse.gov/about/.../georgewbush. Acesso em: 18 jun 2012.

⁴⁵ Richard Bruce "Dick" Cheney foi vice-presidente dos Estados Unidos no mandato Bush entre 2001 e 2009. Disponível em: <http://whitehouse.georgewbush.org/administration/dick.asp>. Acesso em: 18 jun 2012.

Por outro lado, o documentário exibe a imagem do secretário de defesa dos Estados Unidos na época falando sobre a postura da Al-Jazeera em reportar a guerra (Figura 34). De acordo com Rumsfeld:

Sabemos que a Al Jazeera tem um padrão de fazer a sua propaganda, uma e outra e outra vez. O que fazem é que quando cai uma bomba, eles pegam algumas mulheres e crianças e fingem que a bomba atingiu aquelas mulheres e crianças. Parece que depende de todos dizer a verdade, dizer o que sabemos ou desconhecemos, que tratamos com gente disposta a mentir ao mundo para tentar seguir o seu caso. E na medida em que a gente minta, são apanhados a mentir e perdem credibilidade. Não tardará muito, lidando com gente como esta.



Figura 34: Ex-secretário de defesa dos EUA.

Rebatendo esta afirmação, trazendo outra perspectiva de relevância temática volitiva, *'Control Room'* explicita a fala de Khader (Figura 35) sobre a afirmação do ex-secretário de defesa:

Queríamos lhe mostrar que toda a guerra tem um custo humano. De acordo? Concentramo-nos nisso. Há um custo humano, porque nos preocupam os iraquianos. Não somos como Rumsfeld que disse: '... nos preocupamos com os iraquianos'. A ele não lhe importa nada. Certo? Nos preocupamos com eles. Somos árabes, como eles. Somos mulçumanos, como eles.



Figura 35: Relevância volitiva – Samir Kahder (1).

Isso tudo com imagens de Samir Khader, produtor sênior da Al Jazeera, e, alternando com o entrevistado, imagens da guerra, de casas destruídas, de mutilados, mortos e feridos. Logo em seguida à fala de Khader, aparece a imagem de uma criança extremamente ferida dando entrevista (Figura 36).



Figura 36: Imagem de TV oriental.

Como a relevância temática volitiva é o deslocamento voluntário de atenção de um tema a outro, se pode observar na fala do secretário de defesa norte-americano da época um desvio de responsabilidade dos EUA em reação a Guerra do Iraque para a forma como a imprensa árabe e da Al Jazeera realiza sua cobertura, realizada pelo lado oriental da guerra. Para tirar a atenção de si, nada melhor que desviar o foco para o outro, evidenciando suas falhas e erros, conforme a perspectiva de Rumsfeld. E, neste sentido, a imprensa árabe, no documentário, também dá sua versão.

Em relação à relevância temática, esta se encontra expressa em ‘*Control Room*’ em outros momentos (Figura 37):

A imprensa dos EUA foi sequestrada por gente dentro da sua administração para ser usada como influência para induzir temor aos americanos. Cada vez que elevava o nível de perigo, de amarelo a laranja, a violeta ou roxo, não sei o quê, para que os americanos sintam sempre que estão cercados, que existe uma ameaça, e que essa ameaça foi representada pelo Saddam Hussein e pelo Iraque. Esse homem poderia desenvolver armas de destruição em massa e dá-las a Osama Bin Laden para atacar-nos. Para que quando um instituto eleitoral lhes diga: ‘Sentem-se ameaçados?’ Digam: ‘Sim, claro que me sinto ameaçado’. ‘Sabem que quem nos ameaça se chama Saddam Hussein?’ ‘Ah! Sério? Bombardeiem-no com armas nucleares!’.



Figura 37: Relevância volitiva – Samir Kahder (2).

Aqui Samir Khader aponta uma manipulação em relação à agenda do dia e a relevância do tema que será tratado sobre a guerra e o enquadramento que será feito dela, gerando tal imagem mental, dependendo da perspectiva estereotipada apresentada.

6.1.1.1.6. RELEVÂNCIA INTERPRETATIVA

Já em relação à relevância interpretativa (que também coaduna com a motivacional nestes casos específicos representados a seguir), estas se sobrepõem e se fundem no momento em que são colocadas em análise com outras categorias de análise. Pois os temas expostos no documentário enfatizam as próprias interpretações e a motivação pela qual se gera relevância em torno dela. Os exemplos destacados a seguir demonstram o tipo de interpretação que o entrevistado possui sobre um fato narrado e, por tanto, serão vistos aqui na categoria de relevância interpretativa. Como no exemplo explíci-

tado a seguir na fala de Hassan Ibrahim (Figura 38), numa conversa com seu colega de trabalho, alternado com imagens e fotos da guerra (Figura 39), sobre o bombardeio e os mortos:

Bombardearam um lugar no norte de Iraque. Um montão de cadáveres, para quê? Temos as fotos e as mostramos. Claro que teremos o arrependimento dos americanos por mostrarmos estas fotos. Creio que estaríamos incitando a rebelião, e isso seria instigar sentimentos antiamericanos. Lamento, não podem ter o seu bolo e comê-lo. Claro, bem, são a nação mais poderosa da Terra, estou de acordo, podem vencer todo mundo, concordo. Podem esmagar quem quer que seja, claro. Mas não nos peçam que também os amemos.



Figura 38: Relevância interpretativa – Hassan Ibrahim.



Figura 39: Imagem de guerra – Mídia oriental (Al Jazeera).

Como a relevância interpretativa refere-se a seleção de interpretação conforme a experiência do indivíduo, com estereótipos pré-definidos ou tipificação por associação, Ibrahim reforça a prerrogativa de que a interpretação dos norte-americanos pelo povo

árabe não pode ser diferente do que é apresentado a eles e que a imprensa irá mostrar as evidências de uma guerra desleal.

Pode-se observar as questões de relevância apontadas anteriormente nesta categoria de análise também em relação a pressão sobre a Al Jazeera em relação às fotos e imagens de soldados americanos como prisioneiros ou mortos (Figura 40):

Creio que foram compreensíveis. A reação não me surpreendeu. Se fosse americano e visse compatriotas mortos, claro que vai te afetar. E terá uma reação emocional. Mas deixa que as pessoas percebam que isto é uma guerra e há pessoas morrendo, não é uma guerra limpa, é muito suja. E ficará pior. (...) Se está nos Estados Unidos a ira dirigida contra nós, é porque mostramos os soldados que tinham morrido em combate ou numa emboscada. Foram soldados mortos em zona de guerra. Havia ira dirigida a nós. Se não havia ordem, se havia neutralidade, haveria o recebimento de todo o tipo de informação de todos os lados (Joanne Tucker, gerente da cadeia Al Jazeera).



Figura 40: Entrevistada secundária – Joanne Tucker.

Por outro lado, outra análise da relevância interpretativa destacada no documentário pode ser observada a seguir em relação a forma de interpretação de uma cultura sobre outra no que se refere a imagem e forma como entende-se a abordagem realizada pelo outro, neste caso os Estados Unidos, sobre uma guerra na qual vivenciam no mundo da vida (Figura 41): “Os exércitos dos EUA dá informações às agências de notícias. E nós tratamos como informação imparcial, mas é propaganda militar” (Abdul Jabbar Al-Kubeisi).



Figura 41: Entrevistado secundário – Abdul Jabbar Al-Kubeisi.

Esta afirmação do dissidente iraquiano também se encaixa na categoria de enquadramento, pois está sob a ótica de um determinado indivíduo, de uma determinada cultura, com um *framing* específico.

Em outro momento do documentário (Figura 42), o Tenente General americano Vicent Brooks apresenta uma discussão em relação a uma prática utilizada nas guerras desde a 1ª Guerra Mundial⁴⁶, a distribuição de baralhos com a foto de inimigos substituindo os naipes do jogo (imagens mentais).

Os governos da Coalizão têm identificado uma lista de líderes-chave do regime que devem ser perseguidos e julgados. A lista tem sido provida às forças da Coalizão em várias formas, para facilitar a identificação quando surja o contato. E este baralho de cartas é um exemplo do que provemos aos soldados e fuzileiros no campo, com a cara de cada um e sua função.

⁴⁶ Disponível em: <http://bad.eserver.org/reviews/2005/goggin.html/>, <http://www.archaeology.org/0707/trenches/solitaire.html> e <http://archive.newsmx.com/archives/articles/2003/5/16/105114.shtml>. Acesso em: 20 jul 2012.



Figura 42: Tenente norte-americano Vicent Brooks (1).

É perguntado por jornalistas: “No baralho dos 55 mais buscados está o Ministro de Informações Externa? Porque todo o baralho tem um curinga”. Outro repórter, desta vez Omar Al-Issawi, correspondente da Al-Jazeera pergunta: “Poderia ter uma cópia destas cartas como parte do pacote de imprensa que nunca recebemos? Obrigada”. Vicent Brooks, tenente general americano responde (Figura 43): “O baralho de cartas irá para outro lado. Não há suficientes para distribuir. Mas podemos deixar que as vejam. Obrigado, senhoras e senhores”.



Figura 43: Tenente norte-americano Vicent Brooks (2).

Este argumento, conforme explicitado no documentário, acabou ali. Os jornalistas passaram dez minutos tentando falar, depois da coletiva de imprensa, com o general Brooks e o mesmo não cedeu o baralho à imprensa. Um jornalista sugere: “Se só há um baralho, podiam pôr as cartas na parede para que todos as vejam?”. Uma porta-voz do exército americano responde: “Já discutimos sobre isso”. O mesmo jornalista não-

identificado rebate: “Nos empreste por meia hora e tiramos fotos”. A porta-voz norte-americana contrapõe (Figura 44): “Sei dizer ‘não’ em vários idiomas, posso repeti-lo. Essa é nossa posição”.



Figura 44: Porta-voz norte-americana.

O mesmo jornalista não identificado rebate: “É incrivelmente torpe fazer isso”. Ela responde: “Farei chegar os seus comentários a ele”. O jornalista acrescenta (Figura 45): “Faça-o. Não é uma operação militar. É uma operação de mídia e é incrivelmente torpe. Oferecer algo e logo não a ter disponível. É uma grande inaptidão”.



Figura 45: Jornalistas *versus* militares norte-americanos.

Desta vez, é possível observar que a possibilidade de interpretação é dada à imprensa, sobre um assunto importante para a política mundial e que o pano de fundo são baralhos distribuídos a soldados, mas, em seguida, é retirada a possibilidade de interpretação e obtenção do material para a imprensa. A relevância interpretativa aqui é

mais subjetiva, porém não menos importante. Posto que a possibilidade de obter um material oficial de guerra padronizaria de certa forma uma informação de extrema relevância naquele momento e que desvelaria os 55 personagens mais procurados na Guerra do Iraque por norte-americanos. Assim, a propaganda militar foi o que costurou todos os recortes desta categoria, pois a interpretação gerada por uma civilização ou outra demonstra o estereótipo mental que vai cercar a construção social da realidade de ocidentais sobre orientais.

6.1.1.1.7. RELEVÂNCIA MOTIVACIONAL

A apreensão de escolha e categorização de uma passagem da narrativa do entrevistado nos documentários denominada de relevância motivacional aparece neste documentário quando identificado através da fala do indivíduo uma deslocamento de uma temática a outra de maneira voluntária, com a finalidade de legitimar seus argumentos.

Exemplificando esta categoria, ao final do documentário, o entrevistado Samir Khader, em plano fechado alternando-se a imagens de soldados norte-americanos da Guerra do Iraque e a mídia de Coalisção no ConCert, exemplifica a fala de um dos entrevistados do documentário que encaixa-se na subcategoria desta relevância como pode ser visto a seguir (Figura 46):

A história disse-nos que os seres humanos têm pouca memória. Quem nos EUA pensa agora no que aconteceu na Somália⁴⁷ em 1993? Ninguém. Quem pensa no que se passou na Bósnia-Herzegovina⁴⁸? Ninguém pensa nisso. A história é escrita pelos vencedores. Tudo o que restará da guerra são apenas escritos e livros de história e é tudo.



Figura 46: Relevância motivacional – Samir Kahder.

⁴⁷ O entrevistado se refere na sua fala à guerra civil ocorrida nos anos 90 na Somália. “... que causou interrompimento na distribuição de alimentos no sul da Somália. Em reação à violência contínua e à catástrofe humanitária, os Estados Unidos organizaram uma coalizão militar com o propósito de criar um ambiente seguro no sul da Somália para a realização de operações humanitárias. Esta coligação, (Unified Task Force ou UNITAF) entrou na Somália em dezembro de 1992, na operação "Restore Hope" e foi bem-sucedido em restaurar a ordem e aliviar a fome. Em maio de 1993, a maioria das tropas dos Estados Unidos se retirou UNITAF e foi substituída pela operação das Nações Unidas na Somália. Os conflitos se agravaram até que 19 soldados americanos e mais de mil somalis foram mortos em um ataque em Mogadíscio em outubro de 1993”. Disponível em: <http://www.history.army.mil/brochures/Somalia/Somalia.htm>. Acesso em: 20 jul 2012.

⁴⁸ Em 1992, a Bósnia-Herzegovina foi arrastada para uma guerra civil sangrenta e devastadora, em que as populações acabaram por ser saneadas das regiões tomadas por cada nacionalidade. Em 1995 foi assinado o Acordo de Dayton e desde essa altura as forças da Organização das Nações Unidas encontram-se no território para garantir o cumprimento dos acordos de paz. Disponível em: http://ec.europa.eu/enlargement/potential-candidates/bosnia_and_herzegovina/index_en.htm. Acesso em: 20 jul 2012.



Figura 47: Relevância motivacional – Soldados norte-americanos.

Há uma motivação específica do entrevistado nesta passagem, suas origens, o fato de ser um árabe, numa rede de TV de sua cultura, faz de seu discurso uma questão de atenção voluntária de temas: tanto de sobreposições de temas, como de comparações de temas com outros. E, mais além, de uma modificação de um objeto pelo *know-how* de quando e onde fazer tal apreensão. E, como o indivíduo, para Khader, não é dotado de memória de guerra, não há uma relevância motivacional para tal, pois hoje o que é visto nos meios de comunicação são esquecidos e, além disso, não é feita uma ligação entre um tema e outro que são importantes para gerar um conhecimento sobre algo, um *know-how* necessário para a desmistificação de um estereótipo.

6.1.1.2. Comentários do Documentário no YouTube⁴⁹



Descrição: (Tradução livre): Veja como restrições justas e o desejo de conquistar os corações e mentes das pessoas no mundo inteiro para apoiar a causa sem fundamento para a invasão do Iraque. Veja o quão diferente os lados são entre o leste e o oeste da comunicação. Você é o juiz da verdade.

São apresentados os dez primeiros comentários mais relevantes na época⁵⁰:



Comentário 1: (Tradução livre) Chupem meu pau americano pessoas do Oriente Médio! Foda-se Bar gay de Allah! Foda-se todos os mulçumanos porcos! Fodam-se pedófilos que se casam com meninas de 9 anos. Beijando homens e dando as mãos. Foda-se, foda-se Ali Baba! (Imitando linguagem árabe). Nós temos petróleo russo. Obrigada. Amo os Estados Unidos.

⁴⁹ O documentário está disponível no *YouTube* através do site: <http://www.youtube.com/watch?v=f3rMo5egaXQ> com o título “*Control Room - Propaganda of the Iraq War*”. Na época contava com 13557 visualizações. Acesso em: 15 abr 2013.

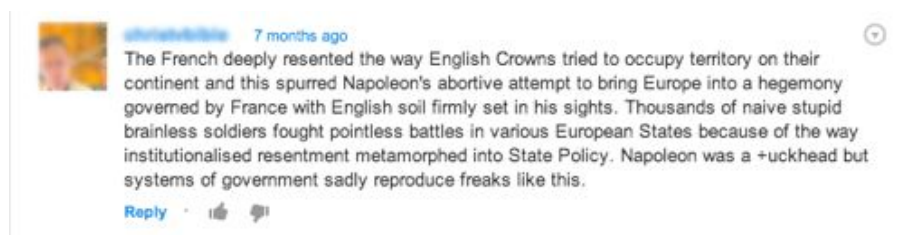
⁵⁰ A autora desta pesquisa salienta que os comentários dos documentários, apesar de possuírem palavras obscenas, rudes e xingamentos não foram retirados, pois, conforme ranqueamento do *YouTube* realizado em relação aos *likes* dos mesmos, explicam opiniões relevantes para o autor da publicação. Além disso, os comentários são importantes para esta pesquisa pois destacam visões e opiniões dos interagentes.



Comentário 2: (Tradução livre) Os norte-americanos estão mentindo, escória.

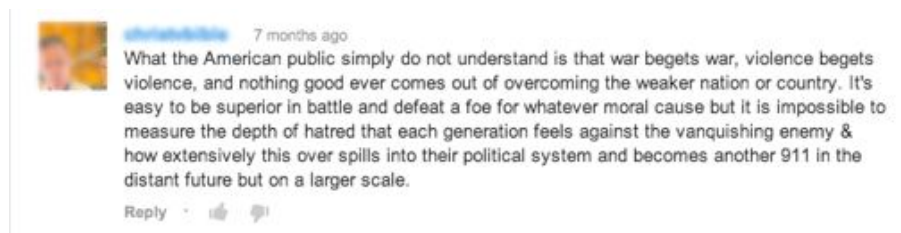


Comentário 3: (Tradução livre) Logo a América fará a vida das pessoas oprimidas do Oriente Médio melhor, nenhuma opressão é mais estúpida do que a de mulheres forçadas a vestir turbantes para esconder sua pele. NÃO MAIS. DEUS está aqui para você. AMÉRICA CACETE!!!⁵¹



Comentário 4: (Tradução livre) Os franceses se ressentiam profundamente pela maneira como a coroa inglesa tentou ocupar o território em seu continente e a tentativa fracassada de Napoleão que estimulou a Europa a se tornar uma hegemonia governada pela França com os Ingleses em sua mira. Milhares de soldados ingênuos estúpidos e sem cérebro lutaram em batalhas sem sentido em vários Estados europeus por causa da maneira institucionalizada e ressentida das políticas de Estado. Napoleão era um cabeça-oca, mas sistemas de governo, infelizmente, reproduzem aberrações como esta.

⁵¹ *America Fuck Yeah!* É um *meme* que surgiu nos Estados Unidos com o vídeo homônimo produzido pelos criadores de *South Park* que satiriza americanos e muçumanos e foi disponibilizado no *YouTube*. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=MGQaH3-LK54>. Acesso em: 15 abr 2013.



Comentário 5: (Tradução livre) O que o público americano simplesmente não entende é que guerra gera guerra, violência gera violência, e nada de bom nunca sai da superação da nação ou país. É fácil ser superior em batalhas e derrotar um inimigo por qualquer causa moral, mas é impossível medir a profundidade do ódio que cada geração sente contra o inimigo vencedor e como extensivamente este transborda para o seu sistema político e torna-se outro 911 no futuro distante, mas em maior escala.



Comentário 6: (Tradução livre) Eu também previ outra guerra Cruzada, mas nunca é tarde demais para pará-la, se na América tem mais pessoas como você! Estou vivendo o budismo na Ásia, com os nossos amigos muçulmanos e eu amo todos eles... Deus abençoe o senhor.



Comentário 7: (Tradução livre) Eu tenho estudado os EUA/Reino Unido e o Complexo Militar Industrial desde 2002, desencadeada pelo 11/9, leio dezenas de livros sobre o tema, incluindo um mergulho na história do Comércio e Banco desde a concepção dos bancos "nacionais", e posso dizer-lhe que o militarismo é um estado dentro do estado, sempre foi, e sempre será. Enquanto as indústrias militarizadas operarem em zonas fora do controle democrático, impulsionadas pela ganância e pelo desprezo, minhas projeções são um massacre incontrolável com os companheiros.



Comentário 8: (Tradução livre) Você pode encontrar nosso debate sobre esta guerra, vale a pena acessar nosso canal no *YouTube*.



Comentário 9: (Tradução livre) A história nos diz que o ser humano tem memória curta, e é por isso que temos esse bom tipo de documentário.



Comentário 10: (Tradução livre) 102:00 bonito saber que a guerra era contra os jornalistas....

6.1.1.2.1. CATEGORIA 'CONFIRMAÇÃO DOS ESTEREÓTIPOS'

Comentários relacionados: 1, 2, 3, 5, 9, 10.

O primeiro comentário confirma o estereótipo que o norte-americano possui do Oriente Médio, pois utiliza termos pejorativos com analogias da linguagem do povo árabe, reforçando e reproduzindo os estereótipos arraigados no *habitus* ocidental. Mesmo o documentário possuindo uma visão de desconstrução da imagem da guerra sobre outra perspectiva. Já o segundo comentário reforça o estereótipo em relação ao povo norte-americano e a postura destes perante a guerra ocorrida durante a queda de Saddam Hussein.

No terceiro comentário, mais uma vez há um reforço do estereótipo ocidental em relação a cultura árabe, assim como acontece no quinto comentário, que pontua que visões de guerra com a ideologia demonstrada no documentário que só gera mais ódio contra uma outra cultura. Citando, inclusive, que é impossível medir a profundidade do

ódio que cada geração sente em relação a uma guerra quando se está em confronto com um inimigo numa situação de guerra.

Já no nono comentário há confirmação do estereótipo através da justificativa do interagente em relação a importância do documentário em lembrar ao espectador, que possui memória curta, conforme o documentário. Assim, o indivíduo que fez este comentário corrobora com as visões e enquadramentos realizados no filme de não ficção *'Control Room'*.

No décimo comentário o interagente destaca a forma como os jornalistas descrevem e reportam a guerra em contraponto a passagem do documentário que reflete sobre a percepção que a versão da guerra disponibilizada pelos jornalistas ao público árabe reforçam os estereótipos sobre a guerra, as imagens mentais dos norte-americanos e o preconceito reproduzido pela mídia.

6.1.1.2.2. CATEGORIA 'DESCONSTRUÇÃO DOS ESTEREÓTIPOS'

Comentários relacionados: 4, 6, 7.

O quarto comentário é o primeiro que demonstra visão contrária ao estereótipo cultural sobre terrorismo e guerra. Aqui o interagente faz uma analogia indireta entre a dominação histórica da Inglaterra sobre a Espanha e as problemáticas de guerra terrorista entre Ocidente e Oriente reproduzidos sob a forma de aberrações pelo sistema de governo. De qualquer forma, assim como no sexto comentário, não há apresentações de dados ou reflexões sobre a temática com o intuito de desconstruir o estereótipo preexistente. No sétimo comentário, apenas alusões, sem fundamentação, sobre comércio e bancos são pontuados, bem como a forma como as indústrias militarizadas operam fora da democracia. Assim, mesmo com indícios de não confirmações do estereótipo com visão Ocidental ou Oriental em relação à guerra, estes comentários não propõem discussões ou possuem embasamentos com perspectivas culturais, políticas ou sociais do terrorismo islâmico.

6.1.1.2.3. CATEGORIA 'COMENTÁRIOS NEUTROS OU COM CONTEÚDOS DE DIVULGAÇÃO'

Comentário relacionado: 8.

Este comentário possui apenas uma frase de propaganda fazendo alusão a um canal do *Youtube* que possui discussões sobre a temática, mas não afirma ser a favor ou não da visão desenvolvida em *'Control Room'*.

6.1.1.2.4. COMPARAÇÃO DAS CATEGORIAS

Para visualizar os pontos divergentes e convergentes das categorias formadas nesta pesquisa para analisar os comentários referentes aos documentários *'Obsession'* e *'Control Room'*, primeiramente foi criada uma tabela com a quantidade de comentários inseridos nas categorias, conforme explicitado a seguir. E, em seguida, será explicitada as convergências e divergências entre os comentários.

Tabela 2: Resumo da categorização dos comentários.

Confirmação dos Esteriótipos	Desconstrução dos Estereótipos	Comentários Neutros
Comentários 1, 2, 3, 5, 9 e 10	Comentários 4, 6 e 7	Comentário 8
6 no total	3 no total	1 no total

Com a visualização deste corpus de análise, 10 entre os 28 comentários totais do vídeo no *YouTube*, é possível identificar indícios de que o interagente se comporta da mesma maneira do ambiente off-line ou on-line, mesmo com a possibilidade de hiperlinks e novas construções culturais, simbólicas e da realidade social através das redes sociais virtuais.

Há uma repetição de padrão na categoria de *'Confirmação dos Estereótipos'*. O discurso de justificação, além das ofensas e do ódio explícito identificados confirma os estereótipos mentais sobre a temática.

A observação possibilita a identificação da não modificação da construção social da realidade de maneira estereotipada através da explicitação das categorias. Pois na *'Confirmação dos Estereótipos'*, estes padrões são reforçados. E, mesmo na categoria *'Desconstrução dos estereótipos'*, há uma convergência de opiniões no que se refere ao padrão de confirmação da estereotipia. Na categoria *'Desconstrução dos estereótipos'* há

uma neutralidade do discurso contido no comentário, subjetivando-o, sem embasamento.

Assim, pode-se identificar o discurso dos comentários com a possibilidade de que a construção social da realidade é regida pela confirmação dos estereótipos e não a alteração dos padrões de busca dos interagentes em decorrência das possibilidades de *hyperlinks* gerados pelas plataformas de comunicação pós-massiva.

6.1.2. *Considerações da Análise: Control Room*

'*Control Room*' tem por finalidade representar o real através de suas imagens e textos, possui enquadramentos que reforçam estereótipos na sua construção posto que nenhum meio de comunicação está livre de *framing* – diferentes canais, diferentes verdades evidenciado nas falas destacadas nas categorias de análise. Fica claro a colocação da narrativa em relação à mídia, esta é elemento estratégico de propaganda de guerra com controle de informações. Ou seja, de um quadro, um esquema de interpretação, estereótipos que os indivíduos se utilizam para compreender, interpretar, e passar o mundo da vida através da mídia. Em outras palavras, as pessoas constroem uma série de imagens mentais através de influências culturais.

Já as relevâncias ficam aparentes em diversos momentos do documentário. Ela se apresenta de forma impositiva (quando retrata estereótipos de uma cultura sobre outra; tanto oriental sob ocidental como vice-versa); volitiva (quando aponta depoimentos individuais ou mesmo quando há um discurso organizacional da Al-Jazeera); temática (há uma sinalização de importância de um tema sobre outro – da visão oriental da guerra sobre a visão ocidental), interpretativa (posto que a interpretação deriva do depoimento de indivíduos ocidentais e orientais, com contextos diferentes sobre uma mesma guerra, mas com enfoques e interpretações diferentes, baseados na experiência de cada um) e motivacional (o documentário desloca várias vezes a atenção de um tema a outro, de um enquadramento ou outro, seja ele árabe ou não, mulçumano ou não, ocidental ou não).

As relevâncias neste caso ficam claras nos seus diversos enfoques, facetas e nomenclaturas. A relevância imposta pode ser observada através da narrativa entre discursos orientais sobre imprensa ocidental e vice-versa. Exemplificando tal categoria de análise, expõe-se aqui a fala do porta-voz do exército norte-americano durante a invasão

do Iraque em 2003: Josh Rushing. Durante o documentário, Rushing sempre busca entender os dois lados da situação. Ele segue a linha defendida pelos Estados Unidos de que estão liberando o Iraque de Saddam Hussein, mas tenta compreender o ponto de vista do povo, que não via o exército americano com olhos positivos.

Depois do filme, o ex-tenente⁵² escreveu um livro chamado *'Mission Al-Jazeera: Build a Bridge, Seek the Truth, Change the World'*, sobre a sua experiência no Iraque. Misturando sua história pessoal com ideias s sobre como vencer a guerra contra o terror, o ex-fuzileiro naval, agora repórter da Al Jazeera, aborda questões de que não estava autorizado a falar sobre a guerra quando estava de uniforme. De acordo com Rushing, para os Estados Unidos vencerem a guerra contra o terror, é necessário interagir com os meios de comunicação locais e no exterior, com a finalidade de controlar a forma como são vistos. O militar, que assim como grande parte dos americanos, acreditava que seu país estava fazendo algo bom ao invadir o Iraque e salvar as pessoas do autoritarismo de Saddam Hussein. Entretanto, após interagir com jornalistas da Al Jazeera que mantinham uma opinião contrária, ele percebeu que a intervenção americana não era algo positiva.

⁵² Disponível em: <http://joshushing.com/>. Acesso em: 20 jun 2012.

6.2. OBSESSION: RADICAL ISLAM'S WAR AGAINST THE WEST⁵³



Figura 48: Arte da capa do DVD do documentário 'Obsession'.

Este documentário é sobre a ameaça terrorista ao Ocidente, antes e depois do 11 de setembro de 2001. Nele, há uma utilização de imagens da televisão árabe, como forma de legitimar sua narrativa. Além de entrevistas com diversos personagens que auxiliam a contar a história do documentário.

Lançado em 2005, foi escrito e co-produzido por Raphael Shore, um canadense-israelense fundador do Fundo Clarion, distribuidora do filme. Também foi escrito e dirigido pelo sul-africano Wayne Kopping.

De acordo com a declaração inicial do filme: "Este é um filme sobre terrorismo islâmico radical. Uma ideologia perigosa, alimentada pelo ódio religioso. É importante lembrar que a maioria dos muçulmanos são pacíficos e não apoiam o terrorismo. Este não é um filme sobre eles. Este é um filme sobre uma visão de mundo radical, e a ameaça que representa para todos nós, muçulmanos e não-muçulmanos". O filme foi inicialmente promovido através da Internet por *Honest Reporting* e, posteriormente, distribuição de DVD pelo Fundo Clarion⁵⁴ em encartes de jornais, revistas, nas universidades e envi-

⁵³ Obsessão: A Guerra do Islã Radical contra o Ocidente (tradução livre da autora).

⁵⁴ Disponível em: <http://www.obsessionthemovie.com/>. Acesso em: 10 nov 2012.

ado pelos Correios na época das eleições presidenciais de 2008, quantidade não especificada no site oficial do documentário.

Há uma peculiaridade deste filme em relação ao *'Control Room'*, também analisado nesta pesquisa, pois, ao contrário do outro, *'Obsession'* destaca, além das problemáticas envolvendo o terrorismo islâmico e suas consequências, uma ligação entre islamismo e nazismo datada de quase 70 anos atrás, numa Europa que se encontrava em guerra com um dos líderes mais cruéis da história do mundo: Adolf Hitler.

Como citado anteriormente, no documentário são utilizadas imagens e depoimentos de entrevistados para legitimar sua narrativa. Segue os diversos personagens do filme não ficcional conforme site do documentário:



Figura 49: Entrevistados do documentário 'Obsession'.

Nonie Darwish - O pai de Nonie Darwish dirigiu o exército egípcio em Gaza e no Sinai, quando Gaza estava sob o controle do Egito na década de 1950. Em 1956, o pai de Nonie Darwish foi morto e martirizado na jihad contra Israel, se tornando um Shahid. Em 1978 Nonie emigrou para os Estados Unidos. Após o 11 de setembro, percebeu que sua cultura de origem está em uma cabeça em colisão com o resto do mundo. Possui artigos publicados por frontpagemag.com. Além de escrever textos no www.arabsforisrael.com.

Alan M. Dershowitz - Professor e advogado, é o autor *best-seller* de 20 obras de não-ficção e dois romances, e tem centenas de artigos publicados em revistas e jornais. Aconselhou presidentes, funcionários das Nações Unidas, primeiros-ministros e líderes empresariais sobre questões jurídicas e políticas, e também representados e consultados com grandes empresas de mídia sobre questões de liberdade de expressão.

Sir Martin Gilbert - Biógrafo oficial de Winston Churchill. Seu livro 'O Holocausto: a tragédia judaica' é uma obra clássica sobre o assunto. Ele é o autor de setenta e dois outros livros. É membro honorário do Colégio de Merton, em Oxford, e distinto bolsista do Colégio Hillsdale, em Michigan.

Steven Emerson⁵⁵ - Um especialista internacionalmente reconhecido em matéria de terrorismo islâmico e segurança nacional. De 1990 a 1993 atuou como correspondente especial de investigação para a CNN e editor sênior da revista *E.U. News & World Report*. Atualmente é analista de terrorismo para a NBC, e é diretor do Projeto de pesquisa do Grupo, um dos maiores repositórios da nação de arquivamento de dados e informações sobre grupos terroristas do Oriente Médio.

Brigitte Gabrielle⁵⁶ - Cresceu durante a década de 1970 em meio a guerra civil no Líbano. Mudou-se para Jerusalém e tornou-se âncora do "*World News*", noticiário da noite árabe para uma tevê do Oriente Médio visto em toda Israel, Egito, Síria, Jordânia e Líbano. Cobriu a retirada israelita do Líbano central, na Zona de Segurança de Israel e do

⁵⁵ Site oficial: www.investigativeproject.net.

⁵⁶ Site oficial: www.americancongressfortruth.com.

levante palestino na Cisjordânia. Brigitte viveu em Israel de 1984 a 1989 e desde então se mudou para os Estados Unidos.

Caroline Glick⁵⁷ - É uma jornalista americana-israelense de Rishon Makor e é vice-editora-gerente da The Jerusalem Post. É membro sênior para assuntos do Oriente Médio do Centro de Washington, DC, para a Política de Segurança.

Alfons Heck⁵⁸ - Nascido em 1928 em Wittlich, Alemanha, ingressou na Juventude Hitlerista com dez anos de idade, até o final da Segunda Guerra Mundial, com a idade de 17 anos, ele estava no comando de 3.000 homens. Participou dos julgamentos de Nuremberg em 1946. Escreveu um livro best-seller, 'A Filha de Hitler: Alemanha nos dias em que Deus usava uma suástica', e era co-autor do livro premiado 'Viagens paralelas' com Helen Waterford, um sobrevivente de Auschwitz. Atuou como narrador e consultor técnico do documentário da HBO 'Heil Hitler: Confessions of a Juventude Hitlerista', vencedor da ACE, Emmy e Peabody Awards. Faleceu em 12 de abril de 2005.

Glen Jenvey - Começou a estudar os grupos radicais islâmicos quando estava na faculdade. Seu primeiro trabalho como espião foi para as autoridades de Londres, que o contratou para registrar uma manifestação em frente à embaixada dos Estados Unidos. Ele filmou muitas manifestações semelhantes, acabou por ser convidado pela embaixada americana para viajar ao Irã para recolher informações sobre as instalações militares lá. Ao longo dos anos, tem trabalhado para os serviços de inteligência de vários outros países, incluindo Sri Lanka, para quem se infiltrou nos *Tigres Tamil*, um grupo creditado com os atentados suicidas. Jenvey começou a usar a internet para se infiltrar nas organizações terroristas. Foi através de seu trabalho on-line que ele desenvolveu um relacionamento e, posteriormente, ajudou a derrubar Abu Hamza al-Masri, um clérigo principal numa mesquita em *Finsbury Park*, Londres.

Salim Mansur - É escritor e professor muçulmano, associado do Departamento de Ciência Política da Universidade de Western Ontario. Professor Mansur também é um membro sênior da Coalizão Canadense para Democracias. Seus artigos foram publicados

⁵⁷ Site oficial: www.centerforsecuritypolicy.org

⁵⁸ Mais informações: www.americancongressfortruth.com.

no *Free London Press*, *Toronto Sun*, *National Post*, *Middle East Forum*, *National Review*, e outros jornais e revistas. Ele ensina nas áreas de política comparada, de desenvolvimento e relações internacionais.

John Loftus⁵⁹ - Ex-promotor do Departamento de Justiça. Atua como advogado particular trabalhando *pro bono*, ajudou a expor e desligar redes de financiamento americanas de organizações terroristas islâmicas. É autor de quatro livros de história. Durante as administrações de Carter e Reagan, investigou casos da CIA e criminosos de guerra nazistas para o Procurador-Geral dos Estados Unidos.

Itamar Marcus⁶⁰ - É diretor da *Palestinian Media Watch*, uma das principais organizações independentes de monitoramento e informação sobre meios de comunicação da Autoridade Palestina. Era o diretor de pesquisa do Centro de Monitoramento do Impacto da Paz de 1998 - 2000, escrevendo estudos sobre Palestina, da Jordânia, e livros escolares sírios. Também foi membro da delegação israelense à "Tri-lateral [americano, israelense e palestino] - Comitê de Monitoramento ao Incitamento". Marcus falou internacionalmente, incluindo uma palestra para a União Europeia, detalhando o incitamento do ódio e da violência contra os judeus e cristãos na mídia palestina e livros didáticos.

Mohammed Khalil⁶¹ - É um especialista em lei islâmica, professor de Religião na *San Diego State University*. É membro do corpo docente do núcleo de Estudos Islâmicos e árabes da Universidade. Estudou na Arábia Saudita, México, Canadá, Mauritânia, Síria e Iêmen, em ambas as tradicionais instituições islâmicas e as universidades ocidentais. Ele era o companheiro Kraft-Hiatt primeiro pós-doutor em Estudos Islâmicos na Universidade de Brandeis e durante sua estadia lá, pesquisou a imagem do judeu na literatura Hadith. Khalil é um imã e um dos poucos estudiosos islâmicos que é aceito por sunitas e xiitas das seitas do Islã. Ele também atuou como consultor para o Departamento de Justiça do Governo de Quebec, no Canadá, e como perito em San Diego.

⁵⁹ Site: www.john-loftus.com.

⁶⁰ Site: www.pmw.org.il.

⁶¹ Site: www.forpeoplewhothink.org.

Daniel Pipes⁶² - É diretor do *Middle East Forum* e colunista premiado para o *New York Sun* e *The Jerusalem Post*. Seu site, danielpipes.org, é a fonte mais acessadas de informação especializada sobre o Oriente Médio e o Islã. Atuou em diversos cargos no governo dos EUA, incluindo duas posições presidencialmente importantes: foi vice-presidente do Conselho de Bolsas de Estudo *Fulbright* para Estrangeiros e membro do conselho do Instituto da Paz dos EUA. Foi diretor do *Foreign Policy Research Institute*, em 1986-93. Pipes escreveu muitos livros e artigos publicados em centenas de sites e traduzidos para 24 idiomas.

Tashbih Sayyed⁶³ - É analista político, jornalista e escritor. É um membro adjunto do Instituto Hudson. Ele trabalhou de 1967-1980 na televisão do Paquistão em várias capacidades, incluindo escritor, editor, diretor, produtor e Gerente Geral. Sayyed tem estado na vanguarda da luta contra a crescente influência do islamismo entre os muçulmanos e seu impacto sobre a paz mundial. Como colunista regular para os jornais Nos EUA, Paquistão, Alemanha e Índia, escreve frequentemente sobre a ameaça islâmica para os EUA. Seus editoriais vêm alertando sobre a agenda fundamentalista islâmica. Sayyed é o autor de oito livros, incluindo: 'História do mundo', 'Mohammad - Ver uma secularista', 'A política de Relações Exteriores do Paquistão', e '*Shadow Warriors - Afeganistão, Paquistão, Talibã*'.

Robert Wistrich - É professor de História Europeia Moderna em hebraico e um perito internacional em anti-semitismo. É o chefe da *Vidal Sassoon* - Centro Internacional para o Estudo do anti-semitismo. É ainda autor e editor de 23 livros, muitos dos quais ganharam prêmios internacionais. Entre 1999 e 2001, Wistrich foi um dos seis acadêmicos que foram nomeados para uma comissão de história católico-judaica internacional para examinar o registro de guerra do Papa Pio XII. Mais recentemente, em junho de 2003, ele iniciou e atuou como assessor-chefe de história para um documentário da BBC sobre muçulmanos contemporâneos e anti-semitismo, intitulado "Culpar os judeus".

⁶² Sites: www.danielpipes.org e www.meforum.org.

⁶³ Mais informações: www.paktoday.com e www.muslimworldtoday.com.

Walid Shoebat⁶⁴ - Nasceu em Belém. Quando jovem, ele se tornou um membro da OLP - Organização para a Libertação da Palestina, participou de atos de terror e violência contra Israel, e mais tarde foi preso por incitação e violência. Após a sua libertação, ele continuou sua vida de violência e tumultos. Trabalhou como conselheiro para a organização estudantil árabe no *Loop College*, em Chicago, e continuou suas atividades anti-Israel. Em 1993, estudou a Bíblia judaica, em um desafio de converter sua esposa ao Islã. Seis meses mais tarde, depois de intenso estudo, Shoebat percebe que tudo que tinha sido ensinado sobre os judeus era uma mentira. Convencido de que ele estava do lado do mal, se tornou um defensor de seu antigo inimigo. Hoje, dá palestras em todo o mundo. É cidadão americano e vive nos EUA, com sua esposa e filhos.

Khalid Abu Toameh⁶⁵ - É um jornalista árabe-israelense que cobre o território da Cisjordânia e Gaza para o *Jerusalém Post*. Contribui também para a *NBC News* e *News & World Report* dos EUA. Anteriormente, atuou como escritor sênior para o Relatório de Jerusalém, e como correspondente da *OLP Al-Fajr*. Produziu documentários sobre os palestinos para a BBC e muitas outras redes.

A escolha de tais entrevistados, assim como em '*Control Room*' implica na visão de mundo destes para corroborar com a narrativa de '*Obsession*' e reforçar os contextos e abordagens explicitados. A escolha destes também é uma estratégia para justificar e confirmar as hipóteses desenvolvidas ao longo do documentário.

Primeiramente, assim como no primeiro documentário, foram analisadas cenas da decupagem do documentário, com o intuito de retirar as temáticas, imagens e/ou falas mais relevantes e com que frequência aconteciam. Depois os resultados foram analisados comparativamente de modo a identificar as proximidades ou disparidades entre os objetos, estabelecendo de que forma acontece e quais estratégias.

6.2.1. *Obsession: Exploração do objeto*

Com base nos princípios de análise, o documentário foi considerado dividindo-o entre as categorias e subcategorias explicitadas anteriormente nas Estratégias Metodo-

⁶⁴ Site: www.shoebat.com.

⁶⁵ Mais informações: www.jpost.com.

lógicas e no início da Descrição e Análise dos Objetos. Desta forma, foi possível identificar em quais categorias passagens específicas eram identificadas, possibilitando uma conexão com o objeto de análise anterior.

Assim como em *'Control Room'*, este documentário encaixa-se nos postulados fenomenológicos de análise que são: postulado da interpretação subjetiva, postulado da adequação, postulado de relação, postulado de racionalidade, postulado de consistência lógica e postulado de compatibilidade.

Conforme proposição de interpretação subjetiva situa-se numa fala de cultura ocidental analisada por pesquisadora ocidental, polemizando o individual das culturas. Já o postulado da adequação é identificado na produção deste objeto, idealizado por ocidentais, retratando problemáticas da cultura oriental para um público ocidental.

Assim como o documentário *'Control Room'*, *'Obsession'* possui um conflito de interesses, pois a todo o momento é possível identificar posições e problemáticas orientais, deixando margem para debate quando se trata da relação fenomenológica postulada.

Em relação a análise do axioma da racionalidade, deve ser realizada levando em consideração que as premissas deste objeto são ocidentais. A veracidade e enquadramento dos fatos acontecem através de dedução ocidental em relação a um determinado recorte da cultura oriental, conforme se postula a consistência lógica da fenomenologia.

Não há um consenso de inferências orientais e ocidentais, mas um conflito no postulado da compatibilidade, posto que as culturas são diferentes, com olhares e lógicas nem sempre universais. Todas as categorias de análise foram identificadas neste documentário e, posteriormente, serão confrontadas com o *'Control Room'*.

Tabela 3: Análise do documentário ‘*Obsession*’.

Postulado da interpretação subjetiva	Postulado de adequação	Postulado de relação	Postulado de racionalidade	Postulado de consistência lógica	Postulado de compatibilidade
Conforme cultura ocidental analisada por pesquisadora ocidental	Cultura oriental retratada por ocidentais	Conflito de interesses culturais: oriental e ocidental	Suposições e premissas ocidentais	Veracidade dos fatos através de dedução ocidental	Consenso de inferências ocidentais

6.2.1.1. Categorias de análise:

Com base nos princípios de análise, o documentário foi considerado dividindo-o entre as categorias e subcategorias explicitadas nas Estratégias Metodológicas. Desta forma, foi possível identificar em quais categorias passagens específicas se encaixavam. ‘*Obsession*’ foi analisado através de uma decupagem de falas dos entrevistados e, quando identificadas características de determinadas categorias de análise, foram separadas e pontuadas conforme é possível explicitar a seguir.

6.2.1.1.1. CONSTRUÇÃO DO REAL

Os momentos destacados nesta categoria de análise possuem nuances de perpetuação de estereótipos e conceitos através da ideia de construção da realidade neste documentário e por isso foram destacados aqui. Após dados de alerta ao telespectador sobre imagens violentas e chocantes e citação do filósofo Edmund Burke: “A única coisa necessária para o triunfo do mal é que os homens bons não façam nada”, há uma cerimônia de apresentação de guerreiros suicidas onde fica explícito o desejo do documentário em construir esta determinada imagem, a imagem do mal. Além de uma realidade sobre os terroristas e homens-bomba (Figura 50 e Figura 51): “Juramos pelo sangue e pelo corpo ferido de nossas crianças e pelo tormento de nossos prisioneiros. Responderemos explodindo nosso corpo”.

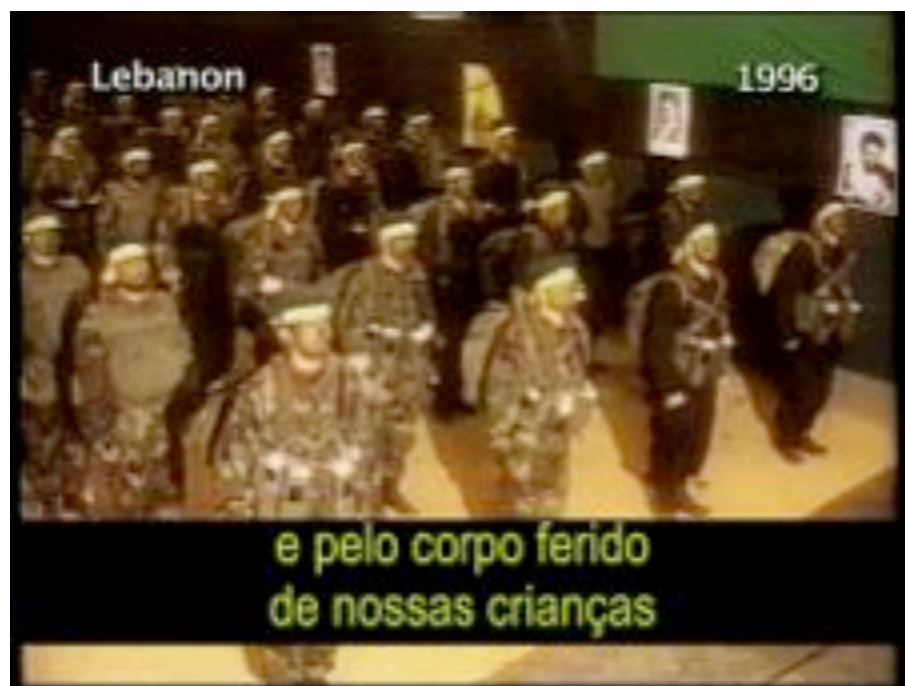


Figura 50: Homens-bomba no Líbano (1).



Figura 51: Homens-bomba no Líbano (2).

Em outro momento, se inicia no documentário 'A cultura do *jihad*' (Figura 52), fazendo uma alusão à realidade e a cultura que é construída a partir da guerra santa.



Figura 52: Divisão do documentário (1).

Para tanto, são mostradas imagens de uma cidade do Oriente Médio não-identificada e de um templo islâmico onde homens e meninos fazem saudação a Alá. Mais adiante uma das entrevistadas do documentário, Nonie Darwish, fala sobre a cultura da *jihad*, legitimando e reforçando a realidade construída sobre a temática: “No Oriente Médio, o Islã é nossa identidade, nossa vida política, social, é nossa vida”. Como forma de associação com a narrativa da entrevistada, enquanto Darwish fala sobre sua educação em Gaza, imagens de sala de aula com meninas (Figura 53) são alternadas à própria imagem dela: “Quando criança, fui à escola primária de Gaza. Ensinavam-nos que o *jihad* é uma guerra santa religiosa; Em nome de Alá. É isso que ele é. Conquistar o mundo para Alá. Isso é o *jihad*”.



Figura 53: Escola no oriente médio.

A utilização de entrevistados neste documentário foi importante para a legitimação da sua narrativa, da explicitação da sua visão, a construção do real e a exposição de uma verdade, de um dos lados de uma narrativa com diversas nuances de carácter cultural, religioso e político. Retratando, assim, a ligação entre islamismo, religião e vida social, tornando-a uma só para seus seguidores e construindo uma realidade baseada em preceitos religiosos que regem o mundo da vida.

A seguir (Figura 54) a narrativa do documentário é subdividida em 'A mídia do terror e seus efeitos'.



Figura 54: Divisão do documentário (2).

E, a partir de então, fica evidente uma fala que se considerou nesta pesquisa como construção do real quando o entrevistado Itamar Marcus aborda que: “Duas semanas antes do 11 de setembro, o Mufti palestino Ikrime Sabri, figura religiosa sênior da Autoridade Palestina, rezou abertamente na rádio para que Deus destruísse Israel, Inglaterra e EUA”. Após imagem do entrevistado, aparece a imagem do Mufti e sua voz reproduzindo uma prece para Alá pedindo a destruição dos EUA (Figura 55 e Figura 56).



Figura 55: Mufti Sabri (1).



Figura 56: Mufti Sabri (2).

De acordo com Marcus: “Quando se ouve a mesma mensagem repetidas vezes...”. Em seguida a entrevista é interrompida com a imagem do Mufti fazendo sua oração para Alá profetizando um desastre divino em Israel e nos EUA (Figura 57 e Figura 58). Em seguida Marcus conclui: “... isso vira parte da forma como você vê o mundo”.



Figura 57: Mufti Sabri (3).



Figura 58: Mufti Sabri (4).

Desta forma, há uma comparação entre o que foi dito e o que foi visto e pode-se deliberar que há aí uma construção do real em relação a fala do Mufti expressando-se no Oriente Médio como forma de reforço ao ódio pregado contra os Estados Unidos, os judeus e o Ocidente.

6.2.1.1.2. ENQUADRAMENTO

Ao que se refere a enquadramento, as falas a seguir foram destacadas por se tratarem de uma tentativa de unir a cultura radical terrorista árabe à cultura genocida alemã idealizada por Adolf Hitler durante a II Guerra Mundial. Além de momentos que apresentam a imagens de indivíduos proferindo discurso sobre uma perspectiva, num determinado enquadramento e, em outro momento, desconstruindo sua própria narrativa em outro momento, para outro público. Este discurso é inserido para reforçar estereótipos e imagens mentais dos horrores realizados durante o holocausto e colocar os dois momentos num mesmo enquadramento, conseqüentemente, numa mesma realidade. Em determinado momento do documentário, Khaleel Mohammed introduz que: “A palavra *jihad* no vocabulário mulçumano, na consciência islâmica, é uma palavra poderosa”. E complementa afirmando que: “Primeiro, a palavra *jihad* no árabe literal significa ‘luta’. Vem da palavra ‘*jahada*’, lutar”.

A seguir, John Loftus complementa que: “*jihad* no sentido tradicional significa ‘luta interna’, olhe para si para tentar ser uma pessoa melhor”. E, finalizando a narrativa sobre a temática, há o desfecho enquadrando uma temática com outra quando Walid Shoebat encerra falando que: “As pessoas pensam nisso. Sim, *jihad* significa luta interna, assim como ‘*mein kampf*’. ‘*Mein kampf*’ significa ‘minha luta’. Mas que luta? Os nazistas lutavam contra o quê? O que os judeus fizeram para se envolver com uma Alemanha nazista? O *jihad* está sendo usado no Oriente Médio como uma luta contra o povo judeu. Uma luta contra o Ocidente”.

Em outro momento, na subdivisão realizada no documentário denominada ‘O *jihad* no Ocidente’ (Figura 59), evidencia-se uma situação de enquadramento, quando o entrevistado Steven Emerson explicita o comportamento de personagens políticos importantes e conhecidos do mundo árabe: “Há um grande engano em dizermos algo em público e outra coisa em particular. Yassir Arafat era o mestre dessas dubiedades. Declarava apoiar o pluralismo e a não-violência condenando o terrorismo e, a portas fechadas, apoiava”.



Figura 59: Divisão do documentário (3).

Enquanto o entrevistado faz tal afirmação, aparecem imagens de Yassir Arafat falando que era contra a *jihad* num momento (Figura 60), e apoiando a *jihad* em outro (Figura 61).



Figura 60: Yassir Arafat (1).



Figura 61: Yassir Arafat (2).

Neste mesmo sentido o entrevistado Khalid Abu Toameh complementa que: “Às vezes encontra-se um mulçumano que parece ser moderado”. Mas o documentário mostra imagem de Anjem Choudary em 2002 falando sobre a ilegitimidade de colidir em prédios com civis inocentes (Figura 62, Figura 63 e Figura 64). E Toameh encerra: “Mas, em seus atos, ele não é tão moderado”.



Figura 62: Anjem Choudary (1).



Figura 63: Anjem Choudary (2).



Figura 64: Anjem Choudary (3).

Há um enquadramento muito evidente com a finalidade de reforçar os estereótipos sobre a problemática do terrorismo. Pois apresenta imagens de um cidadão muçulmano na TV ocidental não legitimando o atentado ocorrido em 11 de Setembro e, como se pode ver a seguir, há uma desconstrução desta fala com a imagem de Anjem Choudary apoiando o que houve no 11 de Setembro. Apresentando, para tal, imagens de persona-

lidades falando sobre o terrorismo sobre duas óticas divergentes, colocando-as em posição de desconstrução de sua imagem ao enquadrá-los em momentos, em recortes dos quais se referem à temática a favor e, logo em seguida, contra. Foi uma tática realizada pelo documentário para reforçar o estereótipo e o ódio ao Islã e seus representantes. Colocando algumas pessoas e/ou radicais religiosos como representantes de toda uma civilização.

E esta postura continua com a imagem de Anjem Choudary em 2003 falando sobre a magnífica equipe dos 9 que colidiram com as torres gêmeas no 11 de setembro (Figura 65, Figura 66 e Figura 67).



Figura 65: Anjem Choudary (4).



Figura 66: Integrantes da equipe dos 9.



Figura 67: Anjem Choudary (5).

Em seguida, continua a narrativa no documentário falando do caso específico de Abu Hamza Al-Masri, com imagem dele criticando a forma brutal e radical dos terroristas islâmicos e, em sessões particulares, incitando o ódio ao Ocidente.

Estes enquadramentos apresentados enfocam a dubiedade das construções da realidade do universo árabe quando a temática é o terrorismo, o ódio ao Ocidente e os

radicais islâmicos. Assim, fica claro que o estereótipo é fixado e repetido de maneira às imagens mentais fazerem parte da construção da realidade sobre esta temática sob determinados enquadramentos escolhidos pelo documentário e reforçados através de fala de entrevistados que corroboram com esta ideologia e imagens que confirmam o que esta sendo explicitado, tendo como objetivo a desconfiança para como o povo árabe através de demonstração de falácias.

6.2.1.1.3. *IMAGENS MENTAIS*

Foram destacados a seguir momentos do documentário que apresentam linguagens simbólicas que representam reforços a perspectivas estereotipadas do terrorismo. Em mais uma subdivisão, o documentário aborda a temática sobre a mídia árabe, separada da narrativa anterior e denominada 'A cultura do ódio' (Figura 68).



Figura 68: Divisão do documentário (4).

Nesta perspectiva, observa-se um reforço de imagens mentais estereotipadas sobre a cultura islâmica, igualando-a a uma cultura do ódio. Na ótica descrita a seguir, há um reforço de práticas preconceituosas em relação ao ocidente retratada na TV Iqra da Arábia Saudita em 2004 pelo Sheik Muhammed Al-Munajid: “Um jovem inglês arrancou o coração de uma senhora após esfaqueá-la e beber seu sangue. No Ocidente, há pessoas interessadas em beber o sangue dos mais velhos” (Figura 69 a Figura 72).



Figura 69: Sheir Al-Munajid (1).



Figura 70: Sheir Al-Munajid (2).



Figura 71: Sheir Al-Munajid (3).



Figura 72: Sheir Al-Munajid (4).

Na abordagem realizada pelo documentário para gerar imagens mentais de repulsa e ódio aos seguidores de Alá, a mídia árabe se utiliza da hostilidade contra Israel, os Estados Unidos e o Ocidente. Em *'Obsession'* observa-se uma propaganda árabe que mostra imagens da estátua da liberdade rodeada por um mar vermelho e um céu vermelho na TV Iraniana, em 2004, com a seguinte narração (Figura 73 a Figura 75): "Ali está,

o singular símbolo da liberdade. Os EUA são inimigos da unidade de Deus e uma afronta a Deus”. A imagem demoniza o Ocidente, representado pelos Estados Unidos, bem como os judeus, gerando imagens mentais inconscientes de conceitos mais subjetivos, culturais e ideológicos do que a própria imagem.



Figura 73: Propaganda da TV iraquiana (1).



Figura 74: Propaganda da TV iraquiana (2).



Figura 75: Propaganda da TV iraquiana (3).

De acordo com o entrevistado Khalid Abu Toameh (Figura 76 e Figura 77): “Há larga divulgação da ideia de Israel e EUA como Satãs. Isso é parte importante da propaganda islâmica”. Enquanto Toameh explicita sua visão, imagens da propaganda árabe com personalidades políticas com aspecto demoníaco e caveiras com artefatos que lembram os Estados Unidos, como por exemplo, sua bandeira espelhada nos olhos de uma caveira, segue imagem do atual presidente dos EUA na época, George W. Bush e demais personalidades odiadas pelos árabes (Figura 78 a Figura 81) entoadas pelo seguinte refrão: “Satã, Satã, Satã presunçoso. Ele ocupa países com a arma da tirania. Esse é Satã, a fonte da tirania”.



Figura 76: Propaganda demonizando Ariel Sharon (1).



Figura 77: Propaganda da TV iraniana (4).



Figura 78: Propaganda demonizando Bush (1).



Figura 79: Propaganda demonizando Ariel Sharon (2).



Figura 80: Propaganda demonizando Sharon e Bush.



Figura 81: Propaganda demonizando Bush (2).

Assim, a associação de propagandas iranianas ao ódio que o oriente tem do ocidente e dos Estados Unidos tem por objetivo reforçar a imagem mental que os ocidentais devem ter do Oriente Médio, que é um local de ódio aos Estados Unidos, onde apenas propaganda antiamericana tem evidência, no qual seus representantes discursam sobre pacificação e harmonia perante a mídia ocidental, mas que, entre eles, tanto em

meios de comunicação como em discursos ao vivo, o que impera são palavras de ordem de ódio aos Estados Unidos, Inglaterra e Ocidente.

6.2.1.1.4. RELEVÂNCIA TEMÁTICA IMPOSTA

Esta relevância, pode ser destacada com a apreensão de análise do discurso de entrevistados ou interagentes. No entanto, apesar da interferência constante entre as categorias de análise, posto que os objetos de análise permitem diferentes interpretações sobre a forma como o estereótipo se apresenta, evidencia-se uma imposição do entrevistado Itamar Marcus em relação a posição que a mídia deveria adotar quando se trata do terrorismo: “Hoje, a imprensa ignora e minimiza as ameaças potenciais, causando grande mal ao Ocidente, ao não alarmar as pessoas sobre o que deviam estar prevenidas”.

Há um reforço do terror e do pânico que o terrorismo pode causar, mas de maneira generalizada, fazendo pensar que as pessoas não estão seguras em nenhum lugar e que o perigo de ataque terrorista é iminente, tentando, assim, reorientar socialmente a atenção intersubjetiva e conectada entre a posição da mídia sobre o terrorismo e a sua ameaça real.

6.2.1.1.5. RELEVÂNCIA TEMÁTICA VOLITIVA OU MOTIVADA

Sabe-se que volição vem de vontade, de escolha e os destaques realizados a seguir ressaltam uma motivação por parte do entrevistado para o convencimento da veracidade de sua fala em relação ao terrorismo. Assim, identifica-se que há um desejo do entrevistado Walid Shoebat em persuadir o espectador a acreditar que há uma ligação direta entre o nazismo e o islamismo radical e vai acontecer novamente um holocausto: “Eu via tudo isso desde que era uma jovem criança. E agora o mundo está chorando, pois estes ovos estão eclodindo...”. Enquanto o entrevistado profere tal fala, a sua imagem é alternada com imagens de crianças islâmicas recrutadas para a *jihad*.



Figura 82: Propaganda iraniana com viés infantil (1).

E, em seguida, Shoebat continua: “... e o que está saindo é, literalmente, algo que vem diretamente da Alemanha nazista”. Para reforçar tal narrativa, imagens de crianças e jovens mulçumanos são exibidas para legitimar a fala do entrevistado (Figura 82 e Figura 83).



Figura 83: Propaganda iraniana com viés infantil (2).

“É o mesmo que houve na Alemanha nazista. Os garotos foram pegos pela Alemanha nazista, que tinha os jovens. A juventude estava sendo roubada de ser jovem”. Neste momento, intercalado com a imagem do entrevistado, aparecem imagens do recrutamento infantil na Alemanha nazista, para ligar ao que acontece hoje no mundo islâmico radical (Figura 84 e Figura 85).



Figura 84: Propaganda alemã com viés infantil (1).



Figura 85: Propaganda alemã com viés infantil (2).

Mais adiante, o entrevistado Robert Wistrich reforça mais uma vez a ligação entre os nazistas e os radicais islâmicos: “Os nazistas e os árabes têm uma teoria de conspiração em comum. Por exemplo: ‘Os judeus controlam os Estados Unidos’”. Neste momento, imagens da propaganda política nazista de 1943 aparecem. Em seguida, imagens da propaganda política da Arábia Saudita de 2001 surgem e são muito similares à nazista (Figura 86 e Figura 87). E o entrevistado continua: “E assim isso é disseminado dia após dia na mídia árabe”.

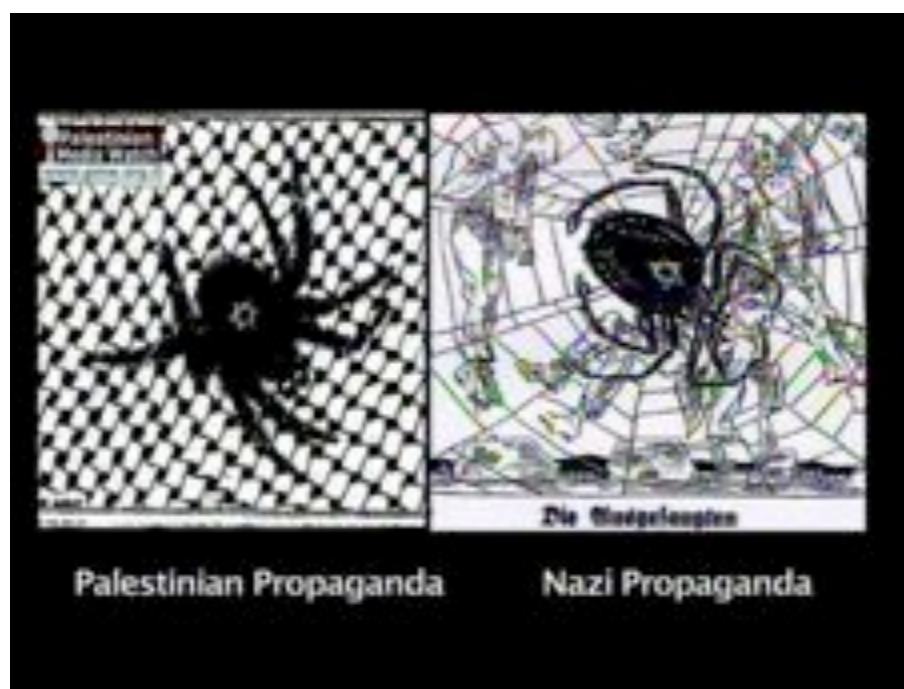


Figura 86: Propaganda da TV palestina (1).



Figura 87: Propaganda da TV palestina (2).

Pode haver uma ligação entre a ideologia nazista e islâmica radical, mas nada além de relevância temática motivada pode ser levada em consideração, pois não há evidências embasadas apresentadas ou argumentos, apenas imagens que pressupõem confirmação desta ligação. No entanto, o único efeito apreendido efetivamente é o de deslocamento voluntário de atenção de um tema a outro.

Apesar de já citado anteriormente com a exemplificação em categorias já explicitadas, é durante a subdivisão da narrativa do documentário em 'A cultura da negação' (Figura 88) que começa a narrativa da ligação entre nazismo e islamismo.



Figura 88: Divisão do documentário (5).

A partir daí, é evidenciada a ligação entre o genocídio de Hitler e o terrorismo islâmico. O entrevistado Sir Martin Gilbert narra que: “Nos anos 30, o perigo do nazismo estava presente. Estava em tudo que Hitler escrevia e dizia. E em tudo que as autoridades nazistas fizeram”. Em seguida aparece uma imagem do discurso de Hitler (Figura 89 e Figura 90): “O resultado não seria uma vitória dos judeus, mas a destruição da raça judaica na Europa”.



Figura 89: Discurso de Adolf Hitler (1).



Figura 90: Discurso de Adolf Hitler (2).

Destacando ainda mais a relevância do nazismo para a ocorrência do terrorismo islâmico, o entrevistado continua:

E a deturpação de toda uma geração jovem alemã, através da propaganda nazista nas escolas. As pessoas achavam que isso era um problema da Alemanha, eles que o resolvessem. ‘Temos nossos próprios problemas, nossos desempregados’. Acho que hoje acontece a mesma coisa. Eles não ligam os pontos, não associam os atos. Não veem que o fundamentalismo islâmico é uma rede global e um problema global.

E, enquanto o entrevistado narra a situação, aparecem cenas de Hitler e da época da Alemanha nazista (Figura 91).



Figura 91: Imagem de Adolf Hitler.

Complementando a comparação entre os dois momentos históricos mundiais, Gilbert encerra: “Se uma ameaça real é ignorada, como já aconteceu no passado na II Guerra Mundial, então o mundo pagará com milhões e milhões de mortes”.

Desta forma, a interpretação que o documentário quer gerar em seu telespectador, potencialmente interagente pela plataforma de distribuição, é de que o islamismo é tão perigoso quanto o nazismo, pois suas ideologias são complementares e convergentes. Além disso, não apenas há uma ligação entre o nazismo e o islamismo, mas ambas as ideologias cooperam entre si e possuem o mesmo objetivo: a destruição em massa de civis judeus e norte-americanos e ocidentais em geral.

6.2.1.1.6. RELEVÂNCIA INTERPRETATIVA

Em relação a relevância interpretativa, vale salientar nesta pesquisa alguns exemplos onde a generalização é bem evidente, pois não há como datar as imagens, quem as fez e se isso representa a totalidade do pensamento oriental. Fica exposto as interpretações e questionamentos não apenas a veracidade dos fatos, mas a verdade nas imagens, fontes, datas e demais informações relevantes para verificar se há mesmo atualmente uma alusão real do nazismo pelo islamismo radical.

Observa-se tal questão na fala do entrevistado Walid Shoebat: “Na II Guerra Mundial o Ocidente estava adormecido. Veio o acordo de Munique, chamando atenção para o que devíamos fazer sobre esse Adolf Hitler que quer dominar a Tchecoslováquia. O que o Parlamento fez na Grã-Bretanha? Ele se reuniu e disse que precisava conduzir Hitler à paz (neste momento aparecem imagens reais do primeiro ministro britânico – Neville Chamberlain – com Hitler e seu discurso sobre a suposta dissolução das ideias de Hitler e da paz entre Alemanha e Grã-Bretanha)”. Nesta passagem do documentário, mais uma vez, como forma de legitimar e ilustrar a fala do entrevistado, aparecem imagens de Adolf Hitler.

Mais adiante, imagens de radicais islâmicos fazendo um gesto alusivo a saudação hitlerista aparece em várias fotos com legenda de vários lugares (Figura 92 e Figura 93). Em seguida o entrevistado complementa: “Não é por sorte que a história está sempre se repetindo”. Em seguida, novas imagens de ativistas islâmicos são mostradas com o mesmo gesto referenciado à saudação nazista ‘Heil Hitler’ (Figura 94 a Figura 97).



Figura 92: Heil Hitler (1).



Figura 93: Heil Hitler (2).



Figura 94: Alusão ao cumprimento Heil Hitler (1).



Figura 95: Alusão ao cumprimento Heil Hitler (2).



Figura 96: Alusão ao cumprimento Heil Hitler (3).



Figura 97: Alusão ao cumprimento Heil Hitler (4).

Estereótipos pré-definidos aqui são reforçados ou associados através de interpretações de imagens sem nenhuma descrição ou explicação sobre elas. Imagens alusivas à saudação nazista não são suficientes para legitimar a ligação entre as duas ideologias. No entanto, constroem imagens mentais que, associadas aos estereótipos, produzem a construção social da realidade sobre esta temática no mundo da vida. Por outro lado,

além da falta de preocupação em apresentar provas, o documentário ainda corrobora para não desmistificar a ligação entre um momento histórico temido como o nazismo e a conexão direta com o islamismo. Pois, em nenhum momento, apresenta sequer imagens que mostrem a cultura islâmica despida de estereótipos negativos ou o cotidiano de cidadãos muçumanos.

6.2.1.1.7. RELEVÂNCIA MOTIVACIONAL

Destacaram-se as passagens do documentário *'Obsession'* a seguir como relevância motivacional, momentos onde entrevistados e/ou imagens apresentam o intuito de que suas ações, fala ou imagens, frente ao terrorismo, sejam vistos como verdade absoluta.

Há uma nova subdivisão da narrativa do documentário intitulada *'Denominadores Comuns'*. Nela, mais uma vez, há uma motivação de igualar o nazismo ao terrorismo islâmico e ligá-los entre si. O entrevistado Alfons Heck aborda que: "A ideia que os muçumanos têm e que os nazistas tinham é de demonizar os judeus". Neste momento, aparecem imagens de propaganda nazistas e propagandas palestinas praticamente iguais. E o entrevistado continua: "Eles transformam os judeus em demônios. É exatamente o que aconteceu na Alemanha. Você pode imaginar que nós, pessoas esclarecidas, acreditamos nisso. Por que os muçumanos não acreditariam nisso?". E, novamente, aparecem imagens da propaganda egípcia aonde aparecem símbolos de judeus como caveiras da morte abraçando o mundo. Além de estereótipo pré-definido, na fala do entrevistado Heck fica evidente o racismo e a xenofobia perante os muçumanos quando aponta que: "Você pode imaginar que nós, pessoas esclarecidas, acreditamos nisso. Por que os muçumanos não acreditariam nisso?". Baseado em que evidências o entrevistado pontua que muçumanos acreditam em propaganda palestina mesmo não sendo esclarecidas. O estereótipo é o único embasamento de legitimação deste discurso. E este estereótipo é representado por imagens de propaganda, retiradas de seu contexto original, não permitindo que os indivíduos reflitam sobre sua veracidade, em quais circunstâncias estão, que meios de comunicação produzem tal conteúdo e corroboram com esta imagem.



Figura 98: Propaganda da TV egípcia.

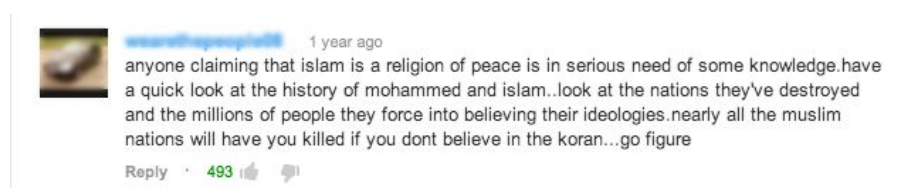
Há uma generalização quanto à ligação e semelhança entre a Alemanha nazista e o Oriente Médio radical islâmico no documentário. Pois o nazismo gerou uma Guerra Mundial, mas a temática era racial e étnica. No caso do islamismo radical, há um ódio ao Ocidente pautado por questões de política, economia e supremacia social.

6.2.1.2. Comentários do Documentário no YouTube⁶⁶



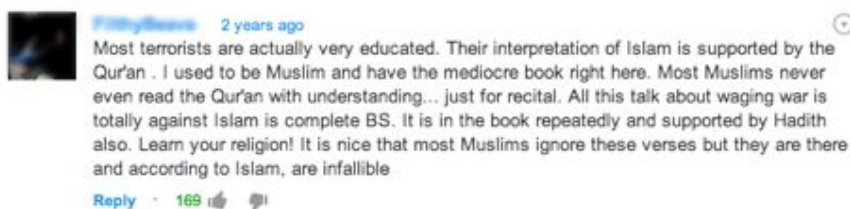
Descrição: (Tradução livre): *Obsession* - Guerra Radical do Islã contra o Ocidente é um novo documentário que vai desafiar a maneira como você olha para o mundo. É a versão completa do filme *Obsession*.

Os dez primeiros comentários rankeados pelo *YouTube* em relação a quantidade de *likes* e relevância dos mesmos:

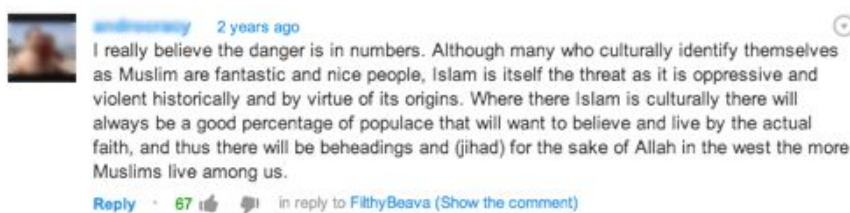


Comentário 1: (Tradução livre) Alguém que alega que o Islã é uma religião de paz está com sérios problemas e precisa de algum conhecimento. É só tecer um rápido olhar para a história de Mohammed e do Islã... Olhe para as nações que já foram destruídas e os milhões de pessoas que são forçadas a acreditar em suas ideologias. Quase todos os países muçulmanos matarão você se não acredita no Alcorão... Vai entender.

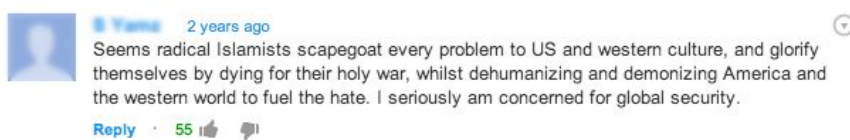
⁶⁶ O documentário está disponível no *YouTube* através do site: <http://www.youtube.com/watch?v=f3rMo5cgaXQ> com o título "*Radical Islam Documentary*". Na época contava com 232341 visualizações. Acesso em: 15 abr 2013.



Comentário 2: (Tradução livre) A maioria dos terroristas são realmente muito educados. Sua interpretação do Islã é apoiada pelo Alcorão. Eu costumava ser muçulmano e ter o livro medíocre aqui comigo. A maioria dos muçulmanos nunca sequer leu o Alcorão com compreensão... Apenas para o recital. Toda essa conversa sobre realizar a guerra é totalmente contra o Islã é BS (abreviação de 'bullshit') completa. Está no livro repetidamente e é apoiada pela Hadith (corpo de leis, lendas e histórias sobre a vida de Maomé) também. Aprenda a sua religião! É bom que a maioria dos muçulmanos ignore esses versos, mas eles estão lá e de acordo com o Islã, são infalíveis.




Comentário 3: (Tradução livre) Eu realmente acredito que o perigo é em números. Embora muitas pessoas que culturalmente se identificam como muçulmanos são fantásticas e boas pessoas, o Islã é a ameaça em si, uma vez que é opressivo e violento historicamente em virtude de suas origens. Onde há o Islã culturalmente sempre haverá uma boa porcentagem da população que vai querer crer e viver pela sua fé e, assim, haverá decapitações e (jihad) para as causas de Allah no Oriente Médio mais do mais entre muçulmanos que vivem entre nós.



Comentário 4: (Tradução livre) Os islâmicos radicais são bode expiatório de todos os problemas que existem nos EUA e na cultura ocidental, e sua glorificação, morrendo por sua guerra santa, enquanto desumanizam e demonizam a América e o mundo ocidental para alimentam o seu ódio. Eu realmente estou preocupado com a segurança global.

 **user123456789** 2 years ago
I feel bad for the muslims who have to deal with these radical tools.
Reply · 48 👍 🗨️

Comentário 5: (Tradução livre) Eu me sinto mal pelos muçulmanos que têm que lidar com essas ferramentas radicais.

 **user123456789** 2 years ago
Very enlightening!! Now I feel justified in the hate I feel for this scum - As the world wakes up these arse holes will be stopped! There is no moderation in evil just deceit lies and treachery.
Reply · 39 👍 🗨️


Comentário 6: (Tradução livre) Muito esclarecedor! Agora me sinto justificado pelo ódio que sinto por esta escória - Enquanto o mundo acorda, esses idiotas vão ser parados, impedidos! Não há moderação em más mentiras, apenas enganos e traições.

 **user123456789** 2 years ago
Extremism in any form is a plague upon the world that must be eradicated. And, it should not be eradicated by violence but, rather, by education. Thanks for this great video, it really helped me to realize that history really does repeat itself.
Reply · 23 👍 🗨️

Comentário 7: (Tradução livre) Extremismo em qualquer forma é uma praga sobre o mundo que deve ser erradicado. E não deve ser erradicado pela violência, mas sim pela educação. Obrigado por este excelente vídeo, ele realmente me ajudou a perceber que a história realmente se repete.

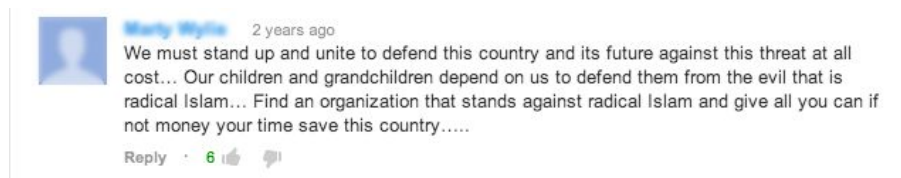
 **user123456789** 2 years ago
very very very very very very very very frightening.
Reply · 33 👍 🗨️

Comentário 8: (Tradução livre) Muito muito muito muito muito muito muito assustador.

 **user123456789** 2 years ago
If anyone tries to discredit or doesn't believe any of this about radical Islam, they are the problem cause they are blind. There are about 1.5 billion muslims in the world and 7%-10% (120 million-150 million) are radical muslims, those aren't small numbers. They want a "Caliphate" and want our "American way of life" dead. I love my country and I will be waiting with my 2nd amendment so "COME GET SOME"...

Comentário 9: (Tradução livre) Se alguém tenta desacreditar ou não acredita em nada disso sobre o Islã radical está cego, eles são a causa do problema. Há cerca de 1,5 bilhão de muçulmanos em todo o mundo e 7% -10% (de 120 a 150 milhões) são muçulmanos radicais, eles não

são poucos. Eles querem um "califado" e o nosso "modo de vida americano" morto. Eu amo o meu país e estarei esperando a segunda emenda⁶⁷ para "vir buscar alguns"...



Comentário 10: (Tradução livre) Temos de se levantar e se unir para defender este país e seu futuro contra esta ameaça a todo o custo... Nossos filhos e netos dependem de nós para defendê-los do mal que é o Islã radical... Encontre uma organização que está contra o Islã radical e dê tudo o que você pode, se não o seu dinheiro, seu tempo para salvar este país.....

6.2.1.2.1. CATEGORIA 'CONFIRMAÇÃO DOS ESTEREÓTIPOS'

Comentários relacionados: 1, 2, 3, 4, 6, 8, 9 e 10.

O primeiro comentário deste documentário confirma o estereótipo ao massificar todos os islâmicos através da simplificação gerada, onde todos os muçulmanos são iguais. Além disso, gera a impressão de que a religião islâmica é o problema.

Já o segundo comentário faz uma analogia entre religião e terrorismo e como o Alcorão apoia a *jihad*. No terceiro comentário há esta mesma apropriação de que a religião islâmica incita a guerra santa.

No quarto comentário o reforço do estereótipo sobre terrorismo islâmico é apresentado através do ódio ao Ocidente e aos Estados Unidos apoiados pelo Islã.

O sexto comentário aponta corroboração à tese desta pesquisa pois, além de confirmar o estereótipo sobre o terrorismo islâmico, pontua a opinião do interagente que se sente esclarecido sobre a temática apenas com a visão do documentário.

⁶⁷ De acordo com a segunda emenda norte-americana: "Sendo necessária à segurança de um Estado livre a existência de uma milícia bem organizada, o direito do povo de possuir e usar armas não poderá ser impedido".

No oitavo comentário se observa uma confirmação do estereótipo através da frase do interagente que acha o documentário assustador, pressupondo assim que é espantosa a relação entre o nazismo e a *jihad*.

O nono comentário corrobora com a visão estereotipada do documentário e apresenta dados quantitativos para justificar a periculosidade dos muçulmanos. No décimo comentário, o interagente além de não refletir sobre o conteúdo explicitado em '*Obsession*', convoca os cidadãos norte-americanos em defesa ao Estado e união contra o Islã radical.

6.2.1.2.2. CATEGORIA '*DESCONSTRUÇÃO DOS ESTEREÓTIPOS*'

Comentários relacionados: 5 e 7.

O quinto comentário desconstrói a visão estereotipada do documentário, afirmando que os muçulmanos são bode expiatório, mas não se preocupa em explicar esta afirmação. E, no sétimo comentário, há uma dualidade entre o extremismo, que deve ser erradicado, desconstruindo o estereótipo de '*Obsession*'. Mas, por outro lado, pontua que a história se repete, dando margem a interpretações sobre a ligação entre *jihad* e genocídio. Assim, não haveria desconstrução do estereótipo, pois esta visão já é do *habitus* ocidental.

6.2.1.2.3. CATEGORIA '*COMENTÁRIOS NEUTROS OU COM CONTEÚDOS DE DIVULGAÇÃO*'

Comentários inexistentes.

6.2.1.2.4. COMPARAÇÃO DAS CATEGORIAS

Como forma de melhor visualizar os pontos divergentes e convergentes das categorias formadas nesta pesquisa para analisar os comentários referentes aos documentários '*Obsession*' e '*Control Room*', primeiramente foi criada uma tabela com a quantidade de comentários inseridos nas categorias, conforme explicitado a seguir. E, em seguida, será explicitada as convergências e divergências entre os comentários.

Tabela 4: Resumo da categorização dos comentários.

Confirmação dos Estereótipos	Desconstrução dos Estereótipos	Comentários Neutros
Comentários 1, 2, 3, 4, 6, 8, 9 e 10	Comentários 5 e 7	Nenhum Comentário
8 no total	2 no total	0 no total

Com a visualização deste corpus de análise, *a priori*, é possível identificar indícios de que o interagente se comporta da mesma maneira do ambiente *off-line* ou *on-line*, mesmo com a possibilidade de hiperlinks e novas construções culturais, simbólicas e da realidade social através das novas plataformas de comunicação.

Através desta observação é possível visualizar a repetição de padrão na categoria de ‘Confirmação dos Estereótipos’. O discurso de justificação – seja com base em dados quantitativos, de exemplificação e demonstração de padrões de comportamentos comprobatórios do terrorismo islâmico apoiados pela religião ou em relação à segurança nacional, além das ofensas e do ódio explícito identificados confirma os estereótipos mentais sobre a temática.

A observação possibilita a identificação da não modificação da construção social da realidade de maneira estereotipada através da explicitação das categorias. Pois na ‘Confirmação dos Estereótipos’, como visto acima, estes padrões são reforçados. E, mesmo nas categorias ‘Desconstrução dos estereótipos’ e ‘Comentários neutros’, há uma convergência de opiniões no que se refere ao padrão de confirmação da estereotipia. Na categoria ‘Desconstrução dos estereótipos’ há uma contradição do discurso contido no comentário, deixando-o confuso e, em certa medida, fazendo confirmar padrões de estereótipo quanto a temática abordada. E na categoria ‘Comentários neutros’, só é possível estabelecer uma leitura exata de seu conteúdo através da identificação do usuário do *YouTube* que fez o comentário. Pois se ele é de origem islâmica, pode ter achado assustadora a abordagem estereotipada utilizada pelo documentário. No entanto, se o usuário é de origem americana, pelos padrões apresentados, há uma tendência de que o seu comentário seja de confirmação do discurso do documentário.

Em última instância, se pode identificar o discurso dos comentários com a possibilidade de que a construção social da realidade é regida pela confirmação dos estereó-

tipos e não alteração dos padrões de busca dos interagentes em decorrência das possibilidades de novas apropriações possibilitadas pelas plataformas de comunicação pós-massiva, mesmo em ambiente virtual.

6.2.2. *Considerações da Análise: Obsession*

O documentário '*Obsession: Radical Islam's War Against The West*' faz sua representação da real na medida em que, através de suas imagens, enquadra as temáticas ligadas ao terrorismo islâmico, e as ligações que são realizadas durante a narrativa. Possui estereótipos que são reforçados ao longo do seu discurso onde os ocidentais, público-alvo de distribuição da obra, constroem inúmeras imagens mentais, ou reforçam estereótipos já arraigados.

Em relação às categorias de análise escolhidas e aplicadas nesta pesquisa, há uma presença de todas as relevâncias em diversos momentos da narrativa. Além das categorias de enquadramento, imagens mentais e construção do real.

Alguns momentos do documentário, no entanto, têm tanta sobreposição de categorias que ficaram sem explicitação, mas que possuem profunda significação na narrativa. Como por exemplo, na passagem do documentário denominada 'Hitler e o Mufti' quando há continuidade da ligação entre o islamismo radical e o nazismo: "Esse é um ponto crítico a que não se dá muita importância. O antissemitismo dos nazistas teve grande apelo em meado dos anos 30 para muitos árabes nacionalistas e fundamentalistas islâmicos".

Seguindo da fala do entrevistado Sir Martin Gilbert: "Em meados dos anos 30, 1936, Hitler e suas propagandas empenharam-se em conquistar povos árabes do Oriente Médio. Vemos que o líder palestino do Movimento Nacional Árabe dos anos 20, 30 e 40, Haj Amim Al-Husseini, o Mufti do Islã, era um grande admirador de Adolf Hitler. O Mufti foi um dos fundadores do islamismo radical. E Hitler viu este homem como aliado, não como ajuda, mas havia o propósito de obter sua assistência. Houve um importante encontro entre Hitler e o Mufti, em 28 de novembro de 1941. Hitler explica que aquela era a primeira e a principal guerra de extermínio contra os judeus. Ele mantinha isso em segredo e revelou ao Mufti. Escolheu o líder palestino do Movimento Nacional Árabe para fazer essa revelação, que é um documento alemão não oficial". Entre as imagens do

entrevistado, aparecem fotografias e imagens do Mufti com Hitler e demais fotos e filmagens demonstrativas da ligação e contato entre eles.

Neste momento há uma sugestão do documentário para um possível holocausto por parte dos islâmicos radicais atualmente com as ligações entre o nazismo sugeridas na narrativa. Inclusive com falas diretas sobre o assunto por parte dos entrevistados escolhidos.

No final o documentário incita à movimentação de ‘moderados’ islâmicos em não apoiar o terrorismo e o radicalismo. Propondo, então, que os ocidentais se juntem a eles na luta contra o terror.

E finaliza com imagens de resistências civis na Guerra Fria, a participação do povo na Queda do Muro de Berlim, a derrubada da estátua de Lênin e a derrubada da estátua de Saddam Hussein.

Usando imagens de TV árabes pretende destacar o ódio pregado pelos radicais islâmicos para incitar uma *jihad* global, justificar a ‘Guerra ao Terror’ e legitimar o medo de ataques terroristas no ocidente. É um documentário não ficcional de propaganda política e incitação ao ódio, com críticas unilaterais ao radicalismo islâmico.

6.3. DISCUSSÃO E CONTRIBUIÇÕES: ANÁLISE ENTRE OS DOCUMENTÁRIOS

Cada documentário foi analisado, mas, como cada narrativa tem seu perfil, não há como unificar as apreensões e subjetividade de cada documentário e uniformizar. Porém, foram considerados alguns padrões de análise, respeitando as particularidades de linguagem de cada um, elencando recortes das narrativas em uma das categorias de análise.

As categorias desta pesquisa se sobrepõem, pois como o estereótipo é *a priori* dos princípios de análise – antes se tem uma estereotipia de algo de maneira intuitiva, e, ao mesmo tempo, *a posteriori*, posto que as imagens mentais, o enquadramento e os sistemas de relevância contribuem para gerar apreensões do estereótipo.

A categoria mais difícil de pontuar em ambos os filmes não ficcionais foi a de relevância temática imposta, pois ela pressupõe uma tipificação independente da vontade e não é possível abstrair o que pode ser tomado como estereótipo involuntário através de quadros de referências dos mesmos. Não há como perceber quais alusões existem na mente dos entrevistados, e quais experiências possuem sobre a temática ou como foi intuído aquela referência daquela maneira específica.

Já a relevância volitiva, que é da própria vontade do indivíduo, pode ser identificada, mas não de maneira totalitária, taxativa e de verdade absoluta, pois se identificou características de atitude natural, de suspensão da dúvida sobre o objeto explicitado. Ou seja, as coisas são como lhes aparecem, aceito da forma em que se apresenta.

Não há verdade absoluta na análise dos objetos pois assim não seria fidedigno à apreensão fenomenológica, pois, com a categorização dos objetos, para compreensão no campo da comunicação, a abstração máxima dos objetos não se torna viável neste campo de estudo. Então, o procedimento metodológico foi pautado na atitude natural, onde não há dúvidas de que o mundo e seus objetos sejam da forma como se apresentam a nós. Confirmando, assim, que os estereótipos são transpostos através da comunicação, e seus veículos, e os indivíduos não se questionam sobre as verdades expostas, as absorve e transferem, reforçando as estereotípias sem questionamentos. Isso tudo porque, como visto, todo este processo está pautado pela cultura e não é alterada a curto ou médio prazo, mas ao longo de várias gerações.

Nos documentários, acusações e estereótipos sobre o Oriente Médio ou Ocidente, ou até mesmo em relação ao nazismo, estão imbuídas na sociedade de modo a serem perpetuadas e reproduzidas, sem questionamento. A dissolução de determinados preconceitos e tipificações só será possível com alterações socioculturais, e não produzidas por novas possibilidades de acesso a informações proporcionadas pelas tecnologias de informação e comunicação, e seus dispositivos.

Já a relevância temática foi um pouco menos complexo de apreender, pois a identificação desta categoria se dá na importância e sobreposição de um tema sobre outro.

Em relação a relevância interpretativa, como acontece baseada na seleção de esquemas interpretativos baseados na reserva de experiência do indivíduo, foi adaptada à pesquisa e apreendida através de interpretações realizadas pelos entrevistados dos ví-

deos sobre determinado assunto, mas sem se basear nas experiências passadas deste personagem, pois não foi possível a narrativa biográfica de cada um, apenas foi realizada uma breve pesquisa, que estava disponível no site oficial dos documentários sobre a trajetória de cada um dos entrevistados e explicitada na exploração dos objetos desta pesquisa.

E, a apreensão de escolha e categorização de uma passagem da narrativa do entrevistado nos documentários, denominada de relevância motivacional, se deu quando identificado através da fala do indivíduo uma deslocação de uma temática a outra de maneira voluntária, com a finalidade de legitimar seus argumentos.

Em relação às imagens mentais, construção do real e enquadramento, foram de melhor compreensão na pesquisa pois os autores apresentados aqui se aproximam, ou trabalham com conceitos específicos da área de comunicação. Assim, quando foram categorizados recortes dos documentários como construção do real, por exemplo, identificou-se no discurso do entrevistado a representação de perspectiva social, influenciando este indivíduo a atingir audiências específicas, pretendendo uma realidade construída da sociedade e daquela temática abordada.

Já as imagens mentais são uma categoria que visa a generalização de determinada tipificação, gerando estereótipos, reforçando-os. E o enquadramento é representado sob a ótica de um indivíduo entrevistado e também do produtor deste conteúdo de comunicação.

No caso dos objetos desta pesquisa, um deles foi produzido por ocidentais para um público ocidental, enquadrado e formatado a despertar determinada reação aos espectadores. Do mesmo modo acontece em *'Control Room'*, produzido por orientais para um público oriental, mas que também veio ao conhecimento do público ocidental, pois está traduzido para línguas faladas no ocidente e disponibilizado em um portal oficial do documentário, além de redes de compartilhamento de vídeos com legenda em várias línguas. E, finalmente, os documentários estão fora do eixo de mídias tradicionais pois possuem perfil no *Facebook*, sem comprovação de que é legítimo ou não. Além disso, ambos tem Blogs e a Al Jazeera, mídia citada no documentário *'Control Room'*, possui usuário no *Twitter* nas versões @AJEnglish e @AJArabic.

No final, foi identificado que as categorias de análise se sobrepõem e complementam em muitas das vezes. Mas foi realizado, na medida do possível, divisões para melhor visualização dos objetos em decorrência da bibliografia da pesquisa e apreensão da análise dos objetos. Pois os recortes foram reduções do que, na verdade, estava imbuído em todo discurso dos dois documentários. Ambos poderiam claramente ter sido especificados minuciosamente, frame a frame, segundo a segundo, extraíndo as imagens e as falas e decompondo-as.

Evidencia-se também que, em muitos momentos, os documentários escolhidos possuem, na narrativa dos entrevistados, reforço de estereótipos já estabelecidos socialmente nas culturas ocidentais e orientais. Não esquecendo que estes reforços de tipificações corroboram com os interesses políticos, culturais, econômicos ou sociais destes filmes.

Há, através de *'Control Room'* e *'Obsession'*, uma construção social da realidade pautada no estereótipo, contribuindo, inclusive, para a formação de racismos e xenofobias, provenientes dos conceitos preestabelecidos. Pois em *'Control Room'* claramente é debatido sobre a propaganda política da guerra e sobre o enfoque dado por redes de televisão. Já em *'Obsession'* há uma incitação ao ódio em relação ao terrorismo islâmico, além de uma generalização de toda uma civilização e cultura.

Conforme visto no referencial teórico, como os veículos de comunicação possuem um perfil norteador de construção da realidade, os documentários analisados exercem poder de suggestionar o estereótipo de indivíduos sobre temáticas abordadas em suas narrativas. Além de disseminar valores preconcebidos, de forma negativa ou positiva, conforme o enfoque gerado por eles. Estes valores, identificados nos documentários, são de reforço ao estereótipo sobre temáticas ligadas ao terrorismo, incitação ao preconceito, xenofobia e racismo, principalmente do Ocidente em relação ao Oriente.

Com caráter exploratório não-totalizante, foi explicitada uma análise, de tantas outras abordagens que podem ser feitas sobre o tema, com a finalidade de, aplicando o método fenomenológico qualitativo, averiguar a aplicabilidade da tese.

Após analisar os documentários escolhidos, se verificou, nos mesmos e com base no comentários dos interagentes dos vídeos no *YouTube*, comportamento estereotipado

retratado e uma construção de preconceito, racismo e xenofobia no imaginário dos integrantes.

7. Considerações

Esta pesquisa possui diferenças de enfoques. No entanto, existe também uma concordância sobre as proposições fundamentais a respeito do estereótipo e da construção social da realidade através de aspectos culturais e generalizações independentemente do ambiente onde a informação está inserida.

Apesar da fenomenologia abordar um fenômeno, ou seja, aquilo que se manifesta por si mesmo, sem explicações a partir de conceitos prévios, com intenção de abordá-lo diretamente, foi necessário a utilização de um referencial teórico e uma categorização para captar, descrever e interrogar os objetos para que caminhos fossem demonstrados com a finalidade de corroborar com os objetivos e tese desta pesquisa.

Nesta ambiência, questões da análise explicitou o **objetivo geral** desta pesquisa através de como a face negativa do estereótipo é representada nos documentários escolhidos para análise. Em realidade, há um reforço do estereótipo nestes objetos analisados aqui. A representação é de legitimação de uma lógica socialmente e culturalmente aceita e replicada através do *habitus*. Para tanto, para atingir os **objetivos específicos**, foram realizados levantamentos bibliográficos que investigaram as considerações a cerca do terrorismo islâmico, através de autores que confirmaram as prerrogativas de ações desta temática através da política e religião, por exemplo. Além disso, um mapeamento foi realizado dos documentários, identificando em quais momentos deles ocorrem ideias estereotipadas sobre temáticas ligadas ao terrorismo islâmico. Para tanto, passagens específicas dos objetos foram destacados e analisados conforme categorias de análise desenvolvidas nesta pesquisa onde valores culturais estereotipados são destacados de forma a incentivar o interagente a efetivamente seguir determinados comportamentos ou reforçar estereótipos.

Assim, a **tese** pretendida nesta pesquisa fundamenta-se nas relevâncias individuais, coletivas e intersubjetivas, mesmo com a possibilidade de acesso de informações em diferentes plataformas. Lembrando que: Apesar da possibilidade de acesso às informações cada vez maior, proporcionadas pelas tecnologias da informação e seus dispositivos, não há modificação dos estereótipos sobre questões culturais ligadas ao terrorismo islâmico.

Isso acontece em decorrência dos interagentes agirem conforme *habitus* culturais. Além disso, os estereótipos, que conduzem e são conduzidos pela cultura, desempenham papel fundamental nesta ambiência. Na medida em que introduzem, amplificam e tornam generalizáveis as tipificações em que se fundam os interesses relativos comuns dos indivíduos que agem no mundo da vida.

Por outro lado, os veículos de comunicação também estão arraigados em estereótipos que reforçam uma lógica que age na formação da atitude natural e do conhecimento intersubjetivamente partilhado, levantando questões que são de interesse comum a todos. Os documentários objetos desta pesquisa, exemplificando um recorte da mídia, por exemplo, esboçam muitas imagens geradoras do 'socialmente compartilhado' na mente dos interagentes.

Isso porque o esquema *ready-made* de interpretação que permite aos indivíduos localizar, perceber, identificar e categorizar as informações ao seu redor são socialmente compartilhados e arraigados em uma lógica pautada no *habitus*.

Os documentários '*Control Room*' e '*Obsession*', disponíveis na internet, contribuem para o reforço e a construção de preconceito, racismo e xenofobia em plataformas de comunicação on-line. Pois são vistos como uma construção da imagem do mundo e não como um retrato parcial de eventos. Pois, como o *habitus* é resíduo da memória ancestral, é muito maior que as alterações de memória e cognição que estão acontecendo em decorrências das TIC's. Talvez gerações futuras possam adequar seus estereótipos conforme construções e modificações ocorridas ao longo do tempo.

Com todo o conteúdo disponibilizado na internet, sobre os mais diversos assuntos, há um condicionamento de atenção aos estímulos representados pela mídia. Pois ao mesmo tempo em que tem-se acesso a mais conteúdos sobre variados assuntos, a busca do interagente é sempre pautada em desejos e necessidades anteriores ao fator on-line, a busca na internet. O que se procura é continuamente o que desde sempre se buscou. Não há alteração dos gostos em decorrência da tecnologia da comunicação informação e da possibilidade de mais acesso ubíquo. De repente com a cultura do interagente em expansão, se este perfil prosseguir, possa estimular novas lógicas de atenção e de busca por esta atenção. Além de novas construções de conhecimento através de hipertextos e hiperlinks.

Um novo contexto no qual o espectador escolhe, seleciona, apropria-se e, algumas vezes, interfere nos produtos midiáticos são disponibilizados para consumo, é uma das potencialidades das tecnologias digitais, mas ainda não se mostra, aqui nesta pesquisa, como fator determinante para alteração de estereótipos sobre as temáticas abordadas.

Se o indivíduo, em suas ações, é agente e paciente, por que não exercer estas duas funções em seu mundo da vida? Pois o poder proporcionado pela ação dos indivíduos não possui barreiras. Mas, como identificado ao longo da pesquisa, as alterações dos estereótipos não acontecem, entre outras coisas, em decorrência do entrave do capital cognitivo coletivo que condiciona cultural e socialmente a ação dos indivíduos numa determinada sociedade.

Além disso, cada indivíduo tem um *imprinting* cultural compartilhado, mas que funciona de maneira individual e que pode ser alterado conforme a experiência e debate de ideias. E não é apenas o papel que as mídias pós-massiva desempenham na construção social da realidade que determinam a alteração no ecossistema cognitivo, na atitude natural do indivíduo em perceber os conteúdos midiáticos. Há também a motivação e as relevâncias intersubjetivas.

Pois, como se pode perceber após o cruzamento entre pesquisa bibliográfica e análise do objeto empírico, não há como alterar o estereótipo replicado nos veículos de comunicação a curto e médio prazo, posto que é uma construção da realidade arraigada na cultura e que só pode ser modificada ao longo de gerações. Não é porque a tecnologia de informação e seus dispositivos comunicacionais evoluíram que vão alterar a forma como as mídias retratam estereótipos e os reforçam.

Posto que, aqui, os veículos de comunicação não foram compreendidos como meros instrumentos de transmissão, mas como integrantes de uma consciência histórica nas práticas sociais; transformando-a e gerando sentido.

Não quer dizer que, com isso, os indivíduos assimilam a informação massificada oferecida pelas mídias, mesmo as que não estão inseridas no formato dos meios de comunicação de massa, como é o caso dos documentários, mas os indivíduos estão inseridos em movimentos culturais e processos históricos involuntários que os moldam. Assim, os meios de comunicação contemporâneos interferem nas relações sociais e retiram do indivíduo a capacidade de exercer reflexão de conceitos preestabelecidos, conduzindo

do-os ao estereótipo instantâneo através da atitude natural defendida pela fenomenologia, onde o indivíduo suspende a dúvida do seu cotidiano, do mundo da vida, aceitando-o como é sem reflexão ou questionamento.

Não está aqui sendo discutido como o indivíduo recebe a informação ou como ela é produzida, mas o fato de que tipificações arraigadas são *a priori* dos conteúdos que geram ou não valoração negativa ou positiva aos indivíduos através dos meios de comunicação.

O indivíduo, assim, não cria a realidade através dos veículos de comunicação, mas a recebe. A construção social parte de sistemas sócio-político-econômico-midiático-cultural. Um gerando aporte ao outro num sentido de complementaridade de significado social.

Há uma ideologia presente na descrição e fala dos entrevistados das narrativas. As categorias de análise, assim, serviram como unidades de significado, através das leituras das descrições, numa perspectiva dentre várias possíveis e existentes.

Faz-se necessário, assim, que o indivíduo reflita sobre o que está sendo exposto nos veículos de comunicação, sem questionamentos, mas que chegue a uma interpretação criadora de sentido. Não se pode tomar os estereótipos como generalizações absolutas encerradas e sem reflexões que podem alterá-los. Mesmo sabendo que os estereótipos servem para situar e hierarquizar o conhecimento. Além de importante, útil e intrínseco a construção do conhecimento, não pode se tornar a verdade única, absoluta e fonte geradora destes conhecimentos. Serve como informação prévia, não como fato único e justificável.

No entanto, não se deseja com essa pesquisa finalizar incitando que toda interpretação pressupõe hábitos mentais inadvertidos. Afinal de contas, buscar a autoconsciência não é livrar-se de todos os prejulgamentos e opiniões ou negar as experiências passadas de cada indivíduo, mas é estar aberto e receptivo aos acontecimentos.

Cada indivíduo pode exercer a reflexão de seus preconceitos e condicionamentos e encontrar novas formas de ver. Para tanto, é necessário conhecer não só o sistema de valores e representação, mas voltar as coisas mesmas, compreendendo as distorções

inconscientes que representam a realidade social e que é difundida também através dos veículos de comunicação.

O senso comum não procura infirmar, ou seja, enfraquecer as hipóteses apresentadas e constituídas pelo *habitus*, mas sim confirmá-las. São feitas generalizações acríticas através de sistemas de valores, ou sistemas de relevância, e o *status quo* dificulta que os estereótipos sejam alterados por informações incongruentes com os mesmos. Gerando, assim, versões simplificadas da realidade através de indução da seleção de dada informação, segurando a atenção através de acúmulos de símbolos, dirigindo o conteúdo representando-o através da percepção de um determinado tema.

Nesta pesquisa foi possível identificar que olhar no nível epistemológico da fenomenologia é refletir sob óticas controversas e não se espera uma concordância. O estereótipo é uma condição *sine qua non* da construção do conhecimento do indivíduo, não um empecilho para a compreensão da realidade social, inclusive através da comunicação.

Conforme leitura fenomenológica, os documentários, objetos desta pesquisa, reforçam e disseminam estereótipos que ajudam os indivíduos a entender o mundo com base em certos pressupostos ideológicos, mas também pode ser perigoso para a generalização absoluta de conceitos, reforçando e legitimando discursos preconceituosos, xenófobos e racistas. E, ao mesmo tempo, cristalizando imagens que justificam este preconceito e estereótipo.

Pois a cultura, para a fenomenologia, tem a capacidade de ‘programar’ a mente de um indivíduo, predispondo-o a certo tipo de reação quando estimulado por certo fator. E só alterando as formas de enquadramento é que as imagens arquivadas na memória coletiva vão ser alteradas.

E esta cultura é difundida por veículos de comunicação através do compartilhamento de fenômenos. Sendo, ao mesmo tempo, definidos, redefinidos, constituindo e sendo reconstituídos através dos fenômenos sociais que distribuem e refratam.

No entanto, é preciso pontuar que, apesar da afirmação de que as mídias pós-massivas não produzem novos sentidos não-estereotipados através das informações que estão disponíveis nela, não quer dizer que não há modificação da forma de consumo de

conteúdos. Apenas não há comprovação de que estes dispositivos tecnológicos acessados contribuem para a dissolução de estereotípias arraigadas na cultura. Não mudando aquilo que os indivíduos conhecem, mas potencializando seus interesses, não alterando hábitos mentais profundamente arraigados.

Muitos caminhos ficaram abertos. O importante é que novos rumos podem ser tomados sempre e que a avidez pelo conhecimento não se encerra por aqui. A sensação é que é só o começo.

Provavelmente não apenas os receptores como os produtores não tenham a dimensão do quanto os veículos de comunicação estão a serviço de inúmeros interesses individuais e coletivos, de controle e de ideologias. Se tomou o cuidado de tratar o interagente desta pesquisa como indivíduos, não distinguidos, pois recepção não é o foco desta pesquisa, nem mesmo a produção, mas o conteúdo.

Os veículos de comunicação são determinantes para a construção social da realidade. Mesmo não sendo possível verificar como a audiência responde a este bombardeio de informações tendenciosas e que uso será feito disso. Mas os veículos de comunicação, no caso desta pesquisa documentários, devem transmitir conteúdo de qualidade e ter respeito com o público, se responsabilizando mais pela sua qualidade de informações, ajudando o indivíduo a tomar suas próprias decisões de maneira reflexiva.

Referências Bibliográficas

- ALMEIDA, Maria da Graça Blaya. **Alguém para odiar. In: A violência na sociedade contemporânea.** Porto Alegre, EDIPUCRS, 2010.
- ARENDT, Hannah. **A Condição Humana.** Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária, 1997.
- AUDI, Robert Dir. **Dicionário de filosofia de Cambridge.** São Paulo: Paulus, 2006.
- BACON, Francis. **Novum Organum ou Verdadeiras Indicações Acerca da Interpretação da Natureza e Nova Atlântida.** Ed. Nova Cultural: São Paulo, 1999.
- BARNET, Richard. **The Game of Nations.** Harpers's Magazine, nov, 1971.
- BARROS FILHO, Clóvis de. **Ética na comunicação: da informação ao receptor.** São Paulo: Moderna, 2001.
- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade.** Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- BENNETT, Andy. **Culture and Everyday Life.** Sage, 2005.
- BERGER, Peter. **The problem of multiple realities: Alfred Schutz and Robert Musil In: Natanson, Maurice, Phenomenology and social reality: essays in memory of Alfred Schutz.** Hague, Martinus Nijhoff, 1970.
- BERGER, P. e LUCKMANN, T. **A construção social da realidade.** Rio de Janeiro, Petrópolis, Vozes, 2004.
- BLANCO, Guillermo J. **Curso de Antropologia filosófica.** Buenos Aires: EDUCA, 2002.
- BLEICHER, Josef. **Hermenêutica Contemporânea.** Lisboa: ed. 70, 1980.
- BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão: seguido de a influência do jornalismo e os jogos olímpicos.** Rio de Janeiro: Zahar, 1997.
- _____. **O poder simbólico.** Rio de Janeiro : Bertrand Brasil, 2003.
- BRUYNE, Paul de; HERMAN, Jacques e SCHOUTHEETE, Marc de. **Dinâmica da Pesquisa em Ciências Sociais: Os pólos da prática metodológica.** Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.
- CAPALBO, Creusa. **Metodologia das ciências sociais: a fenomenologia de Alfred Schutz.** Rio de Janeiro: Antares, 1979.
- CASTELLS, Manuel. **A era da informação: economia, sociedade e cultura.** São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- _____. **La sociedad de la información y el estado del bienestar: el modelo finlandés.** Madrid: Alianza Editorial, 2002.
- CORREIA, João Carlos. **A teoria da comunicação de Alfred Schutz.** Lisboa: Livros Horizonte, 2005.
- CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais.** São Paulo: EDUSC, 1999.

DARTIGUES, André. **O que é fenomenologia?** Rio de Janeiro: Eldorado, 1992.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo: comentários sobre a sociedade do espetáculo.** Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos.** Lisboa: DIFEL, 1991.

FEATHERSTONE, Mike. **Cultura global: nacionalismo, globalização e modernidade.** 3. Ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

_____. **O desmanche da cultura: globalização, pós-modernismo e identidade.** São Paulo: Studio Nobel, 1997.

FERREIRA, Giovandro Marcus. **Os Meios de Comunicação pelo viés do Paradigma da Sociedade de Massa.** Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/xxiici/gt20/gt20a8.pdf>>. Acesso em: 17 abr. 2011.

FERRÉS, Joan. **Televisão subliminar: socializando através de comunicações despercebidas.** Porto Alegre: Artmed, 1998.

FINKIELKRAUT, Alain. **A derrota do pensamento.** 2. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

FISCHER, Heinz-Dietrich, John Calhoun Merrill (Orgs.). **Comunicação internacional: Meios, canais, funções.** 1. Ed. São Paulo: Cultrix, 1980.

FISKE, Susan T. **Stereotyping, prejudice and discrimination at the seam between the centuries: evolution, culture, mind and brain.** European Journal of Social Psychology, Volume 30, Number 3 (May 2000), p. 299-322. Disponível em: <http://ejournals.ebsco.com/direct.asp?ArticleID=pad914mmbjdlm87ynacx>. Acesso em: 14 abril 2011.

FLEUR, Melvin L. de. **Teorias de comunicação de massa.** Rio de Janeiro: Zahar, 1971.

FRAGOSO, Suely. **Métodos de pesquisa para internet.** Porto Alegre: Sulina, 2012.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização.** Rio de Janeiro: Imago, 1997.

GADINI, Sérgio Luiz. Em busca de uma teoria construcionista do jornalismo contemporâneo: a notícia entre uma forma singular de conhecimento e um mecanismo de construção social da realidade. Revista Famecos, Porto Alegre, n.33, p. 79-88, 2007.

GALLI, Loeci Maria Pagano. **Comunicação contemporânea: uma visão da fenomenologia, gestalt-terapia e da hermenêutica.** Tese de doutorado apresentada na Faculdade de Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2007.

GOFFMANN, Erving. **Frame analysis.** New York: Harper y Row, 1974.

GUTFREIND, Cristiane Freitas e SILVA, Juremir Machado (org.). **Guy Debord: antes e depois do espetáculo.** Porto Alegre: Edipucrs, 2007.

HALL, Edward T. **A dimensão oculta.** Lisboa: Relógio d'Água, 1986.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo.** Petrópolis: Vozes, 1989.

HERMAN, Edward S. **A manipulação do público.** São Paulo: Futura, 2003.

HOHLFELDT, Antônio. **Imagem e identidade através da cultura ocidental**. In: GUTFREIND, Cristiane Freitas e SILVA, Juremir Machado (org.). **Guy Debord: antes e depois do espetáculo**. Porto Alegre: Edipucrs, 2007.

HUME, David. **Investigação sobre o entendimento humano**. Rio de Janeiro: 70, 1985.

HUNTINGTON, Samuel P. **O choque de civilizações e a recomposição da ordem mundial**. Rio de Janeiro, Ed. Objetiva, 1997.

HUSSERL, Edmund. **A ideia da fenomenologia**. Lisboa: Edições 70: 2008.

_____. **A Ideia de Fenomenologia**. Lisboa: Edições 70, 1989.

_____. **Conferência de Paris**. Rio de Janeiro: Edições 70, 1992.

_____. **La crise des sciences européennes et la phénoménologie transcendentale**. Paris, Gallimard, 1967.

_____. **La philosophie comme science rigoureuse**, Paris, PUF, 1989b.

_____. **Meditações cartesianas: introdução à fenomenologia**. Porto: Rés, [1980?].

IANNI, Octávio. **A era do globalismo**. 4. Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

LE BON, Gustave. **As opiniões e as crenças**. Edição Ridendo Castigat Mores, 2002.

LE MOS, André. **Cibercultura e mobilidade: a era da conexão**. In: LEÃO, Lúcia. **Derivas: cartografias do ciberespaço**. São Paulo: Annablume; Senac, 2004, p. 17-43.

_____. **Cidade e mobilidade: telefones celulares, funções pós-massivas e os territórios informacionais**. Revista Matrizes, São Paulo, n. 1, p. 121-137. Out. 2007a.

_____. **Mídia locativa: comunicação e mobilidade; introdução e aspectos gerais**. In: **Curso de extensão mídias locativas: comunicação e mobilidade**. Auditório da Faculdade de Comunicação da UFBA. 11 mai. 2009.

_____. **Mídias locativas e territórios informacionais**. In: SANTAELLA, Lúcia; ARANTES, Priscila (edit.). **Estéticas tecnológicas: novos modos de sentir**. São Paulo: EDUC, 2007b, p.48-71.

LÉVY, Pierre. **O que é o virtual?**. São Paulo : Ed. 34, 1994.

LIPOVETSKY, Gilles. **A era do vazio**. Lisboa: Relógio d'Água, 1983.

_____. **Os tempos hipermodernos**. São Paulo: Barcarolla, 2004.

LIPPMANN, Walter. **Opinião Pública**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2008.

LOCKE, John. **Ensaio sobre o entendimento humano**. Lisboa: FCG, 1999.

LURIA, Alexander Romanovich. **Curso de psicologia geral**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979. Volume 2: Sensações e percepção.

_____. **Curso de psicologia geral**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979. Volume 3: Atenção e memória.

_____. **Curso de psicologia geral**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979. Volume 4: Linguagem e pensamento.

_____. **Desenvolvimento Cognitivo: seus fundamentos culturais e sociais**. São Paulo: Ícone, 1990.

LHUMANN, N. **The differentiation of society**. New York, Columbia University Press, 1982.

MARTINELLI, Dante P.; Ventura, Carla A. A.; Machado, Juliano R. **Negociação internacional**. Ed. Atlas. São Paulo, 2004.

MARTINS, Joel e BICUDO, Maria, A. V. A pesquisa **Qualitativa em psicologia. Fundamentos e recursos básicos**. São Paulo: EDUC/ Morais, 1989.

MATTELART, Armand. **A globalização da comunicação**. 1. Ed. Bauru, SP: EDUSC, 2000.

MCLUHAN, Marshall. **Guerra e paz na aldeia global**. Rio de Janeiro: Record, 1971.

MASINI, Elsie F.S. **O enfoque fenomenológico de pesquisa na educação**. In: FAZENDA, Ivani (org) **Metodologia da pesquisa educacional**. São Paulo: Cortez, 1982.

MATURANA, Humberto R. **A árvore do conhecimento: as bases biológicas do entendimento humano**. 3. ed. São Paulo : Palas Athena, 2001.

MAZZARA, Bruno M. **Estereótipos y Prejuicios**. Acento Editorial, Madrid, 1999.

MICHALET, Charles Albert. **O que é a mundialização**: pequeno tratado para uso dos que ainda não sabem se devem ser a favor ou contra. São Paulo: Loyola, 2002.

MIÈGE, Bernard. **O pensamento comunicacional**. Petrópolis: Vozes, 2000.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Lisboa: Inst. Piaget, 1991.

_____. **O método 3**. Ed. Porto Alegre: Sulina, 2005.

_____. **O método 4**. Ed. Porto Alegre: Sulina, 2005.

_____. **O método 5**. Ed. Madrid: Cátedra, 1986.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. Campinas: Papirus, 2010.

_____. **Movie and methods**. v.I. California Universit: Califórnia, 2012.

_____. **Representing Reality**. Indianópolis: Indiana University Press, 1991.

PRIMO, Alex Fernando Teixeira. **Enfoques e desfoques no estudo da interação mediada por computador**. Disponível em: http://www6.ufrgs.br/limc/PDFs/enfoques_desfoques.pdf>. Acesso em: 10 set 2011.

_____. **Interação mediada por computador: comunicação, cibercultura, cognição**. Porto Alegre: Sulina, 2007.

RAMOS, Fernão Pessoa. **Mas afinal, o que é mesmo documentário?** São Paulo: SENAC, 2008.

RODRIGUES, José Carlos. **Antropologia e Comunicação: princípios radicais**. 1989.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Ensaio sobre a origem das línguas**. In: **Os pensadores**. São Paulo, Nova Cultural, 1991.

RUDIGER, Francisco. **Guy Debord e a Teoria Crítica: Trajetória, atualidade e perspectivas**. In: **GUTFREIND, Cristiane Freitas e SILVA, Juremir Machado (org.)**. **Guy Debord: antes e depois do espetáculo**. Porto Alegre: Edipucrs, 2007.

RYDGREN, Jens. **The Logic of Xenophobia**, 2004. *Personality and Social Psychology Bulletin*, Volume 30, Number 2 (February 02, 2003), p. 76-89. Disponível em: <<http://ejournals.ebsco.com/direct.asp?ArticleID=84r2nv48ll2e53ddpylk>>. Acesso em: 20 abril 2009, 16h10.

SÁDABA, Teresa. **Framing: el encuadre de las noticias. El bonomio terrorismo-medios**. La Crujia, 2008.

SANTOS, Hermílio. **Alteridade, decepção e estigma no ciberespaço: desdobramentos da interação social mediada**. *Revista Famecos*, Porto Alegre, n.26 p. 41-46, 2005.

_____. **Cidadania interativa, comunidade e sociedade: uma análise com prelúdio e três aos**. *Revista Famecos*, Porto Alegre, n.23, p.128-139, 2004.

_____. **Interação social, novas ideias e cidadania: apontamentos para a análise da recomposição de identidades ameaçadas**. *Civitas*, Porto Alegre, v.7, p.9-24, 2007.

_____. **Interpretations of everyday life: approximations to the analysis of lifeworld = Interpretações da vida cotidiana: aproximações à análise do mundo da vida**. *Civitas*, Porto Alegre, v.9, n.1, p. 103-117, 2009.

SARDI, Sérgio Augusto. **O que é comunicar e pensar? : aportes para uma dialética da alteridade**. *Véritas*, Porto Alegre, v.43, n.172, p. 1111-1120, 1998.

SCHUTZ, Alfred. **The phenomenology of the social world**. Evanston, IL: Northwestern University Press, 1967.

_____. **Collected papers, Vol. I**. The Hague: Martinus Nijhoff, 1975a.

_____. **Collected Papers, Vol. II**. The Hague, Martinus Nijhoff, 1976.

_____. **Collected Papers III**. The Hague, Martinus Nijhoff, 1975b.

_____. **Collected Papers IV**. Dordrecht, Boston and London, Kluwer Academic Publishers, 1996.

_____. **Fenomenologia e relações sociais: textos escolhidos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

_____. **Life-forms and meaning structures**. Routledge and Keagan Paul, 1982.

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede**. Petrópolis, Vozes, 2002.

_____. **Pensar com Debord**. In: **GUTFREIND, Cristiane Freitas e SILVA, Juremir Machado (org.)**. **Guy Debord: antes e depois do espetáculo**. Porto Alegre: Edipucrs, 2007.

SOUZA, Ricardo Timm de. **Em torno à diferença: aventuras da alteridade na complexidade da cultura contemporânea**. Rio de Janeiro: Lúmen Júris, 2008.

_____. **Sentido e alteridade: dez ensaios sobre o pensamento de Emmanuel Levinas**. 2 ed. Porto Alegre, EDIPUCRS, 2009.

SUBIRATS, Eduardo. **A cultura como espetáculo**. São Paulo: Nobel, 2002.

TURKLE, Sherry. *Alone together: why we expect more from technology and less from each other*. New York (NY) : Basic Books, 2011.

_____. *Life on the screen: identity in the age of the Internet*. New York, NY : Touchstone, 1998.

VATTIMO, Gianni. **Ética de la interpretación**. Buenos Aires: Paidós, 1992.

VAZ, SJ, Henrique C. L. **Antropologia Filosófica II**. São Paulo: Edições Loyola, 1992.

WAINBERG, Jacques Alkalai. **Mídia e violência: a luta contra a desatenção e a sonolência das massas**. In: ALMEIDA, Maria da Graça Blaya. **A violência na sociedade contemporânea**. Porto Alegre, EDIPUCRS, 2010.

_____. **Comunicação internacional e intercultural: a luta pelo imaginário social, o temor à segregação e o caso do terrorismo**. Civitas (Porto Alegre) revista de ciências sociais, Porto Alegre, v.5, n.2, p. 275-295, 2005.

WOLF, Mauro. **Teorias das comunicações de massa**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

WOLTON, Dominique. **É preciso salvar a comunicação**. São Paulo: Paulus, 2006.

_____. **Elogio do grande público: Uma teoria crítica da televisão**. São Paulo: Ática, 1996.

_____. **Internet e depois?: Uma crítica das novas mídias**. Porto Alegre: Sulina, 2003.

_____. **Seminário: "Comunicação, modernização e tecnologia"**. Porto Alegre, 21 e 22 ago 2008. PUCRS.